

**Jaqueline Lessa Maciel**

**O LUGAR NA CONSTRUÇÃO DE MAPAS MENTAIS NO PARQUE DA  
REDENÇÃO EM PORTO ALEGRE-RS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia, na linha de pesquisa Dinâmicas Territoriais do Cone Sul, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito para a obtenção do grau de **Doutora em Geografia.**

Orientador: Prof. Dr. Benhur Pinós da Costa

Santa Maria, RS  
2019

Maciel, Jaqueline Lessa

O LUGAR NA CONSTRUÇÃO DE MAPAS MENTAIS NO PARQUE DA  
REDENÇÃO EM PORTO ALEGRE-RS / Jaqueline Lessa Maciel.-  
2019.

123 p.; 30 cm

Orientador: Benhur Pinós da Costa

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de  
Pós-Graduação em Geografia e Geociências, RS, 2019

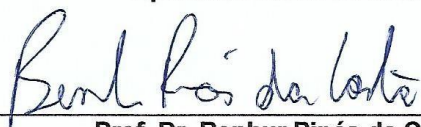
1. Parque da Redenção 2. Mapas Mentais 3. Lugar 4.  
Percepção 5. Representação I. da Costa, Benhur Pinós II.  
Título.

**Jaqueline Lessa Maciel**

**O LUGAR NA CONSTRUÇÃO DE MAPAS MENTAIS NO PARQUE DA  
REDEÇÃO EM PORTO ALEGRE-RS**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Geografia, na linha de pesquisa Dinâmicas Territoriais do Cone Sul, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito para a obtenção do grau de **Doutora em Geografia**.

**Aprovado em 01 de abril de 2019:**



**Prof. Dr. Benhur Pinós da Costa (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)



**Prof. Dr. Cláudia Pires (UFRGS)**



**Prof. Dr. Nelson Rego (UFRGS)**



**Prof. Dr. Rivaldo Mauro de Faria (UFSM)**



**Profa. Dra. Salette Kozel (UFPR)**

Santa Maria, RS  
2019

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família que tem me dado o suporte nesse momento importante e necessário para realizar esse projeto;

Especialmente, à minha filha Valentina, pelas ausências necessárias nesses últimos quatro anos. Perdemos, juntas, momentos importantes das nossas infâncias, com muito choro e não entendimentos quando, com apenas 3 anos de idade, ela se despedia da mamãe, na rodoviária de Porto Alegre, aos domingos.

Ao meu amor, meu marido Celito, pelo apoio e pelos cuidados com a nossa filha durante as minhas ausências. Com certeza, sem esse apoio não seria possível a realização desse sonho. Tu és o meu porto seguro.

Ao meu filho Gerson, por ter me ensinado desde muito cedo a não desistir.

Aos meus pais e aos meus irmãos, pela cumplicidade.

Aos todos meus ancestrais, que contribuíram para que eu seja quem eu sou.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, o Prof. Dr. Benhur Pinós da Costa pelo apoio, dedicação, compreensão em todas as fases desse projeto. Lembro-me, da época em que nos conhecemos. Foi no ano de 2003. Naquele momento, ambos percebemos que tínhamos muitas coisas em comum. Tínhamos vontades semelhantes, trabalhos sociais, trabalhos em parques e praças. Acabamos descobrindo, mais tarde, que tínhamos também em comum a mesma cidade natal, nascemos em Guaíba, cidade do estado do Rio Grande do Sul. Logo, após conhecê-lo, “a bióloga” foi apresentada ao mundo da geografia e para tantas pessoas especiais que fazem essa ciência acontecer. Foi desta forma que comecei a entender o campo abrangente que a geografia oferecia. Juntos, realizamos trabalhos, de seminários, criação de artigos, além de muitas caminhadas e diálogos pela Redenção. Conversávamos sobre a possibilidade de desenvolvermos uma tese de doutorado com a sua orientação. Quando ele voltou de Manaus, e foi para a Universidade Federal de Santa Maria, decidimos que tinha chegado o momento do nosso desejo se materializar! Naquele momento, nos reencontramos exercendo papéis diferentes, agora ele era o meu orientador! Pude, dessa forma, conhecer esse outro papel que o Benhur também exerce muito bem, e assim concluir que a essência dele é única. Professor e amigo dos seus alunos, inteligente, cuidadoso e muito prestativo, exala amor naquilo que faz, naquilo que diz, naquilo que exerce...Gratidão Benhur!

À Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM-POA), aos ex-colegas, ao Secretário da época, Cláudio Dilda, pelo incentivo. Em especial ao Centro de Educação e Informação Ambiental (CEIA), que me fez crescer e me oportunizou a conhecer um pouco mais a cidade de Porto Alegre e os seus parques urbanos;

Ao amigo e mentor, fonte de inspiração na minha vida profissional: Prof Dr Genebaldo Freire Dias, por não ter me deixado desistir;

À amiga Claudia Barbosa, pela amizade, por sentar do meu lado e por me auxiliar nas revisões;

Ao amigo Everton Quadros, pelo apoio, um geógrafo e tanto, pelo apoio;

Aos colegas do grupo de pesquisa, em especial Elizandra, Gustavo e Léo, pelo apoio, quando necessário.

Ao Wander, pelo carinho e atenção nos dias de pouso em Santa Maria, juntamente com o Dr. Benhur.

Aos amigos e familiares, que contribuíram, de forma importante na construção desse trabalho;

Aos professores do Pós Graduação da Geografia, que contribuíram muito para o direcionamento desse trabalho;

À Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e ao Pós Graduação de Geografia, pela possibilidade de realizar esse trabalho.

*“Não havíamos marcado hora, não havíamos marcado lugar. E, na infinita possibilidade de lugares, na infinita possibilidade de tempos, nossos tempos e nossos lugares coincidiram. E deu-se o encontro.”*

*Rubem Alves*

## RESUMO

### O LUGAR NA CONSTRUÇÃO DE MAPAS MENTAIS NO PARQUE DA REDEÇÃO EM PORTO ALEGRE-RS

AUTORA: Jaqueline Lessa Maciel

ORIENTADOR: Prof. Dr. Benhur Pinós Da Costa

O presente trabalho parte do interesse em compreender como os sujeitos que vivem o Parque da Redenção em Porto Alegre o percebem como lugar. O Parque da Redenção é um dos espaços verdes mais visitado e mais frequentado da capital gaúcha. Atrai diversos grupos sociais que desenvolvem convivências diferenciadas. Estes grupos sociais produzem relações de identidade entre seus integrantes e os vários ambientes do parque. A variabilidade de usos do espaço gera múltiplas apropriações e uma ilimitada relação dos sujeitos com sua totalidade de 37,5 hectares. A extensão de terra foi doada para a cidade em 1807. Hoje, o parque possui aproximadamente 10.000 árvores e é caracterizado pela existência de diferentes recantos exclusivos. Os frequentadores assíduos do Parque da Redenção normalmente criam vínculos com lugares específicos, enquanto que os visitantes eventuais utilizam os espaços esporadicamente em busca de paisagens e lazer. As pessoas que usam sempre os mesmos recintos, estabelecem forte vínculo, apego, afetividade e até sentimento de posse por esses espaços. Para investigar se e/ou como os sujeitos transformam o Parque da Redenção em lugar, este trabalho utilizou o método fenomenológico e o aporte teórico metodológico dos mapas mentais para analisar a percepção e a representação. Foram definidos três grupos para a aplicação dos mapas mentais: Militar, Poder Público e Geral, sendo esses interpretados através de três categorias de análise: Déficit de Natureza, Flaneur e Sociabilidade. Os resultados desse estudo demonstraram que a relação com a natureza e a sociabilidade são elementos que se destacam, concluindo que o Parque da Redenção pode ser considerado um lugar.

**Palavras-chave:** Parque da Redenção. Parques Urbanos. Mapas Mentais. Lugar. Percepção. Representação.

## ABSTRACT

### THE PLACE IN MIND MAP BUILDING IN REDENÇÃO PARK IN PORTO ALEGRE- RS

AUTHOR: Jaqueline Lessa Maciel

ADVISOR: Prof. Dr. Benhur Pinós Da Costa

The present study originated from the interest in comprehending how subjects who experience Redenção Park in Porto Alegre perceive it as a place. The Redenção Park is one of the most visited and attended green spaces in the Southern State capital. It attracts several social groups which establish different interactions. These social groups produce identity relationships among its members and the park's various environments. The variability of its use of space generates multiple appropriations and limited relationships between the subjects and the park's total of 37,5 hectares. The land extent was donated to the city in 1807. Today, the park has approximately 10.000 trees and it is characterized by many exclusive nooks. Redenção Park's regular attendees usually create a bond with specific places while occasional visitors use the space sporadically in search of natural landscape view and leisure. People who use always the same places establish a strong connection, attachment, affectivity and even ownership sense regarding these spaces. In order to investigate if and/or how the subjects turn Redenção Park into a place, this study uses the phenomenological method and the mind maps theoretical ground to fully analyze the perception and representation. Three groups were determined for application of mind maps: Military, Public Power and General, these being interpreted through three categories of analysis: Nature Deficit, Flaneur and Sociability. The results of this study showed that the relationship with nature and sociability are elements which stand out, concluding that Redenção Park can be considered a place.

**Keywords:** Redenção Park. Urban Parks. Mind Maps. Place. Perception. Representation.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Fases Metodológicas da Pesquisa.....	16
Figura 02 – Imagem representando a trilha do Parque da Redenção, no livro: Trilhando os Parques de Porto Alegre - Educação Ambiental: Interpretar e Sensibilizar para Transformar .....	19
Figura 03 - Mapa de localização do Parque da Redenção, Porto Alegre/RS - Brasil. ....	30
Figura 04 – Vista parcial do Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil - Exposição de 1901 .....	31
Figura 05 – Vista parcial do Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil, com eixos traçados sobre as trilhas - Exposição de 1901 .....	32
Figura 06 – Planta baixa do Projeto de Agache, com eixos delimitando os espaços de Ajardinamento, do Parque da Redenção, Porto Alegre, RS .....	33
Figura 07 – Espelho d’água, Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (novembro/2016) .....	43
Figura 08 – Espaço de sociabilidade, Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (novembro/2016) .....	43
Figura 09 – Chafariz do espelho d’água, Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (novembro/2016) .....	44
Figura 10 – Recanto Europeu, Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (novembro/2016) .....	44
Figura 11 – Recanto Oriental, Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (novembro/2016) .....	45
Figura 12 – Lago dos pedalinhas, Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (novembro/2016) .....	45
Figura 13 – Mapa Mental 1 – Fase prévia da pesquisa .....	69
Figura 14 – Mapa Mental 2 – Fase prévia da pesquisa .....	70
Figura 15 – Mapa Mental 3 – Fase prévia da pesquisa .....	71
Figura 16 – Mapa Mental 4 – Fase prévia da pesquisa .....	72
Figura 17 – Mapa Mental 5 – Fase prévia da pesquisa .....	73
Figura 18 – Mapa Mental 6 – Fase prévia da pesquisa .....	74
Figura 19 – Tapume 1 envolvendo o Espelho D’água do Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (julho/2015) .....	76
Figura 20 – Tapume 2 envolvendo o Espelho D’água do Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (julho/2015) .....	76
Figura 21 – Tapume 3 envolvendo o Espelho D’água do Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (julho/2015) .....	77

Figura 22 – Reportagem de jornal - Queda de árvores ocasionada por forte temporal no Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (janeiro/2016) .....	84
Figura 23 – Participantes do Curso: Trilhando os Parques de Porto Alegre, Palestra antes da trilha - Sala do Orquidário – Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil .....	93
Figura 24 – Participantes do Curso: Trilhando os Parques de Porto Alegre, início da trilha, em frente ao Monumento ao Expedicionário – Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil .....	93
Figura 25 – Participantes do Curso: Trilhando os Parques de Porto Alegre, realizando os mapas mentais - Sala do Orquidário – Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil .....	94
Figura 26 – Participante da pesquisa prévia, interpretando o seu mapa mental - Sala do Orquidário – Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil .....	95
Figura 27 – Painel com apresentação de mapas mentais, construídos para este projeto de pesquisa - Sala do Orquidário – Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil .....	95
Figura 28 – Participante da pesquisa prévia, Professor Dr. Benhur Pinós, explicando o seu mapa mental - Sala do Orquidário – Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil .....	96
Figura 29 – Participante da pesquisa prévia, explicando o seu mapa mental - Sala do Orquidário – Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil .....	96
Figura 30 – Participantes da Palestra sobre mapas mentais – Hotel Embaixador, Porto Alegre/RS – Brasil .....	97
Figura 31 – Mapa Mental 7 – Grupo Militar .....	99
Figura 32 – Mapa Mental 8 – Grupo Militar .....	100
Figura 33 – Mapa Mental 9 – Grupo Poder Público .....	102
Figura 34 – Mapa Mental 10 – Grupo Poder Público .....	103
Figura 35 – Mapa Mental 11 – Grupo Poder Público .....	104
Figura 36 – Mapa Mental 12 – Grupo Poder Público .....	105
Figura 37 – Mapa Mental 13 – Grupo Geral .....	107
Figura 38 – Mapa Mental 14 – Grupo Geral .....	108
Figura 39 – Mapa Mental 15 – Grupo Geral .....	109
Figura 40 – Mapa Mental 16 – Grupo Geral .....	110
Figura 41 – Esquema Grupos de Mapas Mentais relacionados às Categorias de Análise.....	112

## **LISTA DE SIGLAS**

CCNE: Centro de Ciências Naturais e Exatas;

CEIA: Centro de Educação e Informação Ambiental;

LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros;

POA: Porto Alegre;

PUCRS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul;

SMAM: Secretaria Municipal do Meio Ambiente;

SOERAL: Sociedade Esportiva Recanto da Alegria;

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul;

UFSM: Universidade Federal de Santa Maria;

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2 PARQUE URBANO</b> .....	20
2.1 CARACTERIZANDO O PARQUE DA REDENÇÃO .....	27
<b>3 A GEOGRAFIA HUMANISTA E O MÉTODO FENOMENOLÓGICO</b> .....	46
3.1 PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO .....	51
<b>3.1.1 Mapas Mentais: Representação teórico-metodológica</b> .....	56
<b>4 A PESQUISA EMPÍRICA: APLICAÇÃO DOS MAPAS MENTAIS</b> .....	65
4.1 CARACTERIZANDO OS ELEMENTOS DE ANÁLISE DOS MAPAS MENTAIS .....	78
<b>4.1.1 Déficit de Natureza</b> .....	79
<b>4.1.2 Flaneur</b> .....	82
<b>4.1.3 Sociabilidade</b> .....	85
4.2 GRUPOS DE MAPAS MENTAIS .....	86
<b>4.2.1 Grupo Militar</b> .....	90
<b>4.2.2 Grupo Poder Público</b> .....	91
<b>4.2.3 Grupo Geral</b> .....	98
4.3 DESVELANDO OS MAPAS MENTAIS .....	99
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	113
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	119

## 1 INTRODUÇÃO

A análise da questão ambiental na sociedade urbana é resultante do processo no qual o homem e a natureza se relacionam. A sociedade se tornou cada vez mais urbana. Porém, ela vem estabelecendo fortes dependências com os elementos naturais diante de um modelo de desenvolvimento capitalista, baseado na exploração e na manutenção de vida, explicado pelo consumo desenfreado. Neste contexto, conforme Souza (2009) explica, o espaço urbano traduz as relações conflitantes entre o capital e o trabalho, evidenciando, não somente no sentido material, mas também nas relações de poder projetadas territorialmente e nas práticas sócio espaciais. Dessa maneira, o espaço representa uma estrutura dialeticamente definida dentro de uma economia política que informa sobre a sobrevivência do capitalismo atual.

Em todas as cidades, seus habitantes têm maneiras de marcar seus territórios. Não existe cidade cinzenta ou branca, que não anuncie, de alguma forma, que seus espaços são percorridos e denominados por seus cidadãos. (SILVA, 2001, p 21).

Sendo assim, é necessário caracterizar a evolução urbana da cidade de Porto Alegre e o redesenho que a capital gaúcha adquiriu, utilizando-se dos processos culturais presentes em cada território citadino, destacando a função social do Parque da Redenção, objeto desta pesquisa.

A partir do cenário ambiental e da importância da existência dos parques urbanos, torna-se fundamental a realização deste projeto de pesquisa. Cabe à Geografia o estudo da importância da existência de espaços verdes urbanos, juntamente com o estudo da percepção que a população possui em relação aos mesmos. Nesse sentido, o problema de pesquisa dessa tese reside na caracterização do Parque da Redenção como um lugar, através de interpretações de mapas mentais construídos por usuários do parque.

Segundo Tuan (1980), o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significados, requisitos que dependem do tempo de vivência constituído de experiências. No entanto, a familiaridade das pessoas com o meio onde se vive pode gerar, ao contrário de afeição, o desprezo, a repulsão e a aversão por lugares que são considerados feios ou desagradáveis por provocarem sentimentos de repulsa, desconforto ou medo (TUAN, 1980p 151).

Sobre essa relação, entende-se que a medida que o homem intensifica as experiências vividas nos lugares, ativa-se os sentimentos de pertencimento e afetividade, bem como o estranhamento e a rejeição. Podemos pensar que os lugares nascem do amor, pois se realizam nos encontros e nas trocas humanas. Mas não menos correto é afirmar que eles também nascem do ódio, já que também podem ser frutos da ira e do medo. Entretanto optou-se, neste trabalho, por analisar apenas sobre a topofilia, que está igualmente associada aos afetos provocados pelo lugar.

Deste modo, quanto mais o indivíduo atribui significado e importância para o lugar, mais se sente nele inserido. Além disso, é somado uma variada gama de intenções transformadoras, tanto de caráter prático quanto no sentido da subjetividade (emoções e sentimentos).

É possível perceber o pulsar do Parque da Redenção na cidade de Porto Alegre, assim como também é possível sentir e viver o lugar que ele representa/significa para quem o frequenta.

Nesse sentido, houve a necessidade de entender: Que espaço seria esse? Relacionada a essa pergunta, o objetivo principal deste trabalho é entender como os sujeitos frequentadores do Parque da Redenção estabelecem relações de afetividade com o mesmo e o percebem como lugar. Para tanto, foi necessário desenvolver discussões sobre os processos perceptivos dos sujeitos na construção destas afetividades. Decorrente do objetivo principal, delineamos os seguintes objetivos específicos:

1. Analisar a importância dos parques nos grandes centros urbanos, tendo como exemplo o Parque da Redenção, destacando a sua importância como lugar de lazer, contemplação, e patrimônio municipal;
2. Desvendar os espaços de sociabilidade e representação/percepção dos frequentadores do parque;
3. Identificar as principais modificações e transformações que o parque sofreu ao longo da evolução urbana de Porto Alegre e suas respectivas consequências no uso do espaço verde urbano;
4. Construir os mapas mentais evidenciando as representações das relações afetivas dos sujeitos com o Parque da Redenção, delineando o como lugar.

Os procedimentos metodológicos serão conectados aos objetivos propostos e ao recorte espacial da área de estudo.

É possível dizer que no contexto de análise, os discursos expressos pelos usuários participantes serão pautados pela análise da execução dos mapas mentais e observações de campo. Sendo assim, os processos metodológicos que serão desenvolvidos ao longo do trabalho são organizados da seguinte maneira: Inicialmente foi explorado o tema “Parque Urbano” e sua importância nos grandes centros urbanos. Revisão bibliográfica sobre lugar e fenomenologia, buscando requalificar referências e identificar o sentimento de afeição dos frequentadores do espaço em que vivem. Após, ocorreu a aplicação de mapas mentais buscando evidenciar elos afetivos com o lugar por meio da transmissão descrita e escrita da história do sujeito com o parque. Como acontece a relação dos sujeitos com esses ambientes, a partir do Parque da Redenção, percebendo-o como lugar. Identificação dos principais grupos sociais e a delimitação de seus respectivos espaços no parque, buscando perceber as representações dos objetos que passam por um processo de formação fundamentado por informações, experiências, conhecimentos e modelos.

O método fenomenológico e a geografia humanista constituíram a base teórica deste estudo, procurando entender esse pertencimento das pessoas que frequentam o parque. O sujeito sente o mundo e seus fenômenos baseado naquilo que ele conhece. Ou seja, na sua cultura, no meio ambiente, na formação intelectual e também em fatores que envolvem seu mundo interior e exterior. O estudo da percepção e da representação surgiu para embasar a aplicação e análise dos mapas mentais como aporte teórico metodológico.

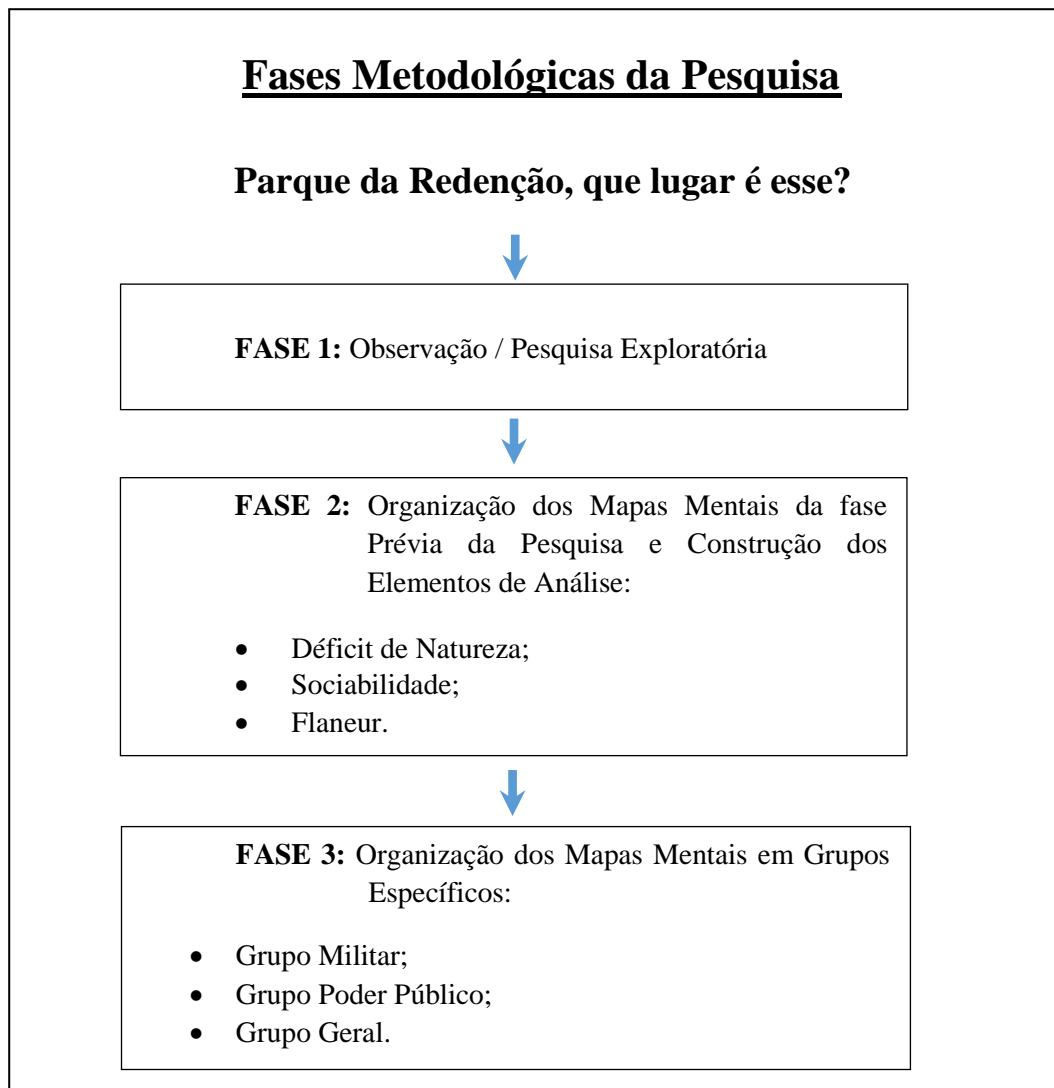
A análise priorizou a integração dos principais elementos pesquisados, a relação do uso dos frequentadores no Parque da Redenção e os espaços de sociabilidade e representação/percepção existente, pois entende-se que ambos não podem ser analisados isoladamente, já que apresentam padrões distintos de distribuição do lugar analisado. O estudo parte da análise da percepção dos usuários, tendo em vista desvendar a construção de lugares. Assim, a pesquisa ocupa-se do entendimento das diferentes representações sobre o parque, construído por diferentes sujeitos, grupos e agente institucionais, em uma abordagem atual/local.

Os lugares são unidades espaciais que se diferenciam devido às relações cotidianas que alimentam os vínculos identitários criados e mantidos pelas relações com pessoas e objetos presentes nesses pontos nodais da sociabilidade. Nos lugares, os sujeitos se reúnem e criam conexões que se tornam padrões culturais.

Entende-se, desta forma, que o primeiro contato com o mundo ocorre através das sensações captadas pelos órgãos dos sentidos. Essa concepção leva à percepção. E, através dessa, formam-se imagens de acordo com aquilo que cada um vivencia.

A partir desta evidência em relação ao método, a pesquisa foi organizada em três fases conforme visualizado na Figura 1 – Fases metodológica da pesquisa:

Figura 01 – Fases Metodológicas da Pesquisa



Fonte: A autora



Primeiro ocorreu a fase da observação, que aconteceu em diferentes dias, turnos e horários. O objetivo foi entender quem eram os sujeitos que “habitavam” o parque, assim como perceber se esses sujeitos se repetiam, se eles frequentavam os mesmos lugares, se estavam solitários ou sempre juntos. Quais os seus desejos e interesses em relação ao parque? Enfim, diversos questionamentos que o projeto provocou nessa fase da investigação.

Foi realizado um trabalho de percepção, para observar os grupos que se formavam na extensão do Parque da Redenção. Esse processo consistiu em analisar os grupos de frequentadores, num período de trinta dias, em horários e dias da semana diferentes.

A partir dessa fase, surgiu a necessidade de aprofundar o entendimento das necessidades e sentimentos dos usuários do parque. Surgiu a segunda fase que foi a aplicação dos mapas mentais. Foi apresentado alguns questionamentos aos envolvidos: Com qual frequência visita o parque? Qual sentimento quando estão no parque? Quando costumam frequentar o parque, ficam sempre no mesmo local? Esses questionamentos foram aplicados de maneira informal, exclusivamente para haver uma aproximação com os participantes. Foi feita então uma apresentação da proposta do projeto para o público citado. Os sujeitos que tiveram interesse passaram a participar da pesquisa. Após essa breve interação com os participantes foi solicitado que os mesmos fizessem os seus mapas, através da seguinte pergunta: Parque da Redenção, que lugar é esse?

Entregávamos folhas de papel sulfite A4 em branco para que os frequentadores inseridos nestes grupos representassem o seu mapa mental de forma individual e sem nenhuma orientação sobre como ou o que desenhar e/ou escrever. O sujeito foi apenas convidado a expressar no papel o que ele sente, percebe, identifica como vínculo com o Parque. O tempo de duração para a elaboração do mapa mental era livre e acontecia em no mínimo 15 minutos e no máximo 30 minutos.

A partir da primeira fase da aplicação dos mapas mentais, foi percebido alguns ícones que se repetiam com muita frequência: A presença de vegetação, grupos de seres humanos compartilhando espaços e indivíduos solitários. Para melhor compreensão das informações coletadas nos mapas mentais, no projeto de pesquisa, e entender a relação dos sujeitos com o parque, foram definidos

elementos de análise: Déficit de Natureza, Sociabilidade e Flaneur. Os ícones citados anteriormente deram suporte para a criação dessas categorias de análise.

A terceira fase foi selecionar os grupos de mapas mentais, tendo em vista a seguinte classificação: Grupo Militar, Grupo Poder Público e Grupo Geral. Tais grupos surgiram a partir de evidências em relação às suas características diferenciadas. Desta forma, surgiu a necessidade de comprovar se tais grupos possuíam as mesmas percepções em relação ao parque.

O Grupo Militar, em virtude das forças armadas estarem inseridas de forma tão intensa no parque, incluindo a forte movimentação, dos militares, na semana da Independência do Brasil.

O Grupo Poder Público em virtude do parque ser uma instituição governamental, sendo promovidas atividades de “trilhas no parque” com a intenção de sensibilizar os sujeitos para uma melhor relação com essas áreas verdes.

O Grupo Geral que está relacionado a um público não específico e diverso, selecionado de forma casual e aleatória entre os usuários do Parque da Redenção.

É importante trazer o registro, neste momento, da longa data de nossa convivência prévia, com o Parque da Redenção. Atuamos, por um período de doze anos, como Coordenadora do Centro de Educação e Informação Ambiental (CEIA) na da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM). Dentre os trabalhos desenvolvidos, um dos projetos mais significativos, com grande impacto sobre esse projeto de pesquisa, foi o projeto chamado “Trilhas de Sensibilização nos oito Parques Urbanos de Porto Alegre”. Essas trilhas faziam parte do programa do setor de Educação Ambiental e serviam para sensibilizar e despertar a conscientização em relação à importância dos parques para a cidade e para os seus cidadãos. Também serviam para promover a cultura do cuidado e respeito com os espaços verdes. Esse projeto, sendo um dos trabalhos com maior abrangência, no período em que atuamos junto a SMAM, acabou originando o livro “Trilhando os Parques de Porto Alegre – Educação Ambiental: Interpretar e Sensibilizar para Transformar” o qual será abordado com maior ênfase, mais adiante, no momento oportuno. Na figura 2, trazemos a imagem representando a trilha do Parque da Redenção, do Livro: “Trilhando os Parques de Porto Alegre - Educação Ambiental: Interpretar e Sensibilizar para Transformar”.

Figura 02 – Imagem representando a trilha do Parque da Redenção, no Livro: Trilhando os Parques de Porto Alegre - Educação Ambiental: Interpretar e Sensibilizar para Transformar.



Fonte: Livro Trilhando os Parques de Porto Alegre (MACIEL, 2014)

### Legenda

- |     |                              |     |                        |
|-----|------------------------------|-----|------------------------|
| 1.  | Monumento ao Expedicionário; | 24. | Árvore fóssil;         |
| 2.  | Corticeira-do-banhado;       | 25. | Umbu;                  |
| 3.  | Suinã;                       | 26. | Vergonha-de-estudante; |
| 4.  | Plátano;                     | 27. | Melaleucas;            |
| 5.  | Pata-de-vaca;                | 28. | Recanto Alpino;        |
| 6.  | Recanto Europeu;             | 29. | Cocão;                 |
| 7.  | Figueira Benjamina;          | 30. | Cipreste;              |
| 8.  | Fonte Francesa;              | 31. | Chafariz;              |
| 9.  | Teatro Araújo Vianna;        |     |                        |
| 10. | Aroeira mansa;               |     |                        |
| 11. | Bambu;                       |     |                        |
| 12. | Recanto Oriental;            |     |                        |
| 13. | Recanto Solar;               |     |                        |
| 14. | Figueira-Mata-Pau;           |     |                        |
| 15. | Taquaral;                    |     |                        |
| 16. | Eucalipto;                   |     |                        |
| 17. | Espelho d'água;              |     |                        |
| 18. | Ipê-roxo;                    |     |                        |
| 19. | Chal-chal;                   |     |                        |
| 20. | Pau-Brasil;                  |     |                        |
| 21. | Gingko biloba;               |     |                        |
| 22. | Lago Artificial;             |     |                        |
| 23. | Orquidário;                  |     |                        |

## 2 PARQUE URBANO

Através da análise histórica do surgimento dos primeiros parques urbanos podemos dizer que, no Brasil, esses equipamentos mobiliários surgem de forma diferente do que no cenário europeu. No território nacional, o termo parque urbano foi tardio, assim como o processo de industrialização, conforme Macedo & Sakata (2002). A criação de parques urbanos brasileiros está relacionada com a tentativa das elites de produzir uma vida europeizada por meio de um espaço que também pudesse atender a uma população cada vez mais urbanizada.

Segundo Macedo & Sakata (2002), o marco inicial da produção dos parques urbanos no Brasil aconteceu com a chegada da família real portuguesa, em 1808. Porém, existem evidências históricas de que já havia por aqui uma forte preocupação com a degradação ambiental desde o século XIX. Nesse contexto, o homem foi visto como destruidor da natureza. Isto se deu muito em função do avanço da industrialização e do crescente e acelerado desenvolvimento econômico alavancado pelas grandes potências mundiais, seguido pelas rápidas transformações nas cidades - onde a perda da qualidade de vida da população era (e continua sendo) significativa e despertou então o interesse pela conservação de áreas naturais não transformadas pelo ser humano. Essas áreas passaram a proporcionar ao homem urbano espaços onde ele podia viver momentos de lazer, de contemplação e de contato com a natureza. Eis que surgia, dessa maneira, no Brasil, uma mudança de olhar e de percepção do indivíduo em relação à natureza. A história nos revela que a ampliação da percepção frente ao mundo natural, incorporada às ideias românticas do século XIX, que remetiam ao imaginário do paraíso perdido, de um refúgio, da beleza e do sutil, foram o que impulsionou e incentivou a criação de áreas naturais protegidas, consideradas como ilhas dentro dos grandes centros urbanos.

As transformações econômicas, demográficas, sociais e culturais que ocorreram nas grandes cidades do País indicaram a necessidade de agregar novos significados aos parques, sugerindo que fossem revisados alguns pressupostos na formulação desse conceito.

No Brasil, o parque foi classificado como um equipamento urbano na última década do século XIX. Porém, é possível verificar que ainda há controvérsias a respeito desse conceito de parque, tanto para a sociedade de uma forma geral,

como para quem gerencia os parques – ou seja, os órgãos públicos de diferentes instâncias. Como citado anteriormente, os parques em nosso País, foram desenhados imitando um modelo Europeu, com jardins bem definidos, muitas vezes inclusive, usando plantas exóticas, originadas de outros países, bem como recantos e passeios para contemplação.

Os jardins e parques públicos estão “na moda”. Espaços frágeis e preciosos, sua implantação faz eco às reivindicações generalizadas por áreas verdes e naturais no contexto das grandes cidades na atualidade (SERPA, 2007, p. 82).

Muitos autores que pesquisam o conceito de parque como área que faz parte de espaços livres de edificações em meio urbano, entendem que o papel do parque urbano é amplo e as definições nem sempre são precisas. Para Kliass (1993), por exemplo, os parques urbanos são espaços públicos com dimensões significativas e predominância de elementos naturais, principalmente no que se refere à cobertura vegetal, destinados à recreação. A autora frisa que o parque é um fator urbano de relativa autonomia e este interage com o seu entorno, apresentando condições de absorver diferenças de acordo com a estrutura urbana e com os hábitos da sua população (KLIASS, 1993, p. 20).

Nesse sentido, a referida autora relata em seu livro que o parque é o lugar de interação com os elementos naturais, onde se reafirmam valores em relação ao ambiente natural e maior vínculo com a cidade. Por isso, o parque não deve ser pensado de forma isolada da cidade, mas como parte de um sistema que se distribui justamente pela cidade e abrange a região.

Fui responsável, profissionalmente, por aproximadamente uma centena de áreas públicas. Mas não costumo classificar mais do que 20 delas como “parques”, pois reservo este termo para lugares que se distinguem não por possuir árvores, sejam elas isoladas ou em grupo ou em maciços, ou por possuírem flores, estátuas, estradas, pontes, ou ainda coleções disso ou daquilo; reservo a palavra parque para lugares com amplidão e espaço suficientes com todas as qualidades necessárias que justifiquem a aplicação a eles daquilo que pode ser encontrado na palavra cenário ou na palavra paisagem, no seu sentido mais antigo e radical, naquilo que os aproxima muito de cenário. (KLIAS, 1993: p. 19).

Conforme Aguiar (2013) Desde o surgimento dos primeiros parques nacionais nos Estados Unidos, as Áreas Naturais protegidas, em âmbito mundial, apresentam

diversos modelos. Historicamente eles são considerados importantes mecanismos da preservação e/ou conservação da natureza.

Diante da importância que adquiriram tais espaços, não somente para lazer e preservação, o ser humano começou a criar um sentido mais amplo para a conservação dos atributos naturais, os movimentos sociais e para a capacidade de mudar sua relação com a natureza. A busca por estas áreas mostra a procura dos seres humanos por uma melhor qualidade de vida nos centros urbanos. Muitas pessoas deixaram de ver esses espaços como “exóticos” por estar em um ambiente marcadamente urbano. Elas passaram a ter esses espaços como seus “aliados” no dia a dia, nos finais de semana ou sempre que possível.

Porém, para que aconteça essa transformação, existe a dependência da representação e das ideias que os sujeitos fazem daquele espaço.

Apesar do gerenciamento público, dos parques e das praças, ser moderado em relação à demanda do uso coletivo desses espaços presentes nas cidades, ocorre o descaso e o mau uso por parte da população. Isso reflete uma contradição no que diz respeito à necessidade por espaços verdes urbanos. Por mais que haja um uso positivo desses espaços, o processo de gerenciamento quando ocorre é insuficiente, pois o índice de vandalismo supera o tempo da manutenção e da restauração de determinada área.

Logicamente, o papel desempenhado pelo Estado ao estabelecer ações de planejamento e gestão, mostra-se determinante para estabelecer a ordem nos espaços públicos das cidades. A administração dessas áreas torna-se imprescindível em manter ou melhorar a qualidade dos parques e das praças existentes requer o monitoramento contínuo e eficaz das unidades estabelecidas.

O parque da Redenção remete para esta realidade, pois é um espaço muito freqüentado e apreciado, dotado de beleza e elementos paisagísticos que oferecem a sensação de bem estar para a sociedade. Contudo, é recorrente o mau uso de alguns ambientes ali presentes. Alguns monumentos são vítimas de depredações e vandalismos da população que não entende a necessidade de preservação destes objetos. Estas ações negativas que alteram a forma original dos objetos históricos do parque contribuem para a desvalorização visual do ambiente, fazendo com que muitas pessoas se sintam reprimidas e desmotivadas a frequentá-los. Nesse sentido este trabalho busca perceber como cada sujeito percebe, reage e responde da sua maneira às ações sobre o meio. Ele entende tais relações como uma tomada de

consciência do ambiente pelo homem, sensibilizando-o para protegê-lo, cuidá-lo, como cita Tuan (1980).

O homem aprende a realidade que o cerca por meio dos sentidos, que podem ser comuns ou espaciais, cada imagem e ideia sobre o mundo é composta de experiência pessoal, aprendizagem, imaginação e memória (MACEDO E SAKATA, 2002, p. 13).

No século XX fica mais evidente a mudança do olhar, da forma de uso e da relação da sociedade com essas áreas. Diante do cenário de crise ambiental e de um aumento considerável da população que vive nas grandes cidades, é evidente a importância assumida pelos parques urbanos. A Geografia desponta ao desenvolver um relevante papel no estudo da repercussão da criação desses parques no ambiente urbano, bem como no estudo da percepção que os sujeitos possuem em relação aos parques.

Sabemos que o parque urbano é fruto da era industrial, nasceu a partir do século XIX, com o papel de trazer para as cidades espaços adequados para atender a uma nova demanda social e de lazer. Frederirck Law Olmsted, em um dos seus relatórios sobre o projeto do Central Park de Nova Iorque, indica que duas classes de melhorias deveriam ser planejadas.

Uma de assegurar o ar puro e saudável e a outra de assegurar uma antítese de objetos visuais, aqueles de ruas e casas que pudessem agir como terapia, através das impressões na mente e de sugestões para a imaginação (MACEDO E SAKATA, 2002).

O progresso do parque urbano nos séculos XIX e XX está relacionado com as mudanças urbanísticas, tornando-se um testemunho importante da evolução no que se refere aos valores sociais e culturais das sociedades urbanas. Entretanto, temos hoje, visivelmente, um elemento de forte influência na dinâmica das grandes cidades.

Vimos que, apesar das transformações das estruturas urbanas, os parques constituem um elemento de forte permanência, não perdendo as suas características. Pelo contrário! Os parques assumem um papel central quando a questão é requalificação dos espaços urbanos das cidades associada à demanda crescente por áreas de recreação e lazer. Acrescenta-se ainda a introdução das dimensões ambientais e paisagísticas no planejamento das cidades. Temos como

exemplo a exigência de novos parques como contrapartida pelo aumento da especulação imobiliária.

Como exemplo disso podemos citar o Parque Germânia em Porto Alegre, onde no ano de 2006, através da exigência de uma compensação ambiental para autorização de um grande loteamento, o mesmo foi criado conforme o Plano diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental (MACIEL, 2014, p. 90).

Quando pensamos em um parque urbano, muitas vezes a primeira imagem que nos vem à mente é aquele parque “desenhado”, com trilhas, com um lago perfeito, com uma bela ponte, jardins floridos e uma vegetação exuberante. Mas, essa não é a real visão que temos dos parques brasileiros.

Nas décadas de 1960, 1970 e 1980, a população brasileira passou a identificar as transformações que parecem ter colocado os parques urbanos como prioridade das políticas públicas. Foram evidenciadas muitas transformações no que se refere à economia, ao modelo social e cultural, trazendo assim novos significados aos parques. O papel dos parques apareceu como um espaço livre, público e com uma vegetação característica e de lazer para a sociedade urbana. Ele passou a ser um elemento típico na cidade moderna.

Conforme Macedo e Sakata (2002) os primeiros parques urbanos existentes no Brasil visavam a construção de simulacros de uma vida europeia para as elites locais. Os lugares que eram ocupados por sujeitos de diferentes classes sociais foram transformados em espaços mais modernos e ajardinados, constituindo ambientes típicos de elites. A consequência desse movimento é o surgimento do Parque Contemplativo. Esse modelo, para alguns autores, foi desenvolvido para as pessoas desfrutarem suavemente uma fantasia. O cenário do ambiente projetado foi cuidadosamente concebido para que todos os arranjos espaciais fossem idealizados e implementados de modo a criar uma paisagem diferente da realidade do entorno. As plantas nativas, ou seja, plantas da região, foram misturadas com plantas exóticas vindas da Europa ou de outros lugares, impactando diretamente nos novos espaços criados. Isso também pode ser observado no Parque da Redenção, que sofreu também essa influência.

Como o crescimento urbano no Brasil foi maior durante todo o século XIX, a maioria da população migrou para os centros urbanos nos anos 1990. Muitas cidades já ultrapassavam a casa de um milhão de habitantes neste período. Em Porto Alegre, os parques começaram a ser construídos com esse olhar arquitetônico



desde a primeira metade do século. O Parque da Redenção, por exemplo, data de 1930. Para a sua concepção foi contratado o arquiteto e urbanista Alfred Agache, que elaborou o anteprojeto de ajardinamento do então chamado Campo da Redenção (hoje intitulado Parque da Redenção) (MACIEL, 2014, p. 30).

Em meados dos anos 1950 e 1960, os brasileiros sentem a carência de espaços ao ar livre e de lazer que atinja uma parte maior da sociedade. Esses espaços passam a ser ambicionados por muitas pessoas. No entanto, os mesmos estão distantes, em áreas vizinhas ao Centro e/ou em bairros de classe alta.

A multiplicação do parque público nas cidades do Brasil acontece a partir do final dos anos 60 quando se inicia um processo de investimento público na criação de parques. A partir desse momento, os parques não são mais voltados apenas para a elite. Eles começam a surgir também nas periferias das cidades.

Para Arioli, o parque é a área verde com dimensões, em geral a partir de 10 hectares, destinada ao lazer ativo ou passivo, à preservação de elementos histórico-culturais, da flora e fauna ou de outros atributos naturais que caracterizam a unidade de paisagem onde o parque se encontrar inserido, bem como promover a melhoria das condições de conforto ambiental nas cidades (ARIOLI,1998, p.112).

As dimensões do parque são um fator importante, pois o mesmo deve proporcionar a execução de inúmeras atividades de um modo simultâneo por diversos grupos, sendo esta uma das características que os diferencia das praças. Macedo considera necessário que o parque possua mais de 2 hectares, ou, pelo menos, mais do que o equivalente a dois quarteirões contínuos e interligados, não podendo ser cortado por vias (MACEDO, 2012: p.143).

Para o autor, “o parque urbano contemporâneo brasileiro é essencialmente um espaço de convívio social múltiplo e de múltiplas percepções, tendo como base o lazer e possibilitando as mais diversas formas de interação, tanto entre indivíduos entre si como destes com elementos naturais (vegetação e águas) e com diferentes formas de vida animal” (MACEDO, 2012).

Já nos anos 70, os parques se apresentam mais modernos, com áreas de recreação mais definidas, soluções espaciais mais elaboradas e com os movimentos ambientalistas tomando a frente pela preservação desses espaços. Nos grandes centros brasileiros, os municípios inovam com a formação de programas de educação ambiental e departamento verde para trabalhar a preservação e o cuidado com essas áreas.

A capital do Rio Grande do Sul desponta nestes quesitos em âmbito nacional. Porto Alegre conquista destaque pela preservação do verde não só em áreas de parque, mas também em vias públicas. Também chamada de Paralelo 30, a cidade gaúcha torna-se uma importante referência ao criar a primeira Secretaria Municipal do Meio Ambiente, em 1976. Seu principal objetivo era a preservação e manutenção das áreas verdes do município (MENEGAT, 1998, p. 120).

Hoje, Porto Alegre permanece com o legado por todos os movimentos ambientalistas que na época foram importantes para o desenvolvimento e manutenção da relação da sociedade com essas áreas. Atualmente, a capital possui 8 parques urbanos, 4 unidades de conservação, mais de um milhão e 400 mil árvores em vias públicas e aproximadamente 700 praças (praças são áreas verdes com dimensões menores que os parques, ou seja, extensões inferiores a 10 hectares) Site: Secretaria Municipal do meio Ambiente de Porto Alegre (Acesso em 2017). Os números contribuem e favorecem a sociedade local a ter uma relação diferenciada com esses espaços. Os 8 parques urbanos estão espalhados por diferentes regiões da cidade, o que facilita com que toda a população seja beneficiada pelas áreas verdes.

O presente trabalho ressalta, todavia, que o Parque da Redenção possui um olhar diferenciado por parte dos porto-alegrenses e de seus visitantes. São 37,5 hectares e mais de 10.000 árvores em uma área central da capital gaúcha. Rodeado por importantes e movimentadas avenidas, a Redenção é uma ilha verde dentro de um grande centro urbano.

Estar em um parque é estar em uma área de lazer, em um ambiente aberto, exposto ao tempo, junto das árvores, aos cursos d'água; é estar perto de pessoas criando espaços de sociabilidade, promovendo assim saúde física, mental e emocional aos moradores das cidades. Com essa relação estabelecida, o ser humano desenvolve, sutilmente, a apreciação pela qualidade de vida, pela preservação do verde e pelas relações sociais.

Hoje, século XXI, percebe-se que existe uma maior diversidade quanto à forma, usos e funções e também uma maior flexibilidade no que se refere ao conceito de parque urbano. Nesse contexto, fica evidente a importância dos parques nos grandes centros, principalmente se considerarmos que as cidades se apresentam cada vez mais densas, estressantes e distantes da natureza.

Ainda que predomine os cenários europeizados no parque, com fontes, pontes e colunas, a Redenção rompeu (e ainda rompe!) com essa linha e passou a ser um parque com ambientes funcionais e arrojados. É a sociedade que escolhe aonde vai ser o “cachorródromo” e que opta por sentar em cangas no gramado ao invés de utilizar os bancos colocados no eixo central do parque. É esta mesma sociedade que decide quais serão os espaços de sociabilidade, assim como onde farão as manifestações que lá ocorrem.

## 2.1 CARACTERIZANDO O PARQUE DA REDENÇÃO

Os primeiros contatos que tivemos com o Parque da Redenção foram na fase adulta. Entretanto existem lembranças de visitas ao parque na infância. Naquela época, ainda não havíamos atribuído o valor a esse lugar.

Durante uma fase da vida, o vínculo com o parque era apenas de lazer. Lá aconteciam caminhadas, cuias de chimarrão e por vezes observações do comportamento dos sujeitos que por ali estavam. Nessa fase, ainda não sabíamos a relação afetiva que estabelecíamos com esse espaço. Por morar próximo ao parque, tínhamos a impressão de que aquele lugar era praticamente uma extensão de nossa casa.

Transcorrido alguns anos, esse lugar passou a ser também um local de trabalho<sup>1</sup>. Em função disso, foi preciso ampliar o próprio olhar. Foi como se nesse momento trocássemos as lentes e passássemos a perceber a relação da sociedade com a natureza no Parque da Redenção. A partir desse processo, não só contemplava o parque, mas precisava também pensar em melhorias e criar situações em que os usuários se tornassem mais próximos a ele. Assim que percebemos o vínculo afetivo que já havia se estabelecido. Surgiram diversos projetos, como: “Trilhas nos parques”, “danças circulares”, “brincadeiras na natureza”, entre outros.

---

<sup>1</sup> Bióloga, Coordenadora da Educação Ambiental da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SMAM) da Prefeitura de Porto Alegre/RS, no período de 2005 à 2017.

Essa relação com os frequentadores do Parque da Redenção fez com que começássemos a questionar esse sentimento que por muitas vezes não parecia somente de posse, mas, de muita devoção por esse lugar. Percebemos uma relação topofílica. Esse sentimento também era tido por outras pessoas. Muitos sujeitos demonstravam sentimentos de pertencimento, apego e posse. Começamos então a desvendar cada pedacinho desse parque, a conhecer cada árvore, cada ave, os horários que diferentes grupos frequentavam o parque rotineiramente, o tempo da batida do tambor, as gargalhadas misturadas aos sons de violão.

O permanente sorriso dos frequentadores também sempre foi algo que nos motivava a estar lá. Por outro ângulo, observava os solitários que frequentavam o parque. Eles transmitiam nitidamente a sensação de parecerem estar em busca de algo, trazendo a impressão de que nesse local seria mais fácil conectar-se aos seus sentimentos.

Os recantos... ah... os recantos, cada um com sua história, sua paisagem, o seu perfume e o seu mistério. Assim, começamos a trilhar cada um dos 37,5 hectares desse parque. Hoje, é possível perceber que a excitação por aquele lugar não estava apenas nas belas paisagens das mais de 10 mil árvores, mas também, na relação dos sujeitos com o Parque da Redenção, dessa conexão com o chão, com o verde, com o que é construído captando essas relações. Com esses sujeitos é possível comungar de um sentimento afetivo, colaborativo e esperançoso de que esse lugar permaneça sensibilizando e reconectando as pessoas a uma natureza verdadeira, em que cada ser humano perceba que é um ser natural.

Como mãe, é nesse lugar que nos permitimos correr descalça, se esconder atrás das árvores, subir nas árvores e comer pitangas. Lá é possível respirar profundamente e curtir o silêncio. Apesar de estar tão próximo das avenidas, é possível ouvir os diferentes cantos dos pássaros e pode-se sempre procurar uma árvore para abraçar.

Lá o verde ainda é verde numa cidade onde o cinza tenta dominar. Lá as rodas de conversa acontecem e a solidão também se manifesta. Olhos fechados a contemplar o seu interior, as diferenças culturais sendo absorvidas de forma sutil, pelo ar, pelo aroma, pela terra. Lá foi realizado o primeiro mapa mental e foi possível perceber seu lugar no parque, o porquê desse lugar e o que emerge dali. Podemos vivenciar diversos sentimentos e conexões que afloraram a partir da construção

daquele mapa. Também percebemos, de forma prática, que o ser humano necessita dessa natureza e que a natureza também precisa das pessoas.

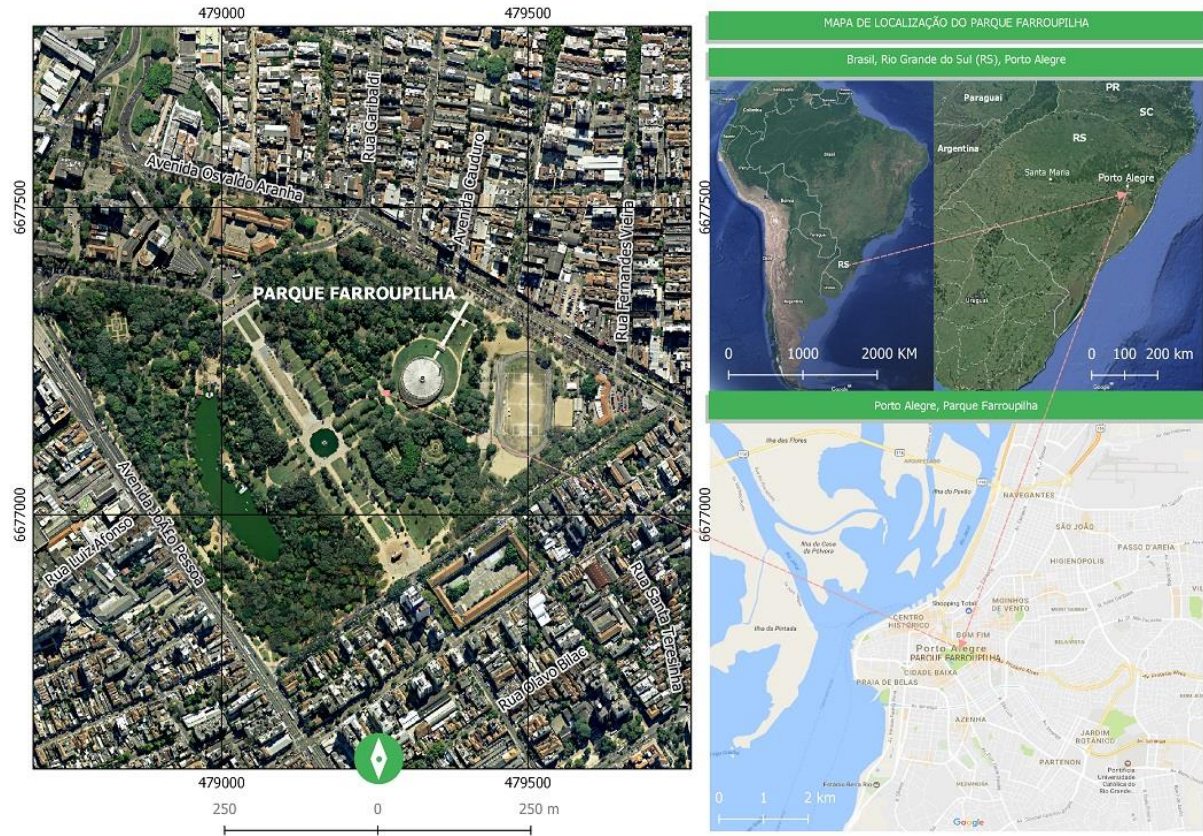
Foi lá que entrelaçamos as mãos e fizemos juras de amor, para sempre, fazendo brotar em si esse sentimento mais nobre e profundo. É preciso estar lá para se sentir em Porto Alegre, é preciso estar lá para reconectar à cidade ao urbano ainda natural, é preciso estar lá para saber que precisamos honrar esse lugar. Hoje percebemos que os olhos eram menores e não conseguiam enxergar o parque na sua totalidade. Ampliou-se a percepção e hoje vemos o Parque da Redenção como uma vida que pulsa, que brilha e que acolhe, não só os porto-alegrenses, mas todos aqueles que se permitirem SER esse lugar.

Analisando essa narrativa, percebemos que o Parque da Redenção já se manifestava como lugar. Se tornou necessário o afastamento desse pertencimento, para poder desenvolver o trabalho de forma imparcial, encontrando nos sujeitos o seu real entendimento, sem interferir com a experiência própria no processo da pesquisa.

Como recorte geográfico de estudo, o Parque da Redenção está localizado em Porto Alegre/RS, na Zona Central, no bairro Bom Fim. Podemos observar na Figura 03, a localização exata do parque.

De acordo com Maciel (2014), a história deste Parque começa no dia 24 de outubro de 1807, quando foi doado pelo Governador Paulo José da Silva Gama para fins de conservação de gado (que era abatido nos parques desta vila). Ele se localizava próximo ao portão de entrada da cidade, abrigando os carreteiros que comercializavam o gado da região. Era conhecido como “Campos de Várzea do Portão” e, depois em outro momento, “Campo do Bom Fim” devido à proximidade com a Igreja do Nosso Senhor do Bom Fim no ano de 1867 (a mesma existe até hoje).

Figura 03 – Mapa de localização do Parque da Redenção, Porto Alegre/RS - Brasil



Fonte: Elaborado por Everton Quadros.

Segundo Herrmann (2013), “um mapa datado de 1888 revela uma península densamente povoada, estende seus braços em todas as direções, menos em uma: a Várzea da Redenção, de forma que, geograficamente, ela deteve o crescimento da cidade”. Desde então, o local já serviu como depósito de gado, de lixo e de animais mortos, resistiu às tentativas de loteamento e teve um quartel para exercícios militares. Originalmente, possuía uma área de 69 hectares e, a partir da virada do século, com a primeira exposição de produtos naturais e industriais, se urbanizou um pequeno trecho com canteiros, passeios e vários pavilhões, conferindo assim características de parque ao lugar.

Figura 04 - Vista parcial do Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil - Exposição de 1901

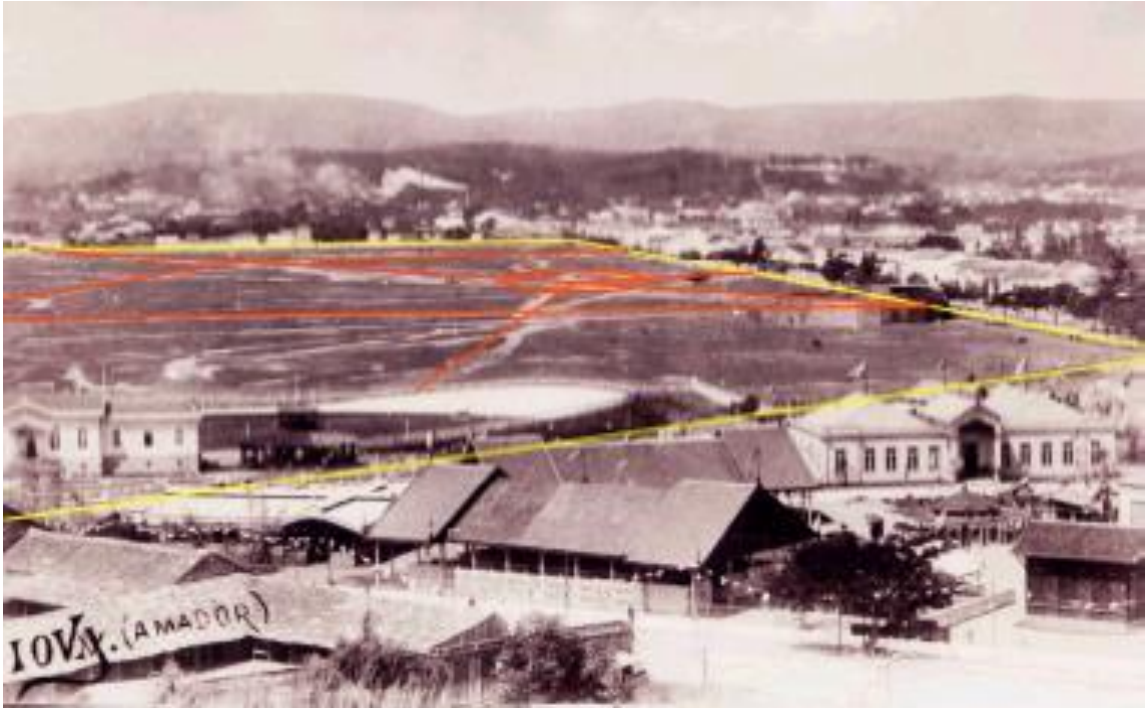


Fonte: Germani, 2002 - Arquivo SMAM

Em 1900, com a construção da Escola de Engenharia, o Parque foi reduzido em sua área. Logo acima, na Figura 3, observamos uma ilustração do Parque na época. Mais abaixo, na Figura 4, a mesma imagem, porém com eixos traçados sobre as trilhas, delineando as mesmas.

Em 1935, o prefeito Alberto Bins decretou que a área se chamaria Parque Farroupilha, devido ao centenário da Revolução Farroupilha. Na ocasião, o prefeito encomendou um projeto de ajardinamento ao urbanista francês Alfred Agache, (Figura 06) proporcionando assim condições definitivas de um grande jardim público. Todas essas intervenções neste espaço, que até então era mais vazio, acabaram por assegurar a integridade parcial da Várzea. Isto possibilitou a existência de uma área livre que hoje constitui um refúgio aos seus cidadãos. Importante salientar que o local não perdeu a sua condição original de logradouro público.

Figura 05 - Vista parcial do Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil, com eixos traçados sobre as trilhas - Exposição de 1901



Fonte: Germani, 2002 - Arquivo SMAM

Em 1997, o Parque foi tombado como patrimônio histórico da cidade. A área inicialmente era de 69 hectares e devido ao crescimento de Porto Alegre, hoje ele possui 37,5 hectares. Atualmente, o Parque está na zona central da cidade, circundado pelos bairros Bom Fim, Santana, Cidade Baixa e Centro. As avenidas limítrofes do Parque Farroupilha são: Avenida João Pessoa, Avenida Osvaldo Aranha, Avenida José Bonifácio, Rua Engenheiro Luis Englert e Rua Setembrina (SPALDING, 1967). É justamente no centro destas avenidas que o Parque da Redenção está, e é por elas definido geograficamente.



Figura 06 - Planta baixa do Projeto de Agache, com eixos delimitando os espaços de Ajardinamento, do Parque da Redenção, Porto Alegre/RS - Brasil.



Fonte: GERMANI, 2002

O Parque da Redenção possui um significado histórico na consolidação e na construção da sociedade porto alegreense. Esse aspecto é verificado ao longo do tempo nas trocas sociais, manifestações políticas, sociais, artísticas e culturais e educacionais, entre outros, constituindo-se em um local de sociabilidade. A exemplo disso, podemos citar o ano de 1884, na época da libertação dos escravos, quando o “Campo do Bom Fim” passou a ser chamado de “Campos da Redenção”, título que perdurou até 1935. No ano de 1939, foi estruturado o espelho d’água no eixo central e se prosseguiu o ajardinamento da Redenção. Os recantos Jardim Alpino, Jardim

Europeu e Jardim Oriental foram implantados em 1941. No mesmo ano, houve uma forte enchente e foi criado um recanto que recebeu o antigo chafariz francês de ferro fundido, da Praça Pereira Parobé, antes presente na Praça XV de Novembro. Outra evidência ocorrida foi em 1997 quando o Parque foi tombado como patrimônio histórico e cultural da cidade de Porto Alegre (SEGAWA, 1996, p. 69). Atualmente, temos as feiras nos sábados e domingos, marcando forte manifestação social, artística e cultural nesse espaço.

O Parque da Redenção pode ser identificado como um espaço simbólico cuja configuração material permite que diferentes representações estejam objetivamente expressas pela presença forte das diversidades culturais urbanas. O Parque se tornou um caleidoscópio territorial de encontro para diferentes grupos, cada um com suas diferenciadas características estéticas.

Todas as modificações e transformações que o Parque da Redenção sofreu ao longo da evolução urbana de Porto Alegre incidem neste espaço como melhoramentos implantados na área. Deve-se destacar o uso do parque pelos porto-alegrenses, já que este processo se mostrou importante, na medida em que a população foi se apropriando e usufruindo desta área mesmo antes de ser pensada como um espaço a ser construído especificamente para o lazer.

O uso do Parque da Redenção leva a uma importante reorganização das relações sociais neste espaço. Cada pessoa que utiliza e frequenta este local público faz escolhas em relação às pessoas com quem quer se relacionar e aos equipamentos e lugares específicos. Conseqüentemente há uma reorganização das relações sociais e da ocupação do espaço, algo que não está estagnado no tempo, mas se altera a cada dia, a cada instante em que o lugar é ressignificado pelos diferentes grupos sociais ali representados.

Nesta perspectiva, o Parque da Redenção pode ser entendido como um dos principais espaços públicos de Porto Alegre. Isso pode ser percebido pela grande população que frequenta esse espaço, principalmente nos finais de semana.

Assim, pode-se perceber, ao longo da história da cidade, a importância desse espaço verde no que se refere à qualidade de vida de sua população e ao lugar que se tornou uma referência de diferentes sociabilidades.

Desse período até atualmente, o Parque da Redenção permanece como um lugar de referência não só para os porto-alegrenses, mas para aqueles que visitam a

cidade. Ele é um local que possibilita reunir sujeitos que buscam o Parque com variados fins.

O uso do Parque da Redenção leva a uma importante reorganização das relações sociais neste espaço. Cada pessoa que utiliza e frequenta este espaço público faz escolhas em relação às pessoas com quem quer se relacionar e aos equipamentos e lugares específicos.

Essa liberdade conquistada fez com que fosse criado vários tipos de cenários no parque, desde aquele que faz referência ao passado até as fortes manifestações de cunhos diferentes, tão corriqueiras na Redenção. Neste lugar é evidente a relação dos sujeitos com o verde, com as árvores, com a natureza.

A vegetação pode, também, fornecer espaço para prática de esportes e atividades ao ar livre. Da mesma forma, no aspecto psico-espiritual, as plantas podem possuir um sentido de ligação religiosa, proporcionar uma sensação de aconchego e conforto, bem como aumentar a beleza cênica do local. (DIEGUES, 2015, p. 2).

Há recantos que são utilizados por quem gosta de praticar esportes ao ar livre, por meio de atividade física e exposição ao sol. As crianças usufruem das pracinhas e dos espaços para andar de bicicleta e jogar bola como se fossem o quintal de casa.

Convém citar também que a Redenção é um local turístico e muito peculiar para os porto alegrenses, pois carrega História e tradição gaúcha. Muito apreciado e visitado, é sem dúvida, um local muito democrático que acolhe diversos grupos de pessoas das mais variadas faixas etárias e renda. Durante a elaboração deste trabalho, foi verificado nas conversas com as pessoas que frequentam o parque, que suas falas tratam de um forte sentido de apropriação pela Redenção.

Segundo Magnoli, “a apropriação dos espaços pelo homem para suas necessidades e atividades é criada em âmbitos locais, setoriais, urbanos, metropolitanos, sub regionais e regionais em função da proximidade espacial. Essa proximidade espacial cria movimentos e exige permeabilidade entre os espaços por meios diversificados e amplos de locomoção”. A distribuição de espaços livres para serem apropriados pelo homem (sistema de parques) fica vinculada às maneiras de acessos disponíveis em cada uma das escalas de urbanização, e à frequência dos usuários. (MAGNOLI, 2006, p. 203).

No caso da Redenção, que têm em seu entorno importantes avenidas como: Avenida Osvaldo Aranha, Avenida João Pessoa e Avenida José Bonifácio, acaba permitindo um melhor acesso da população.

Tuan ao conceituar espaço e lugar nos traz que “espaço” é mais abstrato do que o “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que conhecemos melhor e o dotamos de valor (TUAN, 1983: p. 3). Isso pode ser percebido nitidamente no histórico do Parque da Redenção, como já citado anteriormente. Ao longo do tempo, a população foi demonstrando essa afetividade e transformando esse parque em uma referência de “lugar” para a sociedade.

O Parque da Redenção possui uma diferenciada área de lazer, o que possibilita uma considerável circulação de pessoas nesse espaço. A densidade populacional que circula no parque, principalmente nos finais de semana e finais de tarde, permite o encontro e a constituição de processos de identificação, produzindo lugarizações de coletivos baseados nas diferenças de identidade. Nesse contexto, torna se importante conhecer essa característica do Parque para entender a proposta da pesquisa. Na Redenção, atualmente, vários grupos sociais diferentes convivem em harmonia, mesmo possuindo interesses distintos.

No Parque da Redenção, os sujeitos que vivem esse lugar possuem a capacidade de quebrar a rotina existente nos grandes centros, permitindo um contato direto com a natureza, consigo mesmo e com o outro. É comum perceber as rodas de conversas, os movimentos dos grupos e a socialização que acontece nesses lugares escolhidos pelos usuários dentro da extensão do Parque.

Nesse contexto, analisando a quantidade de usuários frequentadores do Parque da Redenção, podemos intuir que existe algo de subjetivo e intenso nessa relação de procura por esse espaço. Esse movimento mostra que talvez exista algo maior em relação ao homem – ambiente.

(...) Por seu turno indicaria um movimento nas ciências sociais que procura tomar o lugar das teorias tradicionais sobre as relações homem – ambiente com novas versões que reconheceriam explicitamente as verdadeiras complexidades do comportamento humano (SERPA, 2005 p. 220-232).

Ou seja, a Redenção é um território composto por diferentes grupos de frequentadores definidos por suas particularidades e identidades diferenciadas. As particularidades sociais produzem redes de relações sociais neste território, em uma

aparência imaginário-conceitual de uma teia, explicada pela existência de grupos diferenciados que convivem (interagem, toleram-se e/ou entram em conflito). O elo principal da relação entre estas particularidades sociais é um caráter ambiental que define este território de diversidades sociais. O ambiente representa a concretização espacial de uma representação social sobre a natureza, construída historicamente na cidade de Porto Alegre. Essa característica pode ser observada no Atlas Ambiental de Porto Alegre (MENEGAT, 1998). Isso, por si só já define o aspecto territorial de uma parte do espaço urbano, ou seja, a apropriação histórica de parte deste espaço em virtude de um projeto ambiental e de um espaço de convivência social.

Nesse cenário, é comum a observação de muitos frequentadores praticando esportes, passeando com animais de estimação, e interagindo em grupos, através de rodas de chimarrão, amigos e música.

Por outro lado, no passado e na atualidade, o território, além de ser uma construção social específica, se articula com as ações e as representações diferenciadas daqueles sujeitos que se utilizam do espaço (os usuários do parque). Em outras palavras, é possível dizer que o ambiente causa influência direta nos sujeitos que ali escolhem permanecer.

O território é o espaço controlado por determinados agentes, seja o Estado, sejam grupos de interesses econômicos, políticos e/ou culturais diferenciados. Ele se revela como um importante instrumento da existência e da reprodução do agente social que o criou e o controla. Segundo Souza (2013), “O território [...] é fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder”. Contudo, a maneira de enfocá-lo vem se modificando, e é importante observar as concretizações das representações simbólicas sobre um ambiente (natural/social) que define um espaço como um território singular em uma cidade como a de Porto Alegre. Pensando nisso, Haesbaert (2002) argumenta:

Assim, associar ao controle físico ou à dominação “objetiva” do espaço uma apropriação simbólica, mais subjetiva, implica discutir o território enquanto espaço simultaneamente dominado e apropriado, ou seja, sobre o qual se constrói não apenas um controle físico, mas também laços de identidade social. (HAESBAERT, 2002, p.121).

As cidades estão em crescimento contínuo e expansivo, ocupando áreas cada vez maiores para usos urbanos. A urbanização pode ser compreendida como

um processo que se refere tanto ao crescimento físico e humano, bem como às mudanças nas relações comportamentais e sociais desenvolvidas nas cidades.

Corrêa e Rosendahl (2001) mostram que:

Territórios existem e são construídos (e desconstruídos) nas mais diversas escalas da mais acanhada (...) à internacional (...); territórios são construídos (e desconstruídos) dentro de escalas temporais as mais diferentes: séculos, décadas, anos, meses ou dias; territórios podem ter um caráter permanente, mas também podem ter uma existência periódica, cíclica. (CORRÊA, ROSENDHAL, 2001, p.81).

A produção do espaço urbano de Porto Alegre, de acordo com Souza e Müller (2007), ocorreu em períodos distintos em função de fatores econômicos, institucionais, locais e culturais. Assim, segundo Santos (2004):

O espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de ações não considerados isoladamente, mas como quadro único no qual a história se dá. No começo era natureza selvagem formada por objetos naturais que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois cibernéticos, fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. (SANTOS, 2004, p. 63).

Nas suas produções, Santos (2004) representa o espaço como uma rede de ações que corresponde ao palco das realizações humanas. É formado por sistemas de ações e objetos que nos fazem pensar nas relações do homem como ser social com o natural, produzindo objetos. Esses objetos são a materialização do imaginário humano se tornando parte do cotidiano. O homem produz essas ações no espaço com uma finalidade: o de mudar o espaço geográfico e, sem perceber, acaba por mudar a si mesmo. Nesse sentido, observa-se pelos usuários, através do uso do Parque da Redenção, que os mesmos despertam sentimentos e desejos, não objetivados inicialmente, porém, que acontecem pela simples relação dos sujeitos com esse espaço.

Destaca-se a necessidade do entendimento da percepção do sujeito que frequenta a Redenção, pois é através do sentimento de pertencimento que são estruturadas e organizadas as relações entre o sujeito e o objeto, conferindo valor àquilo que faz parte do mundo vivido e que se traduz em ação a partir do significado atribuído.

Convém lembrar que a delimitação e a apropriação do território não são práticas exclusivas humanas. Contudo, a territorialidade humana se distingue por sua cultura. Entre humanos, o território está associado ao exercício de poder, CORRÊA (2001). Os parques públicos são vitrines que representam testemunhos da ação de múltiplos agentes envolvidos, como o poder público (agentes públicos) e a sociedade (sujeitos usuários). Entre as diferentes partes destes espaços existem formas de apropriação em que cada um prioriza o que considera importante sem, em grande parte das vezes, haver um diálogo entre ambos.

Antes mesmo de tornar-se espaço de lazer caro aos urbanistas ávidos de natureza, o parque é uma ideia com conceito, uma utopia, um desejo concebido como equipamento urbano e recreativo, o parque público está ligado, sobretudo, a uma vontade política. A história de um parque começa sempre com uma comanda política, mas o caminho é longo até que ele possa deixar traços na paisagem urbana. (SERPA, 2005, p.70).

Sem dúvida nenhuma, atualmente podemos dizer que o Parque da Redenção é exemplo do que diz Serpa na citação acima, pois esse espaço público hoje conta com uma gama de opções de entretenimento, lazer, esporte, arte, cultura, socialização, entre outros. Isso tudo causou a mudança na sua paisagem, pois no decorrer do tempo, passou por diversos processos de transformação desde sua criação até os dias atuais.

Relacionando a criação do Parque da Redenção no contexto municipal, esse trabalho destaca a sua efetivação como lugar de lazer e patrimônio municipal, assim como identifica as principais transformações que o parque sofreu ao longo da evolução urbana de Porto Alegre, e, suas respectivas consequências no uso e estética do espaço verde urbano. O poder público na cidade de Porto Alegre, investe em programas voltados à Educação Ambiental como trilhas, visitas em escolas públicas e privadas com objetivo de apresentar os parques da cidade. Oferecem também cursos de capacitação para educadores, para que sejam multiplicadores e assim desenvolvam trilhas com a intenção de sensibilizar os sujeitos para preservar e cuidar dos parques desde a educação infantil até a graduação no ambiente universitário.

A sociabilidade possui uma relação quando os indivíduos interagem motivados por propósitos e conteúdos similares. Isso pode ser identificado no

Parque da Redenção, pela forma de interação em que os sujeitos se relacionam, inclusive através de diferentes grupos, formando laços de relações entre eles a partir da convivência nesse espaço social.

A sociabilidade é o jogo no qual se 'faz de conta' que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular; e 'fazer de conta' não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio da realidade (SIMMEL, 1983, p. 173).

Nesse sentido, sabemos que elos sociais são observados através de conversas entre frequentadores, atividades relacionadas ao comércio, expressões artísticas, teatro, música entre outros, sendo uma rotina marcante no Parque da Redenção. Podemos concluir que o que motiva a reunião de tantas pessoas trazendo esse complexo de interações, das mais diversas formas de expressão, é o espaço composto pelo aconchego da vegetação em um grande centro urbano.

Segundo Monteiro (1976), o homem tem a necessidade de que a vegetação esteja presente e que isso extrapola um valor sentimental e estético. Os espaços verdes urbanos conferem à cidade uma geografia diversificada, inserindo um ambiente alternativo em uma realidade dominante. Esta realidade se resume no conceito de urbanização, no qual a cidade apresenta crescimento físico e humano constante, e a presença dos espaços verdes permite uma mudança nessa paisagem, além de melhorar a realidade caótica em que vivemos nas grandes metrópoles. Segundo, Azevedo (2010):

Os espaços verdes são elementos fundamentais da estrutura e funcionamento das cidades. Consideramos espaços verdes todos os espaços que em ambiente urbano são dominados por elementos naturais como árvores, arbustos e relvados. Os espaços verdes asseguram direta e indiretamente um conjunto notável de funções e serviços ambientais, sociais e econômicos dos quais depende a qualidade de vida das pessoas nas cidades. (AZEVEDO, 2010, p. 9)

É necessário ter a compreensão dos processos mentais relativos à percepção ambiental para que se possa entender de forma clara como se estabelecem as relações entre o homem e o Parque da Redenção. Isto porque cada indivíduo percebe, reage e responde de forma distinta à ligação com o meio ambiente. De acordo com Triviños (1987), a percepção de determinado espaço se dirige pela lógica da intencionalidade e do uso do sujeito. Conforme Marangoni (2018), a



intencionalidade é uma propriedade de referência, isto é, ela diz respeito ao fato de que toda consciência é, essencialmente, voltada para o mundo. Bem como Kozel (2018, p. 41), o princípio da intencionalidade inclui o mundo da consciência, definindo uma nova relação entre sujeito e objeto, configurando-se como ser envolvido no mundo. Essa intencionalidade possibilita ver a realidade concebida pelo senso comum, remetendo às experiências e ao mundo original sem considerar as teorias que lhe foram acrescentadas pelas ciências. No âmbito da subjetividade vivente, a intencionalidade vital se caracteriza como a referência para metas ou para conjuntos de estímulos que são selecionados pelo organismo, segundo suas normas internas.

Então, pode-se dizer que se está no espaço vivido como sujeito ativo confere sentido, valores e significados e interpretações àquilo que se percebe, uma vez que fazem parte de nossas vidas. Há assim, um interagir, pois o sujeito e as sociedades industriais são caracterizados pela pluralidade e rapidez dos processos que ocorrem através das alterações econômicas e políticas. Nesta perspectiva, a sociedade é representada por diversos e distintos sujeitos que a integram e a produzem, construindo o espaço geográfico, (vivido, percebido e concebido), num movimento dialético.

Segundo Lefebvre (1990) “o espaço vivido é também lugar das ambigüidades das relações sociais, habitados pelas representações, cujos pequenos mundos se articulam”. É no espaço que se encontra a chave para a compreensão da (re)produção do homem em sociedade, e em decorrência do poder que a representação deste possui para transformar e substituir a realidade vivida e percebida (LEFEBVRE, 1990).

No que se refere ao espaço vivido, relacionando ao objeto de pesquisa deste trabalho, o mesmo pode ser caracterizado como o objeto das representações, por esse ser o cenário de ação e o meio para a interação social. É no espaço em que os indivíduos estão vivendo, percebendo e relacionando-se que acontecem os movimentos de interações e sociabilidade. Quando falamos de espaço vivido, estamos buscando no universo individual o experienciado, o espaço construído através da percepção do sujeito. Lefebvre (1990) ressalta que “Nesse sentido o espaço vivido nada mais é do que o espaço das relações sociais do dia a dia”.

O espaço vivido muitas vezes perde o seu significado para os objetos e o cotidiano da vida dentro de uma sociedade marcada pelo sistema capitalista, onde

há um valor de mercado que os objetos adquirem. Porém, os indivíduos atribuem significado e importâncias para o ambiente, sentindo-se nele inserido, mantendo uma vasta gama de intenções, tanto no caráter prático de viver o ambiente, quanto ao caráter simbólico de senti-lo.

Segundo Kozel (2018, p. 45) o mundo vivido é essencialmente subjetivo, derivado do contato com outras pessoas, com instrumentos, coisas e outros, enfim, tudo que pode ser usado, transformado e manipulado. Isso caracteriza o sujeito na busca contínua do bem estar de vivenciar o Parque da Redenção.

No âmbito de espaço concebido, podemos exemplificar a criação de um local pelo órgão público, da forma que essa instituição entende e dá razão para a criação do mesmo. Entretanto, os sujeitos que farão uso desse lugar, poderão perceber o cenário conforme o seu entendimento e as suas experiências prévias e adquiridas durante o uso do mesmo.

Nesta perspectiva, a preocupação ambiental torna-se um dos pilares da sociedade moderna, já as ações antrópicas são as causas das destruições nos ambientes naturais. Dessa maneira, torna-se importante destacar o papel dos parques na cidade e a preservação de atributos pautados na qualidade de vida da sociedade, havendo assim, momentos de lazer e contemplação, bem como a percepção da importância da natureza na sociedade.

Mesmo em uma sociedade moderna, a ideia de preservação ambiental ligada à qualidade de vida é significativa. Portanto, a conservação dos parques urbanos garante a preservação de alguns atributos naturais na cidade. Estes parques atendem à demanda requisitada pelos diferentes estratos populacionais que necessitam dos momentos de descontração e relaxamento. Como exemplo, este trabalho cita o mercado do Bom Fim, suas lojas de conveniência, lancherias e restaurantes. Também existe ali a “Sociedade Esportiva Recanto da Alegria”, ou SOERAL, um clube privado de Bocha, jogos de dama e xadrez e carta, muito frequentado por aposentados e senhores da terceira idade.

Para ilustrarmos melhor o cenário da Redenção, trazemos a seguir, algumas imagens de recantos específicos deste parque: Extensão do Espelho D’água (Figura 07), gramado ao lado espelho D’água (Figura 08), chafariz do Espelho D’água (Figura 09), Recanto Europeu (Figura 10), Recanto Oriental (Figura 11), Lago dos Pedalinhos (Figura 12). Esta relação entre o usuário e a área escolhida por ele demonstra o laço afetivo com o lugar – no caso, o Parque da Redenção.

Figura 07 – Espelho D'água, Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (Novembro/2016)



Fonte: Acervo SMAM-POA

Figura 08 – Espaço de Sociabilidade, Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (Novembro/2016)



Fonte: Acervo SMAM-POA

Figura 09 – Chafariz do Espelho D'água, Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (Novembro/2016)



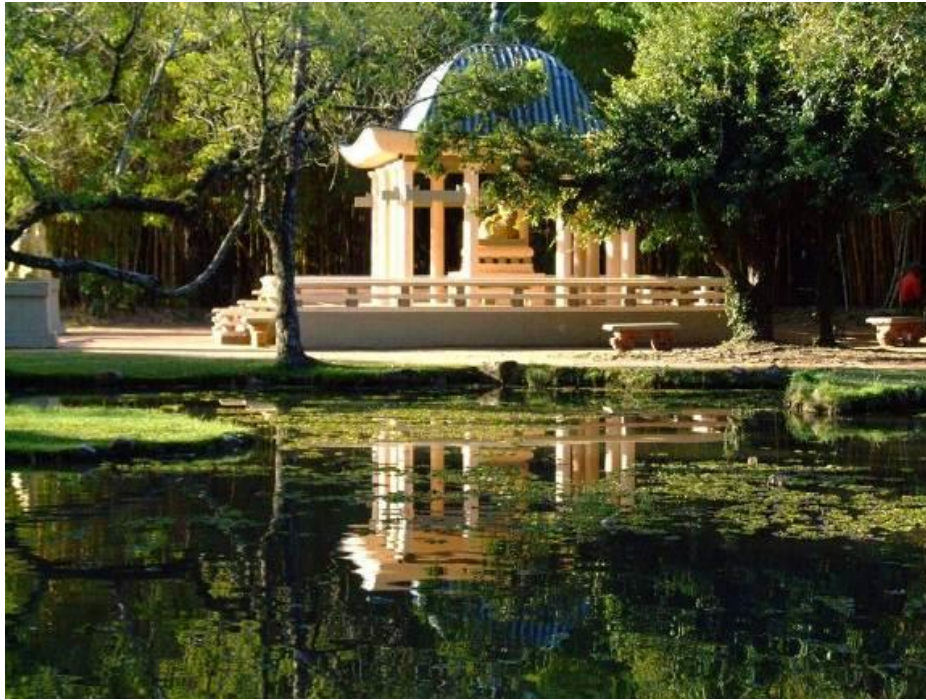
Fonte: Acervo SMAM-POA

Figura 10 – Recanto Europeu, Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (Novembro/2016)



Fonte: Acervo SMAM-POA

Figura 11 – Recanto Oriental, Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (Novembro/2016)



Fonte: Acervo SMAM-POA

Figura 12 – Lago dos pedalinhos, Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (Novembro/2016)



Fonte: Acervo SMAM-POA

### 3 A GEOGRAFIA HUMANISTA E O MÉTODO FENOMENOLÓGICO

A Geografia é de grande importância e presença para o diálogo referente ao lugar. O estudo do lugar surge no início da década de 70 com a Geografia Humanista, tendo a linha de pensamento caracterizada “principalmente pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente” (LEITE, 1998, p. 9).

Segundo HOLZER (1999), o ponto culminante do estudo geográfico é a descrição da Terra em ordem geográfica, na qual a chave está no conceito locacional de lugar. Ele relata que o estudo dos lugares enfatiza o relativo, o cultural e a experiência histórica da humanidade em relação aos atributos físicos da área (HOLZER, 1999, p. 69).

Nesse sentido, o espaço do Parque da Redenção, sendo pesquisado como lugar, demonstra que ele possui na sua história características que evidenciam a relação dos sujeitos com este espaço, conforme já citado no histórico deste trabalho. Nos dias atuais, ainda é possível verificar que as manifestações culturais, sociais e políticas de diferentes representações permanecem sendo realizadas neste espaço.

Compreender um lugar consiste em traduzir a emoção bruta que esse encontro faz nascer e crescer em nós, em outra linguagem, possuidora de um poder de elucidação. Compreender é interpretar um sentido imediatamente percebido porque pertence ao próprio lugar. É articular uma apreensão que é o signo de uma concordância súbita do ritmo de nosso ser e da forma do mundo (DARDEL, 2011, p. 130).

Assim, pode-se entender que quando encontramos um lugar, merecemos estar atentos aos nossos sentidos em relação ao mesmo, procurando diagnosticar quais elementos despertam essa percepção. Não se pode remeter o lugar unicamente a uma forma física materializada no espaço geográfico. Este espaço é também carregado de simbologias, de signos e de cultura em sua abrangência, bem como nas experiências pessoais que irão justamente fomentar este espaço como lugar.

A apropriação é um processo psicossocial central na interação do sujeito com o seu entorno por meio do qual o ser humano se projeta no espaço e o transforma em um prolongamento de sua pessoa, criando um lugar seu. (CAVALCANTE e ELIAS, 2011: p. 63)

No momento em que iniciamos um diálogo sobre o lugar na Geografia, não podemos cometer o engano de compará-lo com o espaço - cada um tem sua orientação estrutural teórica. O lugar está presente dentro do espaço que é um todo. O lugar, conforme já discutido, é recortado afetivamente, e emerge da experiência sendo assim um “mundo ordenado e com significado” (TUAN, 1983).

O lugar é fechado, íntimo e humanizado, já o espaço seria qualquer porção da superfície terrestre, ampla, desconhecida, temida ou rejeitada, e provocaria a sensação de medo, sendo totalmente desprovido de valores e de qualquer ligação afetiva (TUAN, 1983 p 61).

Para Lukemann (apud HOLZER, 1999 p 69), “o estudo do lugar é a matéria-prima da Geografia porque a consciência do lugar é uma parte imediatamente aparente da realidade, e não uma pesquisa sofisticada”. Assim, o conhecimento do lugar é um simples fato da experiência.

No entanto, conforme Tuan (1983), o lugar tem mais substância do que nos sugere a palavra localização: ele é uma entidade única, um conjunto “especial”, que tem história e significado. O lugar encarna as experiências e aspirações das pessoas. Ele não é só um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, afinal, o lugar é a realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado.

O objeto deste estudo tem a intenção de identificar que o Parque da Redenção pode ser considerado um lugar no município de Porto Alegre, sendo este lugar definido conforme o conteúdo teórico detalhado acima. Isto pode ser identificado mediante análise dos mapas mentais – mesmo que com características subjetivas, que os sujeitos/usuários têm do Parque da Redenção.

O lugar é um produto da experiência humana e significa muito mais do que o sentido geográfico de localização. A ideia de Relph (apud LEITE, 1998) corrobora com os autores citados e com o texto de Leite (1998, p. 10).

Trata-se na realidade de referenciais afetivos os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro. Eles são carregados de sensações emotivas principalmente porque nos sentimos seguros e protegidos (Mello, 1990); ele tanto nos transmite boas lembranças quanto à sensação de lar (Tuan, 1975; Buttimer, 1985a). Nas palavras de Buttimer (1985b, p. 228), “lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas” (LEITE, 1998, p. 10).

Leite (1998) afirma que a relação que as pessoas têm com o lugar só irá decorrer diante do interesse de seu uso. Porém, “essa relação de afetividade que os indivíduos desenvolvem com o lugar só ocorre em virtude de estes só se voltarem para ele munidos de interesses pré-determinados, ou melhor, dotados de uma intencionalidade” (p. 10). Desta forma, o lugar “só adquire identidade e significado através da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas” (RELPH apud LEITE, 1998, p. 10).

Tal relação afetiva com o lugar pode também não acontecer. Leite (1998) explica que “uma pessoa pode ter vivido durante toda a sua vida em determinado local e a sua relação com ele ser completamente irreal, sem nenhum enraizamento”. Tuan (1983) diz que, “se leva tempo para conhecer um lugar e indica ainda que a própria passagem do tempo não garante um senso de lugar. Se a experiência leva tempo, a própria passagem do tempo não garante a experiência”.

As experiências nos locais de habitação, trabalho, divertimento, estudo e dos fluxos transformariam os espaços em lugares (LEITE, 1998). São as vivências e as experiências que ocorrem no espaço que dão origem a formação de lugar desenvolvida por Tuan. Em outras palavras, se pode dizer que a ideia de topofilia desenvolvida pelo público que frequenta o Parque da Redenção advém de suas vivências neste local.

Conforme Lynch (1997), “dentro dos espaços públicos estão também outros espaços, como os de sociabilidade. Estes são caracterizados por serem espaços referenciais. Atuam como marcos visuais e como pontos focais”. Na organização da cidade, tal status de desenvolvimento de espaços de sociabilidade alcançado pelo Parque ainda se faz presente no imaginário urbano. Embora apresentem transformações significativas, os parques representam verdadeiros nós de confluência social e são espaços essenciais ao cotidiano da cidade. Assim, o Parque da Redenção não pode ser pensado como um objeto isolado, mas como um elemento intrínseco à cidade.

Como ressaltado na Geografia Humanista, este trabalho vai ao encontro do rompimento do pensamento positivista e passa a valorizar a produção de representações afetivas dos sujeitos sobre o espaço, distantes de um olhar cartesiano como prática geográfica. Salieta-se que não há um olhar de desdém total com a visão positivista, mas a presente pesquisa busca valorizar a experiência



do sujeito no espaço vivido. Sob este aspecto, Merleau-Ponty salienta “[...] o mundo é não aquilo que penso, mas aquilo que eu vivo” (MERLEAU-PONTY apud NOGUEIRA, 2014, p. 3).

Para a utilização dos mapas mentais como metodologia de análise para esta pesquisa, houve a necessidade de ressaltar a importância do método fenomenológico, o qual valoriza a experiência e vivência do sujeito (NOGUEIRA, 2014). Por isso foram valorizadas as vivências do público que frequenta o lugar Parque da Redenção.

Muitos se deixam totalmente abertos para receber todos os tipos de sensações que a natureza proporciona, sejam internas ou externas. Esses sentem modificações que vão além do habitual, se sentem ligados com o meio, sentem uma troca de energia. Nesse estágio, o sujeito cria um vínculo social, emocional e espiritual com a natureza.

A ecologia da mente procura recuperar núcleo valorativo-emocional do ser humano ante a natureza. Procura desenvolver a capacidade de convivência, de escuta da mensagem que todos os seres lançam por sua presença, por sua relação no todo ambiental, a potencialidade de encantamento com o Universo em sua complexidade, majestade e grandeza (BOFF, 2008, p. 51).

Dessa forma, o método fenomenológico tem grande importância para dar respaldo na construção dos mapas mentais. É comum, nas pesquisas sobre percepção do espaço, os mapas mentais serem tratados como recursos técnicos em que os autores o veem como uma representação próxima da representação formal do espaço. Neste sentido, os mapas mentais são construídos a partir de metodologias definidas e deles são retiradas apenas informações que o pesquisador deseja e vão justificar a necessidade de uma reestruturação espacial. (NOGUEIRA, 2014, p. 113).

Dessa maneira, ao que está relacionado nessa pesquisa, busca-se entender e compreender que os mapas mentais muitas vezes não representam apenas símbolos ou desenhos claros e perceptíveis ao momento presente. Os sujeitos ao utilizarem os seus sentidos para desenhar um mapa mental, muitas vezes são capazes de captarem sensações sutis, desenvolvendo um trabalho carregado de subjetividade e que na maioria das vezes o investigador, ao analisar o mesmo, tenha dificuldade de interpretá-lo.

A fenomenologia é construída a partir de uma base filosófica, a qual “[...] busca estudar o mundo vivido valorizando todas as experiências concretas do homem com este mundo.” (NOGUEIRA, 2014, p. 36). Cada indivíduo que constrói o seu mapa mental utiliza ferramentas próprias que são recursos oriundos de sua relação com o espaço que está sendo representado para expressar este como um lugar. Isto é considerado um fenômeno que precisa ser experimentado pelo usuário. É através disso que ocorre a concretude para a construção do lugar.

Sendo assim, para esta tese, foi considerado que as vivências das pessoas no Parque da Redenção e suas trocas de experiências criam a oportunidade de elos de sociabilidade, ou seja:

[...] que parte de nossas experiências do mundo é experiência social, como o homem está no mundo, experienciando-o e se inter-relacionando com outros, ele se torna parte de outros e é nessa relação intersubjetiva, social que se constrói seus lugares (NOGUEIRA, 2014, p. 40).

Apesar de haverem críticas sobre como os fenômenos singulares não constituírem objetos para a investigação científica, por serem contingentes, eles, ainda assim, são as fontes do conhecimento. A fenomenologia, como ciência da experiência contingente e singular, nos proporciona a valorização de tais interpretações sobre os espaços da realidade social. Ela não se ocupa da utilidade da aplicação deste conhecimento, mas da rica capacidade de explorar os fenômenos oriundos das percepções e interpretações dos sujeitos, como formas de ir contra a massificação do entendimento sobre o espaço e a fatal consequência da aridez do pensamento reificado sobre a realidade espacial.

De acordo com Husserl (2006) “o andamento de fato de nossas experiências humanas é tal que obriga nossa razão a ir além das coisas dadas intuitivamente (...) e a lhes imputar uma ‘verdade física’” (HUSSERL, 2006, p. 111). Se, por um lado, a fenomenologia “é a ambição de uma filosofia que seja uma ‘ciência exata’, por outro, ela é também um relato, do tempo, do mundo ‘vivido’” (MERLEAU-PONTY, 1999).

Para trabalhar com o método fenomenológico, se faz necessário explicar fenômenos subjetivos e perceber o que é humano. Para ser melhor compreendido, o método fenomenológico deve ser tratado na linguagem da experiência vivida. Ou seja, a fenomenologia é um campo de análise da essência dos fenômenos tanto materiais como imateriais. Sendo assim, com a intenção de materializar esses

fenômenos e compreender a subjetiva relação do sujeito com o Parque da Redenção, fizemos uso dos mapas mentais como um instrumento de análise. Com os mapas mentais foi possível produzir a representação gráfica dos lugares frequentados pelo público no Parque. Deste modo:

A Geografia sempre esteve associada às imagens, em primeiro momento com o sentido de transmitir informações sobre os espaços desvendados, e posteriormente como forma de comunicação/representação do espaço físico, mensurável ou do espaço vivido subjetivo, passando a ser denominados “mapas” quando os registros foram impressos num suporte plano bidimensional (KOZEL, 2007, p. 116).

Resumindo, é fidedigno considerar que para facilitar a leitura e a interpretação da relação das pessoas com o Parque da Redenção, foi usada a produção de mapas mentais como aporte metodológico. Este recurso foi compreendido como uma forma de linguagem que reflete o espaço vivido representado em todas suas nuances, cujos signos são construções sociais (KOZEL, 2007). Através desta autora, foi reforçada a possibilidade de entender a produção do espaço como espaço vivido particular de singularidade significativa de um contexto social.

### 3.1 PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO

Tal como os outros seres vivos com quem compartilhamos a mesma casa, o planeta Terra, fomos criados com as mesmas partículas ínfimas e com as mesmas combinações de matérias e energias que movem a Vida e os astros do universo. Algo do que há nas estrelas pulsa também em nós. Algo que, como o vento, sustenta o voo dos pássaros, em outra dimensão da existência impele o voo de nossas ideias, isto é, dos nossos afetos tornados os nossos pensamentos. Não somos intrusos no Mundo ou uma fração da natureza rebelde a ela. Somos a própria, múltipla e infinita experiência do mundo natural realizada como uma forma especial da Vida: a vida humana (BRANDÃO, 2002, p. 17).

O tipo de sociedade do conhecimento e da comunicação que temos desenvolvido nos últimos tempos vem ameaçando o ser humano. De certa forma, parece que hoje há um retrocesso, uma tentativa de reencontrar uma perspectiva filosófica que se perdeu há milhares de anos, quando nos sentíamos parte do mundo e compreendíamos, através desse sentir, a complexidade da vida. Após um período de grandes avanços tecnológicos e do domínio da ideia de que o progresso

econômico era a meta da humanidade, fomos acordados para as consequências de nossos atos: e a sustentabilidade, ser humano, como e onde ficam?

A desconexão com o ambiente, assim como a desconexão do nosso eu, nos confundiu, deixando-nos desenraizados, como solitários permanentes no nosso mundo. Essa relação torna-se evidente quando nos grandes centros urbanos são encontrados os sujeitos buscando nas áreas verdes tal “re-conexão” com intuito de melhorar a qualidade de vida.

É possível dizer que uma parcela da humanidade está construindo um novo paradigma que tem na base de sua estrutura o pensamento intuitivo, sintético, holístico e não-linear. Em relação ao intuitivo, pode-se dizer daquele sentimento que sai da racionalidade. O sintético está relacionado ao breve ou resumido. Quando se pensa em holístico, se traz o entendimento que considera a percepção do todo e não somente uma junção de suas partes. O não-linear se refere a todas as estruturas que não apresentam um único sentido. Trazem múltiplos caminhos e destinos, desencadeando assim em múltiplos finais. Essa nova forma de pensar é capaz de relacionar os componentes de um mesmo sistema, não restringindo a sua identificação em separado, priorizando o entendimento dos fenômenos e contribuindo para a compreensão dessas inter-relações. Nesse sentido, é possível perceber que o ser humano, mesmo que ele esteja isolado em uma mata, não perde a sua conexão com o mundo, pois isso se dá por diversas percepções. Através do clima, pelo efeito estufa, dos ciclos da natureza e até mesmo pela sua história e pelos seus pensamentos. Estes sujeitos têm, ainda, os valores de conservação, cooperação e cuidado. Esses pensamentos e valores surgem em contraponto ao pensamento racional, analítico, reducionista, linear e aos valores de expansão, competição, quantidade e dominação.

Essas são apenas algumas questões que surgem a partir dessa nova percepção. Sabemos que esse paradigma tem, como principal utopia, transformar o modo de viver do humano. Ou seja, sair do produtivismo para entrar em um novo humanismo. O sujeito interage com o meio ambiente e percebe as características ambientais porque é sensível aos estímulos que vem do meio, ou seja do seu entorno.

Conforme Tassara (1996), um novo humanismo é caracterizado sobre elementos necessários à transformação da realidade, alicerçada nas relações que

devem ser estabelecidas entre a psicologia social e o entendimento da história e da ideologia.

Relacionando esse conceito com o Parque da Redenção e aos sujeitos que ali se encontram, pode-se buscar outro conceito, que seria a psicologia ambiental. Segundo Gifford (1997), a psicologia ambiental é uma nova área dentro dessa ciência que busca compreender a inter-relação do ser humano com o seu ambiente, entendendo como os comportamentos variam conforme o meio em que se vive. Quando observa-se as pessoas em contato com a natureza, dispostas a interagir, com os pés descalços e em contato com a terra, sentindo a brisa, o sol, a sombra e o espaço que ele tem para usufruir nesse contato, se tem uma exemplificação da passagem citada por Gifford, que aparece logo acima. Segundo o mesmo autor, partindo do ponto de vista da psicologia ambiental, a percepção do ambiente também está relacionada a fatores pessoais, culturais e outros.

A partir dessa percepção de valores, que nada mais é que uma grande mudança cultural, uma sociedade baseada em constantes transformações, passa a ser possível. Nesta sociedade, a produção não está amparada na destruição, mas sim na sua retroalimentação, no viver a natureza e interagir com ela, perceber e até se sentir pertencente ao meio ambiente - o que evidencia uma cultura mais visionária, onde os sujeitos vão transformar o quadro de insustentabilidade existente no planeta. Para que essa transformação ocorra, se faz necessário a ampliação da percepção. Pode-se compreender que essa ampliação da percepção ocorre quando estamos com os cinco sentidos, vinculados ao lugar onde nos encontramos.

Ao analisar o comportamento das pessoas que vivem a Redenção, pode-se intuir a ligação dos sujeitos conectados a um lugar, como se esse lugar fizesse parte deles, seja pelo toque dos pés na grama, pela brisa de um final de tarde, pela roda de violão, pelo sabor do chimarrão, pelo cheiro da pipoca e também pelos ipês floridos na primavera.

Hoje a maior parte da população reside em cidades com deficiências crônicas importantes como poluição, falta de saneamento, entre outros. Porém, nas áreas verdes, como praças e parques, é possível perceber que muitos sujeitos mantêm uma relação diferenciada com essas áreas.

O que é imprescindível não é o saber mas o sentir. Quanto mais uma pessoa sofre com a degradação do meio ambiente, se indigna com o sofrimento dos animais e se revolta contra a destruição da mancha verde da

Terra, mais desenvolve novas atitudes de compaixão, de enternecimento, de proteção da natureza e uma espiritualidade cósmica (BOFF, 1999, p. 117)

Aqueles que possuem uma rotina de estar na Redenção, por exemplo, e de já haver criado o vínculo com o lugar, falam de suas sensações e dos seus sentimentos como algo que está presente e que se tornou corporificado por eles. Isso só é possível sentir quando se é despertado a ampliar a percepção. O que, nesse caso, faz com que se crie uma outra forma de se relacionar com a natureza, com o lugar. Nesse cenário, os sujeitos que no dia a dia frequentam a Redenção, são capazes de perceber as alterações que ali acontecem, seja pelo canto dos pássaros, que muda conforme as estações do ano e/ou a alteração da luminosidade, seja pelas alterações climáticas, ou pelas árvores que também mudam a sua coloração, sua quantidade de folhas e suas flores. Quando se é capaz de perceber essas mudanças pode-se sentir essa ampliação da percepção.

Toda a humanidade tem passado por grandes e dramáticas revoluções no conhecimento. Cada uma destas revoluções pode ser encarada como uma mudança paradigmática. Provavelmente a percepção seja um dos campos de estudo mais atingidos por este novo paradigma, pois nos mais variados níveis, esse momento nos remete a uma mudança de uma nova construção na forma de ver e se relacionar com o ambiente que nesse caso seria o local Parque da Redenção. Ele representa um espaço que traz tantas informações e percepções em função das suas muitas possibilidades de vivências que para a maioria esse ambiente é considerado um lugar, o seu lugar, o lugar de vários.

A reflexão psicológica, uma vez iniciada ultrapassa-se então por seu movimento próprio. Depois de ter reconhecido a originalidade dos fenômenos em relação ao mundo objetivo, nos é conhecido, a reflexão psicológica é levada a integrar aos fenômenos todo o objeto possível, e a investigar como ele se constitui através deles". (MERLEAU PONTY, 1999, p. 93)

É justamente nesse sentido que esse trabalho busca entender o Parque da Redenção como um lugar na vida da sociedade porto-alegrense e também daqueles que usam esse parque e não são naturais de Porto Alegre. Quando se observa o comportamento dos sujeitos no parque e as suas relações com esse ambiente torna-se possível entender que todo esse movimento de afeto, de apropriação pelo lugar

teve início de uma forma individual. Conectado com algo que, para o indivíduo pode ter um sentido diferente mas que no coletivo se unifica.

Procurando desenvolver o raciocínio geográfico e o senso sensível e afetivo a partir do cotidiano é que foi construído o conceito de lugar na geografia. Existe no espaço geográfico uma parte que tem sentido para os sujeitos, com a qual se tem uma relação de identidade e de sentimento. Estas porções foram chamadas de lugar.

Tal conceito de lugar será representado pelo sujeito no parque, sendo que o parque é o espaço dos acontecimentos. Acredita-se que esse conceito deva ser retratado através dos mapas mentais para produzir reflexões a respeito do que é percepção ou do que é representação para cada sujeito, abordando ainda suas ações e suas ambições para com esse lugar.

Segundo Castello, “lugar é um espaço qualificado, ou seja, um espaço que se torna percebido pela população por motivar experiências humanas a partir da apreensão de estímulos ambientais.” (CASTELLO, 2007, p. 14). Tais estímulos, assim como a percepção de cada ser humano, podem ser tão diversificados, quanto são as relações entre as pessoas e os ambientes. Essa diversidade contribui para a construção social na formação do lugar dentro das cidades, pois cada indivíduo agrega o seu repertório e a contínua troca de experiências que marca definitivamente a percepção daquele espaço como um lugar (CASTELLO, 2007, p 14).

No parque da Redenção, os sujeitos poderão compartilhar suas identidades e seus lugares com os demais e observar as simultaneidades da vida no cotidiano. Com a compreensão que ele, sujeito, como ser social, juntamente com outros, constrói, assim, uma sociedade global, onde todos compartilham de frações do espaço - que de forma alguma é isolada e independente. Nesse sentido o parque passa a ser o ambiente experimentado, vivido, um espaço relacional, definindo lugares à medida que conhecemos e dotamos os mesmos de algum valor.

Conforme Kozel (2018, p. 146), a percepção envolve trajetórias de vida social de cada ser, isto é, os significados, as experiências, os valores que os seres humanos atribuem a sociedade e aos homens. Nesse sentido, os mapas mentais revelam a experiência, o valor e a subjetividade das pessoas no lugar vivido.

Assim, se o ambiente é o espaço experimentado, vivido, relacional; o lugar é o ambiente que adquire significados à medida que o mesmo for conhecido melhor e o dotado de valor.

Quando se relaciona o ambiente e o lugar e se dá significado a eles, percebe-se que ambos não podem se enraizar e sobreviver sem sentir valores profundos que sustentem a forma de como pode se relacionar com esse ambiente/lugar. Ou seja, para que se dê valor a algo é preciso uma mudança verdadeira e um vínculo afetivo de como se percebe a realidade em relação a essa manifestação.

Para Castrogiovanni (2005, p. 84), “estudar e compreender o lugar, em geografia, significa entender o que acontece no espaço onde se vive para além de suas condições naturais ou humanas”. Analisando essa citação pode-se identificar que o lugar é formado por uma identidade; portanto, o estudo dos lugares deve contemplar a compreensão das estruturas, das ideias, dos sentimentos, das paisagens que ali existem e com as quais estão envolvidas. (CASTROGIOVANNI, 2005).

O estudo do lugar permite compreender os fenômenos, a partir de uma escala pequena, passando por uma escala de análise mais ampla (global). Essa busca de explicações em diversos níveis de análise leva a perceber que os acontecimentos não devem ser considerados apenas em escala local, mas global, pois oprimindo o local, este que é único, particular, logo pode perder sua identidade frente à possível homogeneidade do espaço, Dessa forma, o lugar torna-se global para milhares de outros olhares desejosos por novidades (CASTROGIOVANNI, 2005).

### **3.1.1 Mapas Mentais: Representação teórico-metodológica**

A tarefa primordial da construção dos mapas mentais consiste em representar o lugar geográfico. Define-se o lugar pela noção de uso, na forma de um espaço vivido e não pela forma arquitetônica que ocupará. O lugar passa a ter uma dimensão importante para o sujeito porque esse vai retratar o seu cotidiano imediato, o vivido, fazendo tornar-se global no sentido de ser uma referência para todos os outros espectadores. Cabe acrescentar ainda que mais importante do que a consciência do lugar é a consciência de mundo que se tem por meio do lugar. Através dos mapas mentais e dos diferentes ícones que cada sujeito ao



confeccionar o seu mapa mental registrou fica evidente que, essa consciência se dá através da percepção que cada indivíduo desenvolve pela relação que estabelece com o lugar.

Lefebvre (2000) cita que quanto aos “espaços verdes”, última palavra das boas intenções e das deploráveis representações urbanísticas, o que pensar senão que constituem substitutos medíocres da natureza, como degradados simulacros do espaço livre, aqueles dos encontros e dos jogos, dos parques, dos jardins, das praças. Para o autor, estes “espaços verdes” são lugares de encontros nos quais as interações coletivas produzem representações sobre tais espaços, sobre a cidade e sobre a própria vida e experiências daqueles que estão ali e que discutem suas existências. Estes processos são importantes a emergência das pluralidades culturais e de identidade frente à cidade que se produz pela uniformidade de formas e das ações a desempenhar. Tais sociabilidades, nas quais os parques dão lugar perante a rigidez normativa da cidade, permitem a criação de “espaços de representações”, como lugares privilegiados dos quais emergem outras interpretações sobre a vida nas cidades.

Conforme citado por Claval (1998), os espaços de representação são um resumo entre a materialidade que lhe dá suporte, entre a rede de relações sociais promovidas pelos grupos que o frequentam e entre o conjunto dos significados atribuídos por esses grupos. Isso os transformam em um verdadeiro espaço - monumento do cotidiano vivido em seu interior e entorno, como também é perceptível no Parque da Redenção.

A imagem como representação do espaço é utilizada desde a antiguidade através da linguagem simbólica. O homem tinha como rotina gravar na pedra as figuras e representações de seu cotidiano. Nesse sentido, o uso dos mapas mentais surge como uma ferramenta importante para observar os desenhos concebidos a partir da percepção sensível da experiência do sujeito com o lugar.

Não necessariamente essas representações serão baseadas em informações precisas e rigorosas. Elas podem surgir como elementos fortemente subjetivos. Segundo Tuan (1980), o homem possui uma capacidade altamente desenvolvida para o comportamento simbólico e a Geografia vai se apropriar dessa capacidade construtiva para dar lugar às expressões do sujeito. A simbologia que cada sujeito expressa com diferentes formas, cores e olhares evidencia uma linguagem única da espécie humana. Os mapas mentais possuem a capacidade de revelar a relação do

sujeito com o espaço de várias maneiras. Assim, é possível representar o lugar tanto na sua forma física aparente como na forma subjetiva, onde é perceptível a manifestação ligada à psique humana.

E como se pode sentir um lugar, senão através da percepção? O termo percepção refere-se ao efeito de perceber, através dos sentidos, uma ou mais imagens, ou sensações internas que resultam de uma impressão material feita pelos sentidos. Neste caso pode-se entender que se os sujeitos estão em um parque urbano, dotado de uma natureza diversa pode-se concluir que:

Quando as pessoas buscam o contato com a natureza estão buscando maior contato consigo mesmas. E para abrir as portas para esse contato, é preciso silenciar. A natureza tem um silêncio próprio Sem oferecer o tempo do silêncio não há experiência com a natureza. Ela segue seu percurso separada do ansioso visitante (MENDONÇA, 2005, p. 224).

Quando foi realizado o diálogo com os sujeitos que vivem a Redenção e eles se dispuseram a colaborar com a confecção dos mapas mentais, pôde-se observar que os mesmos não buscam uma imagem espontânea ou um olhar por algum lugar. É visível que muitos buscam não só uma imagem, mas também uma sensação, um momento que existiu o despertar dessa percepção. A percepção é a função que permite ao sujeito receber, elaborar, interpretar e se apropriar da informação. Sabe-se que quando se está em um ambiente, se fica disposto aos elementos que afetam as sensações, percepções e até mesmo as ações.

Neste sentido, Gifford (1997), os estudos de percepção ambiental, envolvem a visão do observador com relação as cenas do dia-a-dia, estando este inserido no meio ambiente e sofrendo milhares de influencias pessoais e físicas no processo de percepção. Os estímulos que estão em um determinado ambiente, neste caso um parque urbano, desperta a percepção do usuário e isso faz alterar o seu comportamento, o seu próprio ambiente, criando assim uma relação uma forma de adaptação.

Assim, pode-se observar que os seres humanos como sujeitos sociais também estão suscetíveis aos artefatos culturais, aos símbolos e aos signos, gerando muitas vezes grupos sociais bem identificados pelo seu comportamento, jeito de ser e também pelo lugar que ocupam na Redenção. Entende-se que em um ambiente cíclico, onde a paisagem muda, as cores mudam, os cheiros mudam e até mesmo os sujeitos mudam, fica evidente que o vínculo com o lugar se dá através da

total ampliação da percepção. O ambiente físico é um importante aspecto da realidade, que se manifesta sobre os seres humanos, e que influencia as suas cognições, sentimentos e ações.

Gibson (1977) foi um proponente do "realismo ambiental", ou seja, ele definiu a noção de que a nossa percepção ambiental e o nosso conhecimento derivam de um contato direto com objetos ambientais. Também Altman e Rogoff (1987) incluíram o ambiente físico como um aspecto essencial do objeto psico-ambiental. Neste nível, o estudo da relação ambiente/comportamento focaliza o modo como os estímulos físico-químicos e os contextos ambientais afetam as percepções, as preferências, o conhecimento e as ações. Quando se está inserido em um parque urbano em uma área verde dentro de uma grande metrópole torna-se totalmente vulneráveis às mudanças que podem ocorrer nesses espaços, essas mudanças podem ser decorrentes de fatores naturais, como um temporal ou até mesmo oriundo da gestão pública. Um exemplo para ilustrar esse tema seria a de um indivíduo que ao fazer o seu mapa mental sentado de frente aos tapumes do espelho d'água no parque da Redenção, desenhou o espelho sem os tapumes, isso demonstra que algo mais profundo existe nesta relação sujeito/lugar.

Se nesse curto espaço de tempo, onde os tapumes foram colocados, o sujeito já os inserisse nos mapas mentais, ele estaria representando o lugar, estaria ilustrando, algo que temporariamente está ali, mas que não faz parte daquilo que ele percebe. Através dessa análise é possível entender que os vínculos se manifestam/surgem quando o sujeito amplia a sua percepção pelo lugar. Nesse sentido se o ambiente é considerado o espaço vivido, experimentado o espaço de relações, o lugar será o ambiente que adquire significados, onde quanto mais se conhece e se interage mais ele é dotado de valor.

No campo de estudo das representações a discussão está relacionada ao simbólico - a forma de expressar aquilo que foi analisado, independentemente se foi alcançada a percepção ou não. A valorização dos estudos no campo das representações virá como uma contribuição para os paradigmas das ciências psicossociais, buscando compreender melhor a sociedade em que se está inserida. Essas representações podem ser expressas mediante o uso dos mapas mentais e através de palavras e gestos. Elas estão ancoradas em um momento real e de uma forma concreta. Essa forma estará vinculada a um objeto.

Para que se possa explorar as representações faz-se necessário conhecer o contexto onde esses indivíduos estão vinculados. Para Moscovici (1978), sujeito e objeto não são funcionalmente distintos, na verdade eles formam um conjunto indissociável. Isso quer dizer que um objeto não existe por si mesmo, mas apenas em relação a um sujeito (indivíduo ou grupo). É a relação sujeito-objeto que determina o próprio objeto.

Ao formar sua representação de um objeto, o sujeito, de certa forma, o constitui, o reconstrói em seu sistema cognitivo, de modo a adequá-lo ao seu sistema de valores, o qual, por sua vez, depende de sua história e do contexto social e ideológico no qual está inserido. (MAZZOTTI, 2002, p.17).

Sendo assim, as representações demonstram claramente que se faz necessário para que se crie o vínculo com algo ou com alguma coisa que seja necessário ampliar a percepção. Um exemplo para ilustrar esse tema seria a de um indivíduo que ao fazer o seu mapa mental procura identificação com algum lugar, diferente do sujeito que elabora o seu mapa sem precisar procurar o lugar, pois o lugar está nele. Em outras palavras, pode-se dizer que existem algumas condicionantes que devem ser avaliadas com atenção ao estudo das representações sociais. Quando um indivíduo, ao desenvolver o seu trabalho, através de um mapa mental, nem sempre consegue expressar a sua percepção para o pesquisador que fará a interpretação do mesmo. Muitas vezes existe na representação uma parcela de percepção do lugar por parte do autor que nem sempre conseguirá atingir o espectador, de forma integral.

Alguns sujeitos ao confeccionarem o seu mapa mental, precisaram de tempo, precisaram observar onde estavam, precisaram buscar elementos através do olhar.

Muitos são os elementos que podem explicar a gênese das representações sociais. No entanto, nem todos têm a mesma importância. Alguns são essenciais e outros são secundários. Torna-se, pois, importante conhecer, compreender, e agir no campo da representação social, respeitando sua organização. Ou seja, tem que haver respeito para com a hierarquia dos elementos que a constituem e as relações que esses elementos mantêm, estreitamente, entre si." (ABRIC, 2003, p.60-61).

Ao se analisar os mapas mentais percebe-se que as representações somente se materializam, podendo ser interpretadas, a partir de ações e de ideias que são intercedidas através da vivência da realização de atividades concretas. Isso só

poderia ser percebido caso houvessem ferramentas capazes de demonstrar a existência da ampliação da percepção. Ferramentas essas que poderiam acontecer, como exemplo, a partir da realização de uma trilha contemplativa no parque, ou alguma atividade que despertem uma maior conexão do sujeito com o lugar em que ele está inserido.

Neste sentido, e concordando com Jean Claude Abric, pode-se dizer que a teoria do núcleo central implica em uma consequência metodológica essencial, que é estudar uma representação social de início, e antes de qualquer coisa, buscar os constituintes de seu núcleo central. De fato, o conhecimento de um conteúdo não é suficiente. O que fornece consistência e relevância a esse conteúdo é sua organização, sua significação, seu sentido.

O professor Álvaro Luiz Heidrich, do Instituto de Geociências da UFRGS, declara em suas aulas expositivas, que o espaço não é objeto de estudo real (objetivo). Ele não existe fora de nossas representações. O que conhecemos sobre suas geografias é adquirido a partir de conceitos que buscam qualificar objetos, processos, relações e situações. O conhecimento geográfico não é o do espaço geográfico (diretamente), das paisagens, territórios e lugares, é, antes de ser isso mesmo, o conhecimento sobre aspectos ali presentes que vão sendo reunidos (e validados) para se lidar com esse contexto. Os significados ganham sentido a partir do diálogo e da conversação, da produção de sentido.

E como criar sentido sem a ampliação da percepção? Sem o experimentar criar a relação o vínculo profundo com o lugar, com aquelas “coisas” que te impulsionam voltar, criar afeto, vínculo e até mesmo apropriação?

No processo de significação na cultura há dois “sistemas de representação” relacionados: um é aquele que dá sentido ao mundo por meio da construção de um conjunto de correspondências que entenderíamos como percepção; o outro faz associação do conjunto de correspondências criado. Nosso mapa conceitual é um conjunto de signos, dispostos ou organizados em diversas linguagens, que indicam e representam aqueles conceitos, que seriam as representações. A relação entre “coisas”, conceitos e signos se situa, assim, no cerne da produção de sentido da linguagem, fazendo do espaço que liga esses três elementos o que chamamos de “representação”.

Sabe-se que a visão de mundo é fragmentada, quando se frequenta um parque classifica-se as coisas (árvores, monumentos, *playground* ...) e as pessoas, se tem dificuldades em enxergar a totalidade.

Os mecanismos de nossas representações permitem a existência de símbolos – pedaços da realidade social, mobilizados pela atividade criadora de sujeitos sociais para dar sentido e forma às experiências nas quais eles se encontram (JOVCHELOVITCH, 2009 p 78).

Os grupos criam representações para filtrar a informação que provém do meio e dessa maneira controlam o comportamento individual. Na compreensão de Ernest Cassirer não se trata diretamente das coisas, mas da relação que se tem com elas, do que se sente e se compreende, por meio da linguagem, da arte, do mito, da ciência e da religião (GIL, 2015, p. 19)

Para Gil (2015), o estudo das representações pela Geografia tomaria as “representações sociais como ponto de partida para uma Geografia Cultural do mundo banal, da cultura cotidiana, do universo consensual impactado pelo universo reificado da ciência e da política”. Ele propõe quatro instâncias analíticas:

1. **A percepção da espacialidade** – um estudo fenomênico;
2. **A sua concepção** – um estudo das formas e processos, permeados por um sistema simbólico;
3. **A sua representação** - um estudo das representações como expressão da espacialidade social;
4. **A representação como conhecimento analítico** - engendrado pela dialética entre o universo consensual e reificado.

Neste sentido, essas instâncias analíticas foram contempladas durante a pesquisa, pois estavam relacionadas com o processo de entendimento de qual forma o Parque da Redenção é visto pelos seus usuários. Partindo do eixo da percepção até chegar a representação, com os Mapas Mentais, entendo que o parque é um espaço compartilhado de modo heterogêneo, por diferentes grupos sociais.

Pode-se considerar que estes dois universos apresentam imbricações e impurezas entre eles. Também, juntamente com a anteposição entre autenticidade e fabricação, tão comuns nas nossas geografias, pode-se compreender que as

representações estão no centro do entrelace entre cultura e território, que aproximam e afastam uns dos outros, movem intercâmbio e isolamento, identidade e diferença, globalidade e localidade.

Segundo Serpa, em outra análise temos a discussão que identifica que percepção e cognição não são a mesma coisa, trazendo à tona esse enfoque principalmente para a interpretação dos mapas mentais. Se tomar como certo que percepção e cognição não são a mesma coisa, convém explicitar a adoção de métodos e teorias que deem conta da complexidade dos processos cognitivos e dos respectivos “espaços de representação”.

A distinção não visa, no entanto, ao estabelecimento de uma dicotomia rígida entre percepção e cognição. Na verdade, isto é também uma questão de escala e de foco da pesquisa: a cognição está relacionada a espaços de referência cuja extensão e dimensões não podem ser percebidas ou apreendidas de modo imediato e reflexo. Estes espaços precisam ser cognitivamente “organizados” e decodificados para serem incorporados à memória e às estruturas de representação e contém objetos e eventos que estão fora do alcance da apreensão imediata.

Entre o espaço percebido, das práticas espaciais cotidianas, e os espaços de representação, das estruturas cognitivas complexas, Lefebvre (2000) introduz os espaços concebidos pelas estruturas de planejamento e de “poder”, constituindo-se, assim, uma tríade conceitual que aprofunda a análise do espaço e da “percepção” do espaço. Estamos longe de um arcabouço teórico-metodológico que dicotomiza a realidade e a “percepção” da realidade.

O espaço percebido está relacionado diretamente aos objetos e aos fenômenos imediatos, carecendo de elaborações simbólicas de cunho complexo. É o campo dos perceptos, embora haja, já aí, o início da incorporação dos objetos e dos fenômenos às estruturas cognitivas. O espaço concebido é símbolo que carece de perceptos, que busca se incorporar às estruturas cognitivas sem a legitimação das práticas espaciais cotidianas, influenciando, porém, diretamente nos espaços de representação. Estes últimos são, em última instância, o lócus dos processos cognitivos e das representações sociais. É o espaço das mediações e da interlocução entre o percebido e o concebido.

Os mapas mentais, como aporte metodológico, se consagraram nos estudos e pesquisas de psicologia social e, desde o clássico “A Imagem da Cidade” de Lynch (1975) vêm sendo usados também para avaliação dos espaços urbanos e das

estratégias de apropriação e de territorialização dos diferentes agentes e grupos nas cidades do mundo. O que permanece na memória? O que foi esquecido? O que é considerado importante nos espaços frequentados? Em um mapa mental é possível perceber a representação, assim como a própria percepção do autor. Isso se altera conforme o sujeito interage e se apropria daquele ambiente como lugar.

De acordo com isso, toda imagem ou representação é seletiva: formas e tamanhos podem ser deturpados, relações espaciais podem ser transformadas, em alguns espaços apreende-se muitos detalhes, em outros, as representações e imagens podem se constituir em versões empobrecidas da realidade. Assim, numa mesma paisagem, diferentes observadores encontrarão material de percepção adaptado ao seu modo individual de olhar o mundo.

Analisando esses dois contextos explorados anteriormente, percepção e representação vinculados aos mapas mentais e ao lugar Parque da Redenção, pode-se ter o seguinte entendimento: Somente é possível criar vínculos com um lugar ou até mesmo com um grupo social, quando existirem elementos profundos de sensibilização e afeto, construindo uma ligação de identidade. Para que isso seja possível, se faz necessário a ampliação da percepção, ou seja, sentimentos provocados que favoreçam a sensibilização através dos cinco sentidos. Isso pôde ser comprovado, através do contato com os sujeitos e com os grupos pesquisados, nos momentos das conversas prévias, durante os percursos das trilhas, na elaboração dos mapas e nos depoimentos expressados pelos participantes.

Quando se tem em mãos um mapa mental e se começa a analisar e interpretar a figura ali representada, procura-se instintivamente atribuir ao mesmo algo que possa representá-lo, a uma figura, um objeto ou um lugar experienciado anteriormente, procurando, fazer um vínculo a essa representação no contexto da figura.

Quando se consegue interagir profundamente com essa representação e a partir da análise, sentir claramente o que está sendo expressado no trabalho, pode-se entender isso como percepção. Muitas vezes o desenho possui traços tão diferenciados que ele é capaz de fazer conexões verdadeiras e intensas ao lugar.

Nesse sentido pode-se entender que nem sempre um mapa mental expressa apenas uma representação. O mesmo, muitas vezes, está dotado de várias percepções que apenas o lugar pode oferecer.



Pode-se compreender um parque como um verdadeiro laboratório a céu aberto. Nesse cenário, são trazidos todos os cinco sentidos, que são colocados em ação. No parque, existem inúmeros recursos à disposição, provocando sentimentos no frequentador. É possível trazer como exemplo, o movimento solar, sendo diferente no período do dia e nas diferentes épocas do ano. A coloração das folhas e flores, a visitação de diferentes aves, em diferentes horários e períodos do ano. As próprias pessoas e grupos que se diferenciam conforme o dia e horário. Todos esses elementos trazem esse movimento, que afeta as nossas percepções causando nos frequentadores uma avalanche de estímulos que são trazidos por um espaço como esse, fazendo o usuário mergulhar nesse ambiente. Em função disso, muitos dos mapas mentais trazem uma reflexão de que algo mais profundo está presente além de apenas a representação.

#### **4 A PESQUISA EMPIRICA: APLICAÇÃO DOS MAPAS MENTAIS**

Se a Geografia é uma ciência humana que estuda o espaço geográfico e suas composições, e analisa a interação que existe entre sociedade e natureza, perceber essa relação entre os sujeitos e os lugares no Parque da Redenção é desafiador. O olhar geográfico foi muito importante para o desenvolvimento desta investigação.

Conforme relatado anteriormente, a pesquisa se desenvolveu em três fases: Fase 1, através de observação e pesquisa exploratória; Fase 2, ou fase prévia, organização dos mapas mentais e definição das categorias de análise e Fase 3, organização dos mapas mentais em grupos específicos.

Iniciamos a pesquisa empírica observando o comportamento dos usuários do Parque da Redenção. Antes da aplicação dos mapas mentais, houve, a organização de uma pesquisa exploratória que permitiu visualizar as multiplicidades de grupos e sujeitos que frequentam o parque, assim como os lugares produzidos e apropriados por eles.

Era uma tarde de sol, do mês de maio, com clima agradável. Naquela ocasião a caminhada se deu com o início no eixo central, a partir do Monumento ao Expedicionário, em direção ao Espelho D'água. Durante o percurso, adentrou-se em alguns pontos específicos, como: Recanto Oriental, Recanto Europeu e Recanto Alpino, a fim de constatar a presença de usuários nesses locais específicos. Foi

observado uma maior incidência de pessoas no eixo central, onde a maioria estava praticando atividade física ou passeando com seus animais de estimação, muitas crianças e alguns idosos, esses sentados nos bancos laterais. Também foi observado alguns grupos de pessoas que pareciam ser alunos universitários, esses estavam sentados no gramado ou encostados nas árvores. Nesses grupos de jovens, observou-se a disposição em círculos, com cangas, mochilas, livros e conversas empolgadas, em meio a cuias de chimarrão. Outros, com violão em meio a roda de conversas, todos em um cenário acolhedor de confraternização. Podemos visualizar esse cenário na Figura 08. Não foi realizado, naquele momento, nenhum contato com as pessoas encontradas. O objetivo nessa expedição inicial foi somente observatório. Inclusive, isso se realizou em outros dias, a fim de perceber se esse cenário se repetia com os mesmos sujeitos que frequentavam o parque.

A partir desse olhar e primeiro diagnóstico, onde pôde-se constatar que o cenário se repetia, com a presença de pessoas e grupos com mesmas características e alguns sendo reconhecidos pela pesquisadora, aconteceram os primeiros contatos. As pessoas abordadas, na grande maioria, se mostraram receptivas. Nos inserimos nos grupos para conversar com os participantes sobre a ideia do trabalho, bem como tentar compreender a relação de vínculo dessas representações com o Parque da Redenção. Após nos apresentar como doutoranda, explicávamos o trabalho que estava sendo realizado para entender a relação entre os usuários e o Parque da Redenção.

Uma das primeiras pessoas a serem abordadas, estava sentada ao lado do Monumento ao Expedicionário, em uma cadeira de praia, sem camisa, segurando sua cuia de chimarrão. Esse sujeito, aposentado do exército, afirma ser um frequentador diário do parque, há mais de trinta anos. Usualmente costuma ficar no mesmo local, sorvendo o mate e tomando sol, muitas vezes em companhia de amigos e outras tantas sozinho, observando os movimentos de pessoas. Outra abordagem foi um grupo de jovens que estavam sentados em círculo, próximo ao Monumento ao Expedicionário, no gramado ao lado direito do eixo central. Foi questionado o porquê desse grupo se posicionar sempre no mesmo local, pois já havia sido observada essa característica em expedições anteriores. O gramado, as árvores e a posição solar, foram as justificativas da escolha do local para o grupo sentado em cangas em meio a conversas e risadas. Também no eixo central, em meio as árvores, porém ao lado oposto do primeiro grupo, estavam algumas

pessoas praticando esportes. Ao serem abordados, explicaram que ficavam ali, em virtude de haver barras de alongamento, espaço para prática de brincadeiras com bola e árvores robustas para a prática de *slackline*. Com essa observação, pôde-se identificar que os grupos utilizavam a mesma área do parque para fins distintos, e que os mesmos não se formavam imediatamente. Sempre havia uma formação gradual, conforme os indivíduos se achegavam no espaço. Nesse local, se encontram grupos que se reúnem para conversar, tomar chimarrão, estudar; grupos de mães que levam filhos para brincar; grupos que se encontram para tocar instrumentos musicais e cantar; grupos de teatro; grupos de atividades esportivas, entre outros.

Depois de um período de aproximadamente trinta dias de pesquisa exploratória, frequentando esses grupos, foi criado um vínculo com os mesmos. Foi necessária essa experiência prévia, para fortalecer esse entendimento da relação dos usuários com o parque.

Para entender esta relação considerada afetiva entre o Parque da Redenção e os sujeitos que o frequentam os mapas mentais foram utilizados como aporte metodológico para adentrar, de forma mais intensa, nas percepções que os sujeitos mantêm com o parque (como lugar) e seus diferentes recantos (internos a sua extensão territorial). O uso dos mapas mentais como aporte metodológico, para a coleta de dados de pesquisa, que no caso, permite ao pesquisador captar as percepções e formas de interpretações sobre os afetos que os sujeitos têm do parque. Na mesma linha de pensamento, este instrumento e/ou recurso está vinculado às filosofias referentes ao método fenomenológico, o qual valoriza a pesquisa que privilegia o olhar do sujeito sobre a realidade (o espaço geográfico e os lugares de afeição das pessoas comuns). Assim, os mapas mentais propiciam a capacidade de representar o lugar pautando as experiências daqueles que vivem este espaço, antes mesmo de qualquer olhar externo, neutro, natural e descompromissado sobre tais experiências espaciais. No caso deste trabalho, é através dos mapas mentais que se poderá compreender os afetos e desafetos que as pessoas mantêm do lugar Parque da Redenção. Se quer representar este espaço por este aspecto afetivo coletado diretamente das representações daqueles que o vivem como um lugar. Este é o fundamento deste projeto de pesquisa, até o presente momento.

Várias são as formas de perceber e se relacionar com o ambiente que nos rodeia. Utiliza-se os sentidos, as memórias, experiências e vivências. A relação e a percepção das pessoas com os locais podem causar sentimentos similares, porém é único para cada um. É assim, que se destaca a necessidade do entendimento da percepção espacial do Parque da Redenção, pois é através do sentimento de pertencimento que são estruturadas e organizadas as relações entre o sujeito e o objeto, conferindo valor àquilo que faz parte do mundo-vivido e que se traduz em ação a partir do significado atribuído. Segundo Kozel e Lima (2009, p. 21), “Os mapas mentais são desenhos concebidos a partir das observações sensíveis, da experiência humana no lugar e não se baseiam em informações precisas e rigorosamente estabelecidas (...)”. Através dos mapas realizados com os frequentadores, se buscou observar elementos ou signos representativos que sejam características exclusivas do parque.

Os mapas mentais como construções sógnicas requerem uma interpretação/decodificação foco central desta proposta metodológica, lembrando que estas construções sógnicas estão inseridas em contextos sociais, espaciais e históricos coletivos, referenciando particularidades e singularidades. (KOZEL, 2007, p. 115)

Os primeiros mapas que foram aplicados de forma aleatória, na fase prévia da pesquisa, em diferentes dias e horários da semana, demonstram o que aqui foi relatado. A aplicação do instrumento dos mapas mentais foi realizada a partir de uma análise de onde os sujeitos preferem ficar. Esse instrumento, criação de mapas mentais, acabou revelando o parque como um lugar, pois através dele é que foi expressado, pelo sujeito, o que faz sentido e o que tem significado no parque.

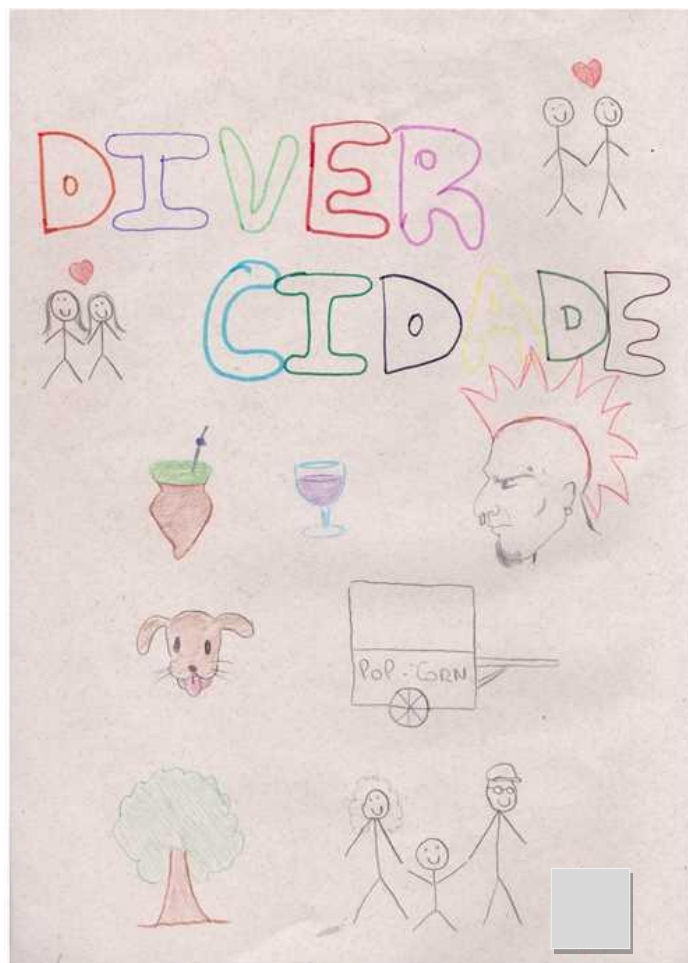
Identificamos entre os signos representados pelos participantes nos mapas mentais a presença de árvores, chimarrão, bandeira LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), seres humanos, cachorros, monumentos (Monumento ao Expedicionário e Chafariz do Espelho D'água), bancos, entre outros, conforme observado nos mapas mentais abaixo. Depois dessa análise, mapeamos os ícones mais representativos do Parque da Redenção para detalhar o conteúdo dos mapas mentais coletados durante o desenvolvimento deste projeto de pesquisa.

A abordagem aconteceu de forma muito espontânea. Era solicitado licença, após uma breve apresentação, juntamente com a pergunta, norteadora desse trabalho:

Parque da Redenção, que lugar é esse?

Alguns mapas mentais aparecem nas figuras abaixo (Figuras 13, 14, 15, 16, 17 e 18), como forma de representar a fase prévia da pesquisa.

Figura 13 - Mapa Mental 1 – Fase prévia da pesquisa.

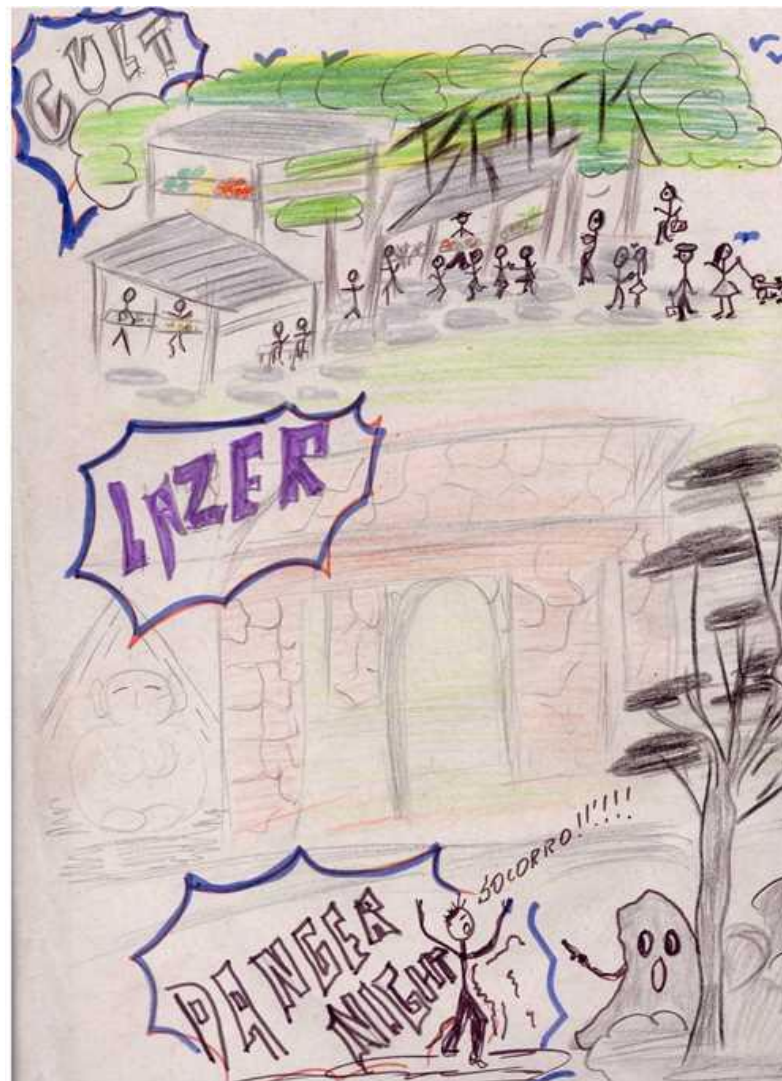


Fonte: Arquivo de pesquisa

A vegetação e arborização do parque estão representadas pela árvore, que aparece na figura acima e nos remete a um ícone importante para ser analisado. Conforme Louv (2016), que resgata a importância do ser humano com a natureza, salienta que os mesmos sofreriam em algum momento de déficit de natureza. Esse ícone surge como alvo para representar uma das categorias de análise. A

diversidade dos frequentadores está representada em seus grupos sociais: os diversos vendedores ambulantes representados pelo carro de pipoca; o “punk”, os casais homossexuais e também um casal heterossexual com um filho. Neste olhar, pode-se perceber o surgimento de outra categoria de análise, representado pela sociabilidade, que ocorre de uma forma muito espontânea neste parque. A própria palavra com um trocadilho “DiverCidade” revela o quanto o local é democrático e frequentado por diversos grupos sociais. O cachorro representado também nos indica que no local é possível levar animais domésticos. Outro elemento marcante é a cuia de chimarrão, revelando que os frequentadores utilizam esse lugar para confraternizar e tomar a bebida regional.

Figura 14 - Mapa Mental 2 – Fase prévia da pesquisa.



Fonte: Arquivo de pesquisa

Neste mapa pode-se notar que foram representados alguns elementos interessantes do Parque, o monumento do Expedicionário ao centro é um grande cartão postal do local, o Buda representa o Recanto Oriental, outro local bastante visitado e apreciado. A utilização da cor preto na árvore e uma figura fantasmagórica, alerta que aquele local é perigoso à noite (“danger night”; socorro!!!!!!”), revelando a preocupação com a segurança de quem frequenta o Parque. O característico Brique (“brick”) e a Feira Ecológica que ocorrem nos finais de semana também foram representados numa perspectiva acima do Monumento ao Expedicionário. É possível perceber a diversidade de pessoas representadas e apesar de serem localizados na rua adjacente, esta representação nos indica a importância desses espaços e como eles se incorporam ao Parque, se tornando parte dele.

Figura 15 - Mapa mental 3 - Fase prévia da pesquisa.



Fonte: Arquivo de pesquisa

Neste mapa mental, é importante salientar o banco que convida à contemplação. Porém, os grupos que frequentam o parque priorizam sentar se no chão onde em rodas de conversa materializam suas expectativas através da contribuição de cada sujeito.

Observa-se também a presença das árvores, com ou sem folhas.

Figura 16 - Mapa mental 4 – Fase prévia da pesquisa.



Fonte: Arquivo de pesquisa

Neste mapa mental, fica nítido observar o Chafariz do Espelho D'água e suas muitas representações. A diversidade se faz presente neste lugar, seja no verde, na representação dos grupos, nas rodas de chimarrão na beleza das flores, na proximidade do cachorródromo e nas famílias que ali frequentam.



Figura 17 - Mapa mental 5 – Fase prévia da pesquisa.



Fonte: Arquivo de pesquisa

Neste mapa mental, o Monumento ao Expedicionário é o lugar de identificação das diferentes representações, seja elas para ouvir música, assistir apresentações de teatro, para as rodas de conversa ou até mesmo para apreciar os dias ensolarados. Mais uma vez o verde se faz presente.

Figura 18 - Mapa mental 6 – Fase prévia da pesquisa.



Fonte: Arquivo de pesquisa

Neste mapa mental, o Monumento ao Expedicionário aparece como o lugar da diversidade, da presença do chimarrão e dos animais de estimação, os dias ensolarados permitem que esse lugar seja explorado por diferentes grupos, ou seja, representações que são características de cada lugar.

Esses foram os primeiros mapas mentais aplicados, fazendo parte da fase prévia da pesquisa. Foi através deles e do trabalho de observação e interação com os sujeitos, na fase exploratória, que surgiu esse questionamento que passou a também fazer parte dessa pesquisa. É possível, através dos mapas mentais, diagnosticar a relação que os sujeitos estabelecem com o Parque da Redenção e consolidam o mesmo como lugar?

Convém citar, nesse momento, que no total foram aplicados duzentos e trinta e quatro mapas mentais, sendo a grande maioria aplicados na fase prévia da pesquisa. Tendo em vista a grande quantidade de representações coletadas a campo, trouxemos alguns trabalhos selecionados a fim de ilustrar o projeto, exemplificando as diferentes fases e grupos. Para Os mapas mentais dessa fase

prévia, aparecem representados pelas figuras apresentadas logo acima (Figuras 13, 14, 15, 16, 17 e 18). Para a próxima fase da pesquisa, onde a investigação aconteceu com a aplicação de mapas mentais sendo separados por grupos, podemos visualizar, mais abaixo, de forma representativa, as Figuras 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39 e 40.

Houve um período, no parque, em que o Espelho D'água foi coberto com tapumes (Figuras 19, 20 e 21), por aproximadamente oito meses, para restauração do Espelho D'água e do Chafariz. Sendo esse espaço um lugar de referência, um dos mais valorizados pelos usuários, se observou, durante o trabalho de pesquisa exploratória, assim como nos processos de produção de mapas mentais, que mesmo eles (Espelho D'água e Chafariz) não podendo serem vistos, permaneciam como símbolo concreto nos mapas mentais<sup>2</sup>. Além disso, os mapas mentais não continham a representação gráfica dos tapumes<sup>3</sup>. Os sujeitos que participaram da pesquisa, não referenciaram nos seus mapas representativos as imagens dos tapumes. Muito provável que este fato tenha ocorrido pelo elemento importante de socialização que o mesmo representa para os sujeitos, como "(...) uma linguagem abstrata de sinais e símbolos é privativa da espécie humana. Com ela os seres humanos construíram mundos mentais para se relacionarem entre si e com a realidade externa." (TUAN, 1980, p.15). Desta forma, foi observado que os mapas dos participantes estavam expressando sentimentos e valores trazidos das suas construções mentais do passado e não do momento presente no Parque da Redenção.

As imagens que as pessoas constroem estão impregnadas de recordações, significados e experiências (KOZEL, 2007, p. 117).

Abaixo colocamos as imagens dos tapumes que circulavam o Espelho D'água durante o período de reforma.

---

<sup>2</sup> Isso pode ser evidenciado nos mapas mentais (Figuras: 13 a 18 e Figuras 31 a 40).

<sup>3</sup> Em 2015, a prefeitura de Porto Alegre firmou um convênio com a iniciativa privada para revitalizar a área do Espelho D'água. Durante oito meses, este espaço foi isolado com tapumes em função da realização da obra.

Figura 19 – Tapume 1 envolvendo o Espelho D'água do Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (julho/2015).



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 20 – Tapume 2 envolvendo o Espelho D'água do Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (Julho/2015).



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 21 – Tapume 3 envolvendo o Espelho D’água do Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (julho/2015).



Fonte: Fonte: Arquivo pessoal da autora

Como podemos observar nas imagens acima, os tapumes trouxeram um impacto visual e estético para o parque, impossibilitando os usuários de desfrutarem daquele local no período da restauração do Espelho D’água e do Chafariz. Mesmo assim, com esse fator impeditivo e traumático, nenhuma representação, desses tapumes, apareceu nos mapas mentais.

Podemos observar, através da prévia análise dos mapas mentais, que muitos sujeitos que frequentam os espaços do parque, demonstraram através desse recurso, representações que expressam o seu vínculo com o lugar. A presença da vegetação, dos grupos sociais, e dos elementos representativos que unem os diferentes grupos, fortaleceu a necessidade de se utilizar elementos de análise para decifrar e interpretar tais representações.

#### 4.1 CARACTERIZANDO OS ELEMENTOS DE ANÁLISE DOS MAPAS MENTAIS

A relação entre os sujeitos e o Parque da Redenção, era a questão central da pesquisa. Assim, elaborou-se uma construção prévia de aplicação de mapas mentais após a fase de observação/pesquisa exploratória. A investigação mostrou resultados interessantes e a partir dessa prévia foram criados indicadores ou elementos para análise dos mapas mentais. Definimos os elementos de análise a partir dos ícones que apareceram nessa fase da pesquisa.

Uma das questões que mais instigou a pesquisa foi entender por que as mesmas pessoas costumam frequentar sempre os mesmos lugares no Parque. De certa maneira, elas parecem que fazem parte da paisagem do parque. Há uma ligação de afeto entre seus usuários e seus locais escolhidos. Entende-se que afeto é a disposição de alguém por alguma coisa. As pessoas demonstram suas emoções, ou sentimentos, por meio do afeto que é construído nas relações com objetos, animais, pessoas, ideias ou lugares.

Cabe acrescentar neste trabalho que o conceito de demonstrar afeto nada mais é do que a forma como um indivíduo ou animal expressam carinho. O afeto é tido como um agente modificador do comportamento porque ele causa influência na maneira como pensamos a respeito de algo. Um espaço de expressões que o sujeito já possui dentro de si também é um lugar. As pessoas guiam o espaço pelas experiências que possuem. Sob esta perspectiva, o Parque da Redenção pode ser pensado como algo invisível. O lugar, a partir da vivência das experiências individuais e coletivas, pode ser percebido pelos sujeitos, não mais como uma simples representação, e sim, como algo que transcende os símbolos, passando a atuar através dos sentidos. Quando um sujeito que frequenta o parque ocupa sempre o mesmo espaço, este local pode ser considerado o seu lugar. Esse lugar, é ainda, o que este indivíduo criou a partir de suas experiências de vida. Por que ele não explora outras áreas?

Kelly (1995, p. 95) chama atenção para que “na medida em que uma pessoa interpreta o processo de construção de outra, ela desempenha um papel num processo social que envolve essa outra pessoa”. Nesse sentido, existe uma integração entre percepção e representação, pois o sujeito que se disponibiliza ao processo de interpretação de uma construção, realizada por outro sujeito, pode

ampliar a sua própria percepção, bem como, de entender a representação do próprio lugar. Isso fica claro à medida que se observa a relação dos sujeitos nos grupos e a forma como interagem. A consequência é que os grupos alcançam também uma apropriação em grupos vizinhos, caracterizando uma interação. Ou seja, um sujeito não exerce o seu papel próprio, pois acaba se identificando com uma situação coletiva que representa algo em que acredita. Dessa forma, essa pessoa acaba desempenhando outro papel neste grupo. O sujeito abre mão do que está intrínseco em si, para se apropriar de algo subjetivo do grupo no qual está inserido.

Os mapas mentais começaram a ser elaborados e interpretados. Nesse processo, foi percebido que apesar dos diferentes públicos e momentos da aplicação dos mapas, muitos símbolos se repetiam. Trazendo à tona alguns elementos que se apresentam como importantes para análise dos mapas mentais, como Déficit de Natureza, enfocando na relação dos sujeitos com o cenário natural. Alguns outros elementos, como sociabilidade trazem reflexões interessantes para avaliação dessa metodologia ao mesmo tempo que em muitos mapas aparece a ausência do elemento humano (ou ele solitário referenciando a questão de Flaneur, que aparece nesse sentido como uma forma de revelar a intenção dos sujeitos que expressam a sua vivência e experiência no parque).

Observando os sujeitos e os grupos que frequentam o parque, identificamos em uma prévia observação dos mapas mentais coletados. Assim os três fatores que podem ser considerados como elementos de análise para o desenvolvimento e interpretação dos mapas mentais foram definidos: Déficit de Natureza, Sociabilidade e Flaneur.

#### **4.1.1 Déficit de Natureza**

Biologicamente, o ser humano não mudou. Do ponto de vista genético, ainda somos programados para lutar ou fugir, somos caçadores e coletores, como nossos ancestrais. Talvez uma das maiores diferenças entre nós e nossos ancestrais seja o fato de que eles sabiam usar o ambiente para manter a sanidade, sem perceber que estavam fazendo isto. Hoje nós sofremos de Transtorno do Déficit de Natureza, que está relacionado a falta de contato em ambientes ao ar livre, contato direto com a natureza. Atualmente, pesquisas científicas já comprovam que pessoas que

trabalham com vista para um ambiente verde, com árvores e natureza, demonstram menos agitação e estresse, isso também ocorre com as crianças.

Pesquisadores suecos compararam crianças em dois ambientes de creche: em um uma área tranquila para brincar era cercada por prédios altos, com vegetação baixa e uma trilha de tijolos, no outro a área para brincar, baseada no tema “ao ar livre em todos os climas”, ficava em um pomar cercado por pasto e floresta, ao lado de um jardim rústico com árvores altas e rochas. O estudo revela que as crianças da “creche verde”, que brincavam ao ar livre todo o dia, independente do clima tinham mais coordenação motora e mais concentração. LOUV (2016, p 125).

Em 1992, o historiador Theodore Roszak difundiu o termo “ecopsicologia” dentro da Psicologia Ambiental, ao afirmar que a psicologia moderna separou a vida interior da vida exterior. Com isso, houve uma repressão do inconsciente ecológico, que fornece a conexão com a nossa evolução na Terra. O termo “ecopsicologia”, nos últimos anos, evoluiu para incluir a terapia natural. Para o historiador, está na hora de existir uma definição de saúde mental baseada no meio ambiente – ou melhor, na ausência dele. Não há, segundo Roszak (1992), separação mais universal nesta era da ansiedade do que esta desconexão com o mundo natural.

Cada vez mais, as pessoas utilizam as áreas verdes dos grandes centros urbanos em busca desta conexão citada acima por Roszak. No caso do Parque da Redenção, este fenômeno é evidente não só em grupos de jovens, mas também pela frequência de famílias que nos finais de semana ocupam este lugar. Para o escritor Richard Louv, no livro “A Última Criança na Natureza” (2016), é emblemático que pediatras estejam alertando para o fato de que as crianças de hoje possam fazer parte da primeira geração de americanos, desde a Segunda Guerra Mundial, a morrer mais jovens do que os seus próprios pais. Na mesma lógica de atuação está a Organização Mundial da Saúde (OMS). A instituição considera o estilo de vida sedentário um problema mundial. A inatividade é vista como um grande fator de risco em doenças crônicas não transmissíveis, responsáveis por 51,6% das mortes globais. Site: Ministério da Saúde (2018).

Adultos também parecem se beneficiar desse tempo aproveitado em ambientes naturais. Os pesquisadores na Inglaterra e na Suécia descobriram que corredores que se exercitam em áreas com árvores, folhagem e paisagens se sentem mais revitalizados e menos ansiosos, raivosos e deprimidos que as pessoas que gastam a mesma quantidade de calorias em academias ou outros ambientes construídos. As pesquisas se



aprofundam sobre o que ficou conhecido como “exercícios verdes”. (LOUV, 2016, p. 70).

É comum ver academias ao ar livre, com pessoas que se exercitam uniformizadas em grupos usufruindo de uma natureza, talvez nem reconhecida em si mesma, como ocorre no Parque da Redenção. Uma razão para os benefícios emocionais da natureza pode ser o fato de que o espaço verde promove a interação social e o apoio social. No Parque, este fenômeno é facilmente identificado, como está sendo mostrado no conteúdo do trabalho. Em praticamente todas as falas dos sujeitos que vivem o Parque, e até mesmo nos próprios mapas mentais, a importância do contato com o verde e com a natureza, está sempre presente.

Importante dizer ainda que a natureza oferece uma “solidade acolhedora”. O termo é de Louv (2016.), e explica uma pesquisa realizada na Finlândia com jovens. O resultado apontou que os jovens procuram espaços onde há natureza para lidar com eventos desconcertantes. A natureza proporcionou aos entrevistados uma nova perspectiva sobre o ocorrido, causando tranquilidade para que eles pudessem refletir sobre a situação estressante e relaxar.

A vida urbana e agitada em Porto Alegre traz uma consequência direta aos sentidos: eles estão eletrificados. Qualquer espaço natural contém uma vasta e infinita reserva de informações que são um potencial para descobertas para todos os seres humanos. Um lugar natural tem o poder de tirar um ser humano de si mesmo.

O Parque da Redenção recebe milhares de pessoas que necessitam daquele espaço. Muito provável que a maioria não entenda a teoria sobre todos os benefícios que o contato com a natureza proporciona. O instinto e a sensação de pertencer àquele lugar movem esses cidadãos até o seu lugar no Parque, como previamente identificamos ao aplicar os mapas mentais.

Carvalho aponta que: A visão socioambiental orienta-se por uma racionalidade complexa e interdisciplinar e pensa o meio ambiente não como sinônimo de natureza intocada, mas como um campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais, no qual todos os termos dessa relação se modificam dinâmica e mutualmente (CARVALHO, 2008, p 37).

#### 4.1.2 Flaneur

A prévia observação que desenvolvemos anteriormente citada com os mapas mentais numa pesquisa exploratória, identifica o sujeito solitário que definimos como Flaneur.

O *flanêur*, portanto, é o leitor da cidade, bem como de seus habitantes, através de cujas faces tenta decifrar os sentidos da vida urbana. De fato, através de suas andanças, ele transforma a cidade em um espaço para ser lido, um objeto de investigação, uma floresta de signos a serem decodificados (MASSAGLI, 2008: p. 57).

É importante pensar que este cidadão não percebe o que vê porque está fechado em si mesmo com suas vivências. É uma vida que se individualiza sem permitir aberturas porque está presa em seus sentimentos e afetos. Nesta ótica, para este ser humano, tanto faz se o local é plural e de trocas ou não. Cada pessoa, de algum jeito, afeta e é afetada pelo lugar. O perambulante tem o seu afeto guardado e não aumenta nem diminui sua afetividade enquanto ocupa o espaço por onde passa. O sujeito que fica sempre no mesmo espaço do Parque da Redenção não se abre para o desconhecido, resguarda seus afetos e resiste ao que é novo.

Conforme citado por Lacan: Esses princípios não são outra coisa se não a dialética da consciência do eu, conforme é realizada desde Sócrates até Hegel, partindo da pressuposição irônica de que tudo que é racional é real a, qual é eventualmente precipitada no julgamento científico de que tudo o que é real é racional. Mas a descoberta de Freud foi demonstrar que esse processo de verificação só chega ao sujeito autenticamente através de sua descentralização da consciência do eu, em cujo eixo a reconstrução hegeliana da fenomenologia do espírito o colocava. (HOLLAND, 1979, p. 294).

Ingressar no novo é formar novas experiências. O Parque da Redenção é um parque onde os visitantes e usuários podem se perder para se reencontrarem, internamente falando. O sujeito que sai de casa para passear no Parque e senta sempre no mesmo lugar indica que não se permite experimentar o diferente. E então o todo do Parque não se apresenta para estas pessoas pelo bloqueio que elas sentem em relação ao que está fora delas mesmas, bem como o que está dentro delas. Elas se apegam a determinados pontos e não conseguem explorar o parque. Quando são convidados a expressarem por meio de mapa mental o que o Parque

da Redenção representa, eles desenham de forma atemporal o seu lugar internalizado conforme seus afetos e experiências.

Aqui convém ressaltar o curioso episódio ocorrido em Porto Alegre no mês de janeiro de 2016 (Figura 22). Um forte temporal causou a queda de inúmeras árvores no parque. Com isso, alguns dos grupos que frequentam o Parque da Redenção foram obrigados a trocar de lugar – dos seus lugares! – pois havia até perigo de novas árvores caírem.

O modelo explicativo advindo do cartesianismo simplesmente nos impede abordar a crise ecológica em sua forma necessariamente multifacetada. Assim, nossa linguagem é disruptiva e explicativa, enquanto que o que precisamos é de uma linguagem integrativa e compreensiva. Nosso discurso é reducionista, ao passo que necessitamos de uma abordagem complexa. Qualquer pedagogia ou currículo que não levar isso em conta em muito pouco contribuirá para educar cidadãos capazes de interferir na realidade política da crise ambiental. O que tem acontecido com frequência é que não temos sequer condições discursivas de apreender e interpretar as crises ambientais em sua complexidade e em sua dimensão histórica, ética e política. (GRÜN, 1996, p. 52).

A prefeitura de Porto Alegre precisou isolar algumas áreas, fazendo que as pessoas procurassem outros espaços para viver o Parque. Usuários que haviam sido atingidos por este fenômeno em consequência do temporal, desenharam seus mapas mentais registrando os seus lugares de antes do temporal.

Figura 22 – Reportagem de jornal – Queda de árvores ocasionada por forte temporal no Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil (janeiro/2016).



Fonte: Site: GAÚCHAZH/CLICRBS (janeiro/2016).

Como vínhamos fomentando a manutenção de vínculo com os diferentes grupos que frequentam o Parque da Redenção foi fácil, identificar que os grupos que mudaram de lugar, registraram nos mapas mentais os lugares anteriores ao temporal – e não os lugares que estavam ocupando quando realizaram o mapa mental. Durante a elaboração dos mapas mentais, como será tratado mais adiante, estes sujeitos relataram suas angústias em terem tentado ajudar a reconstruir os seus lugares. Essa iniciativa seria para reconstruir o lugar até então preferido ou seria uma tentativa de reconstruir seu próprio imaginário criado pelas suas experiências e afetos.

Avaliar o trânsito entre lugares não é o objetivo deste trabalho, arrisca-se, apenas apontar, que a tendência é que esses usuários estejam justamente realizando este novo trânsito e criando novos lugares após o temporal ter impossibilitado as pessoas de continuarem nos seus lugares até aquela noite de

vento, raios e muita chuva. Esses grupos estão construindo novos afetos desde o primeiro contato com o novo espaço escolhido para frequentar.

#### **4.1.3 Sociabilidade**

O terceiro fator identificado como elemento de análise dos mapas mentais é a sociabilidade. Para contextualizar a sociabilidade no mundo, é importante citar o período da renascença italiana, quando se produziu o que hoje se conhece por individualidade. No século XVIII, houve o rompimento desta noção e a individualidade passou a ter uma motivação mais íntima que não era mais a distinção, mas a liberdade. O escritor Simmel (1983), cita que a liberdade é a bandeira universal pela qual o indivíduo protege seus mais variados desconfortos e necessidades de autoafirmação em relação à sociedade.

Deste cenário emerge o homem como o centro do interesse do universo, dando espaço para o pertencimento prévio e mútuo entre direito, liberdade e igualdade.

Durante toda a época moderna, temos a busca do indivíduo por si mesmo, por um ponto de solidez e ausência de dúvidas, o qual se torna tanto mais necessário quanto mais o horizonte prático e teórico e a complexidade da vida aumentam aceleradamente, tornando ainda mais urgente essa necessidade, a qual não pode ser encontrada em instâncias externas à própria alma. (SIMMEL, 1983, p. 49).

O romantismo foi o principal canal para a expansão da consciência do século XIX. Daí em diante, com o ritmo da vida econômica, as cidades (metrópoles) escancararam o contraste da vida em cidade pequena com a zona rural no que se refere aos fundamentos sensoriais da vida psíquica. Ou seja, a cidade grande é bem diferente da rural no impacto que causa. Em cidades pequenas, as pessoas se conhecem, se cumprimentam. Nas grandes cidades, famílias habitam condomínios fechados e não sabem dizer quem são seus vizinhos.

Em Porto Alegre, o Parque funciona ainda com este viés, os frequentadores interagem nos seus lugares escolhido por eles. Uma bola pode ser jogada por uma criança até outra família onde há outra criança. Na semana seguinte, essas famílias se reconhecem e podem então estreitar laços. Simmel (1983), diz que a partir da

formação de uma rede de interação entre indivíduos se estabelece a vida social. As ações e reações do cotidiano formam a sociedade e as relações sociais. Então, a sociedade é fruto das manifestações de contato social, sendo que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência que exercem entre si. O interesse e o prazer na união social dos indivíduos e o sentimento de pertencimento a determinado grupo são ainda conceitos de Simmel e que podem ser aplicados no Parque da Redenção.

#### 4.2 GRUPOS DE MAPAS MENTAIS

Após a fase de observação/pesquisa exploratória, aplicação de mapas mentais da fase prévia e definição de elementos de análise, surgiu a necessidade de separar esses mapas em grupos com a intenção de trazer uma maior visibilidade ao projeto de pesquisa.

A Redenção é muito rica pela diversidade de usos e grupos de frequentadores. Nos finais de semana é possível perceber pessoas que vêm de outras cidades para visitar o parque. É difícil distinguir, nesses dias, um público específico, pois no parque, vários grupos com características diferentes ocupam o mesmo espaço, tornando-se praticamente um só grupo de frequentadores e admiradores do Parque da Redenção. Diferente dos dias de semana e dos turnos da semana, onde pode-se intuir quais grupos serão encontrados no parque, pela rotina estabelecida. Existe uma fidelidade dos frequentadores diários.

Fazendo uso de técnicas, como a observação aos participantes, e de dados, que se caracterizam por um olhar mais amplo na compreensão dos fatos, foi estabelecido a seleção e organização dos mapas mentais em grupos. Esses grupos foram escolhidos através da percepção das diferentes vivências que os mesmos possuem no Parque da Redenção, sendo categorizados em Grupo Militar, Grupo Poder Público e Grupo Geral.

Os mesmos podem estar definidos da seguinte maneira: Aqueles que estão muito próximos do parque, ligados pela sua história, e também pelo trabalho que desempenham, que é o Grupo Militar; Aqueles que através de programas oferecidos pelo poder público são convidados a conhecer e perceber o parque na intenção de criar vínculos e assim se tornar um “agente” de cuidado com esse lugar, formando o

Grupo Poder Público; E aqueles que estão de forma espontânea no parque, buscando algo que parece ser muito simples de encontrar; formando o Grupo Geral.

A combinação de toda essa metodologia, respeitando cada fase da elaboração da pesquisa, oportunizou a troca das lentes sobre que até então parecia ser tão conhecido. Através de todos esses processos foi percebido a complexidade que envolve estar em um lugar. Receber um mapa mental em mãos é abrir a possibilidade de entender de qual janela você está enxergando o lugar, portanto é a partir desse entendimento que toda o esquema metodológico foi organizado.

A condição de ser funcionária da SMAM, favoreceu muito o trabalho de campo, pois faziam parte das atividades semanais no parque, a prática de trilhas, como citado anteriormente. Naquela ação era favorável a aplicação de mapas mentais, o que trouxe grande riqueza para a observação. As atividades práticas foram realizadas durante aquele período, perfazendo o Grupo Poder Público.

Durante a aplicação dos mapas mentais foi possível evidenciar que a realidade na qual estamos inseridos, pode ser constantemente percebido, através dos cinco sentidos, ou seja, pela visão, audição, tato, olfato e paladar. Entretanto, além disso, também podemos agregar alguns elementos diferenciais como: o sentido do equilíbrio, da harmonia, do espaço e do lugar. Tudo o que nos chega vêm diretamente por meio dos sentidos e ocupam apenas uma parte do nosso repertório de conhecimento e percepção. A outra forma, que são as informações adquiridas de maneira indireta, nos é transmitida por meio da relação que fizemos com as pessoas, com os ambientes que frequentamos, com livros, palavras além de outros tantos recursos que chegam através das representações.

Cada imagem e ideia que se tem sobre o mundo é composta então de aprendizado, de experiência pessoal, imaginação e memória. Neste sentido, os lugares que se frequenta, se visita e se percorre, aquilo que se lê e se vê em trabalhos de arte e outros contribuem para as imagens criadas de tudo o que o sujeito constrói, além dele próprio. As mais diferentes experiências, sejam elas estritamente ligadas com a rotina diária, até aquelas que parecem distantes, caminham juntas para compor o quadro único e individual da realidade.

A capacidade de perceber, conhecer, pensar, representar e se comunicar permite ao ser humano moldar os lugares e as paisagens. A maneira como ele interage com tudo isso servirá como respostas que serão influenciadas pelas

interpretações que o mesmo será capaz de fazer a partir das suas experiências perceptivas, suas expectativas, propósitos, aspirações, gostos e preferências.

Cada lugar possui a sua própria personalidade e um conjunto de especialidades, como sua história, sua arquitetura, seus habitantes humanos e não humanos, seu clima, entre outras características. E quando há lugares semelhantes, há também o diferencial relacionado ao uso que a comunidade faz de todo conjunto, promovendo a identidade deste lugar. Desta forma os usuários associam significados simbólicos e afetivos ao ambiente, ficando ligadas a ele, tanto cultural, quanto emocionalmente. É a partir desta conexão com o ambiente que o comportamento ambiental vai se construindo no indivíduo ou grupo em determinado local (YÁZIGI, 2001, p. 45).

Desta forma, percepção no olhar de Tuan (1980), é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Isto significa que se a percepção está sempre presente em todas as atividades do sujeito, ela terá um efeito importante na conduta dos indivíduos perante ao lugar que frequentam, no caso a Redenção, ao meio ambiente.

Para Oliveira, (1983), meio ambiente é tudo o que rodeio o homem, quer como indivíduo, quer como grupo. Tanto o natural como o construído, englobando o ecológico, o urbano, o rural, o social e mesmo o psicológico. Analisando os mapas mentais consegue-se perceber através dos elementos expostos esta correlação, onde o sujeito percebe o que está ao seu redor e manifesta aquilo que está sendo experienciado por ele.

Tuan (1983), analisa as diferentes formas de como os sujeitos sentem e conhecem o espaço, as paisagens e os lugares e considera que experienciar é aprender que a realidade é uma construção da experiência uma criação de sentimentos e pensamentos.

Por outro lado Relph (1979), afirma que as bases fenomenológicas da realidade geográfica são sustentadas por três pilares: espaço, paisagens e lugar, na medida em que são diretamente experienciados como atributos do mundo vivido, embora não haja entre eles limites precisos. Ele considera que talvez o lugar seja o mais importante entre eles, porque é a partir dos lugares nos quais escolhemos viver e temos vivido que conhecemos o mundo.



A Redenção é um lugar de preferência de muitos cidadãos. Ao observar as imagens dos mapas mentais, percebe-se que essa presença, do elemento humano, está evidenciada. Isso caracteriza essa inserção do sujeito ao lugar.

Gibson (1974) salienta que para o ponto de vista psicofísico, não é o mundo que atinge a retina, mas a luz, não é uma figura retiniana que é transmitida ao cérebro pelo nervo óptico, mas impulsos nervosos. A percepção deve ser considerada mais como um correlato, do que como uma cópia da imagem retiniana, e esta por sua vez, não é uma réplica do mundo mas uma projeção complexa. A percepção é então uma interpretação com o fim de nos restituir a realidade objetiva, através da atribuição de significado aos objetos percebidos. Convém não confundir o ver com o perceber, salienta Gibson.

Do ponto de vista psicológico Oliveira (1977), observa os estudos desenvolvidos por Piaget que fornecem uma explicação cognitiva, onde a percepção é encarada como parte integrante da vida do sujeito, e é concebida como uma atividade, desempenhando um papel relevante na construção do pensamento lógico - e conseqüentemente, na percepção do ambiente e na individualização de paisagem.

É importante salientar que essa percepção não está relacionada em termos de dimensões, tamanhos e formas. Esse espaço percebido não é um vazio, mas sim, um espaço de ruas, praça e parques, o espaço onde o sujeito está inteiro, em totalidade, sentindo-se pertencente ao seu lugar. Sabemos que a visão que temos de um lugar muitas vezes contém detalhes minuciosos, portanto a percepção em grande parte é visual, porém não se pode esquecer da valiosa contribuição das demais formas de percepção.

Em certa ocasião em que trabalhávamos na Redenção, com pessoas cegas, aconteceu um fato muito especial. Ao final da trilha, ela ouviu relatos que jamais havia percebido, como a diversidade de pássaros presentes no entorno e as diferentes temperaturas que foram sentidas durante a trilha. Assim, vale ressaltar que o que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos tudo aquilo que é capaz de estimular os nossos sentidos, mas somos capazes de perceber somente o que a nossa mente seleciona através da atribuição de significados. Assim entende-se que a percepção é altamente seletiva.

Ao observar o sujeito colocar no mapa mental as suas percepções, se é capaz de entender tudo isso. Em um vasto espaço de 37,5 hectares do Parque da

Redenção, ele desenha apenas o que para ele tem significado. Assim entende-se que a percepção pode ser definida como o significado que atribuímos às informações recebidas pelos nossos sentidos. Ela é construída através do contato direto e imediato com os objetos e com os seus movimentos dentro de um espaço.

A percepção permite ao sujeito explorar, selecionar, comparar e assim tornar o espaço um conjunto de significados e significantes. Assim, o espaço é vivido como se ele fosse um prolongamento do próprio corpo. Portanto, o espaço e o lugar não estão apenas ao alcance do olhar, mas principalmente pela disposição de todo o corpo de todos os sentidos da mesma forma que o espaço e o lugar se individualiza pela relação do sujeito e o objeto (lugar), o que pode ser perceptível para um não necessariamente será para o outro.

Nessa divisão dos grupos e analisando os mapas mentais, fica nítido a percepção explícita na representação, através da disposição das imagens, possibilitando a realizar as interpretações dos mapas mentais.

#### **4.2.1 Grupo Militar**

O Parque da Redenção foi palco de uma comemoração pelo fim da Segunda Guerra Mundial e de uma homenagem aos militares que participaram dessa operação (pracinhas) da Força Expedicionária Brasileira. O grupo lutou no território italiano presidido pelo Comandante Militar do Sul. A comemoração, reuniu também representações de militares do exército e da marinha.

Os integrantes deste grupo habitam o parque na época da semana da pátria, todos os anos. Possuem uma relação forte com o Parque em função dos “pracinhas” e rendem homenagens ao tema no Monumento ao Expedicionário.

Durante a semana da Pátria, todos os anos, o fogo simbólico é aceso naquele local, onde é vigiado intermitentemente nesse período. É possível, verificar o movimento de “milicos” dia e noite no parque. A paisagem muda completamente, as pessoas que frequentam o parque diariamente, seja para caminhar, ou por atividade física ou para passear, ou para rodas e bate papos, são nitidamente “apagadas” da paisagem. Pouco se enxerga esses sujeitos no parque, mesmo sabendo que eles estão ali.

O colégio militar está sediado em frente a um dos lados do Parque, em frente à rua Jose Bonifácio onde está situado o Monumento ao Expedicionário, que originou-se a partir de um concurso elaborado pelo jornal “Correio do Povo (1946)” para enfatizar a participação dos “pracinhas” que lutaram na segunda Guerra Mundial. O projeto vencedor foi “Altar da Pátria”, que tinha um arco duplo em triunfo tendo à frente representada a pátria e nos lados de fora, os soldados. Esse projeto foi o que originou o atual Monumento ao Expedicionário, um dos símbolos do Parque da Redenção. Logo abaixo, segue alguns mapas mentais mais representativos elaborados por esse grupo de pesquisa.

#### **4.2.2 Grupo Poder Público**

Como citado anteriormente, no período em que atuamos como Coordenadora do CEIA na Secretaria Municipal do Meio Ambiente, desenvolvemos o projeto “Trilhas de Sensibilização no oito Parques Urbanos de Porto Alegre” (Figuras 23,24 e 25) e serviam para sensibilizar e despertar a conscientização dos seus cidadãos, além de promover a cultura do cuidado e respeito com os espaços verdes.

Muitas vezes o cidadão possui uma visão um tanto limitada do meio em que vive. Habitamos e convivemos diretamente com tudo que nos rodeia, porém não observamos detalhadamente ao nosso redor. Ao ampliarmos nossa consciência e reflexão com o meio em que vivemos, a sensibilização ambiental aumenta e assim todos os nossos sentidos podem perceber que estamos rodeados de um complexo sistema ecológico - do qual fazemos parte. Por razões histórico culturais nos colocamos de fora desse sistema, o que facilita a visão errônea de que a natureza é um meio separado e que sua função é servir de objeto para satisfazer as necessidades do homem. Quando estamos dispostos a modificar o pensamento, abrimos a possibilidade de restaurar a ligação com a natureza, e assim podemos perceber o meio com um outro olhar. Verificou-se que isso foi alcançado por participantes da trilha, como observado nos seguintes trechos citados pelos mesmos durante as trilhas guiadas:

*“A trilha capacita e provoca os participantes a perceberem o ambiente com um olhar mais atento as peculiaridades que cada espaço proporciona.”*

*“Aprendi muito sobre educação ambiental e a potencialidade do parque em nos ensinar, mostrando a diversidade de plantas e animais que convivemos e não notamos suas presenças.”*

*“Com a trilha pude expandir meu conhecimento a respeito do meio ambiente...”*

Muitos se deixam totalmente abertos para receber todos os tipos de sensações que a natureza proporciona, sejam internas ou externas. Esses sentem modificações que vão além do habitual, se sentem ligados com o meio, sentem uma troca de energia. Nesse estágio, o sujeito cria um vínculo social, emocional e espiritual com a natureza, e muitas vezes relatam que achavam que conheciam o parque, porém ocorria uma grande mudança na percepção, após essas experiências.

Essas trilhas foram realizadas semanalmente com diferentes grupos com várias faixas etárias, os quais fizeram parte do Grupo Poder Público.

Após a realização da trilha, alguns se permitiram sentir essa ligação mais pura e profunda com a natureza:

*“O trabalho em grupo e em direto contato com o meio, desperta amores e valores dentro dos nossos seres, renova as energias e transforma o modo que olhamos para os parques e nos relacionamos com eles.”*

*“Em tantos anos de faculdade, foi a primeira vez que me senti realizada por inteiro com um curso.”*

Em alguns momentos, percebemos a vontade de alguns de conhecer melhor os locais que percorrem e que fazem parte do seu dia a dia. Porém, muitas vezes é necessário um auxílio, uma iniciativa externa que nos motive a isso. A trilha foi idealizada para possibilitar oportunizar a população a dar o primeiro passo em direção a sensibilização ambiental e assim percorrer, trilhar o que de beleza natural temos e expandir conhecimentos que antes eram desconhecidos.

Figura 23 - Participantes do Curso: Trilhando os Parques de Porto Alegre, Palestra antes da trilha - Sala do Orquidário – Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 24 - Participantes do Curso: Trilhando os Parques de Porto Alegre, início da trilha, em frente ao Monumento ao Expedicionário – Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 25 – Participantes do Curso: Trilhando os Parques de Porto Alegre, realizando os mapas mentais - Sala do Orquidário – Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Logo abaixo, observa-se ilustrações (Figuras 26, 27, 28 e 29) de algumas imagens registradas dos participantes que criaram os mapas mentais após o curso: Trilhando os Parques de Porto Alegre.

Figura 26 – Participante da pesquisa prévia, interpretando o seu mapa mental - Sala do Orquidário – Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 27 – Painel com apresentação de mapas mentais, construídos para este projeto de pesquisa - Sala do Orquidário – Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 28 – Participante da pesquisa prévia, Professor Dr. Benhur Pinós, explicando o seu mapa mental - Sala do Orquidário – Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 29 – Participante da pesquisa prévia, explicando o seu mapa mental - Sala do Orquidário – Parque da Redenção, Porto Alegre/RS – Brasil.



Fonte: Arquivo pessoal da autora



Em iniciativa a comemoração da “Semana da Primavera” e ao projeto “Trilhando os Parques de Porto Alegre”, idealizado pelo Centro de Educação e Informação Ambiental (CEIA) foi oferecido, um projeto, ao público geral, que visava oportunizar a comunidade a conhecer os parques da cidade e através disso estimular a ampliação e a relação dos sujeitos com as áreas verdes (parques) do nosso município, enfatizando nesse caso o Parque da Redenção. Nesse projeto, foi possível participar da palestra sobre mapas mentais (Figura 30), além de realizar as trilhas guiadas. Os participantes desse projeto, também realizaram mapas mentais que fizeram parte do Grupo Poder Público.

Figura 30 - Participantes da Palestra sobre mapas mentais – Hotel Embaixador, Porto Alegre/RS – Brasil.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

### 4.2.3 Grupo Geral

Este foi o grupo das pessoas casuais, daquelas pessoas que estão quase que diariamente no parque, que possuem lugar definido, que fazem parte da paisagem do parque, que estão enraizadas naquele lugar, como árvores, e que se relacionam com diferentes grupos, e que possuem voz e comando no parque mesmo que silenciosamente, ou simplesmente aqueles visitantes eventuais.

Esses sujeitos, normalmente frequentam o parque em horários e dias de forma rotineira. Dias de semana à tarde, normalmente a partir das 15:00 horas, ficando até o sol se pôr. Nos sábados a partir das 11:00 horas, permanecendo até o meio da tarde, muitas vezes retornando, novamente no horário do pôr do sol. No sábado é mais comum encontrarmos mais grupos do que duplas pois mesmo aqueles que não moram no entorno do parque, é para lá que eles vão. Porém algumas pessoas salientam que preferem muito mais o parque em dias de semana do que nos finais de semana, enfatizando que nos finais de semana o parque é mais barulhento, ele fica mais sujo, e muito povoado. Esses usuários encontram-se próximo ao Monumento ao Expedicionário, no gramado nas laterais ao eixo central, próximo ao cachorródromo, embaixo das árvores e no chafariz central;

Próximo às árvores estão os grupos que praticam *slackline*, no gramado os grupos com chimarrão e as rodas de violão, próximo aos cachorródromo os cães ficam soltos e também socializam com os demais cachorros, próximo ao monumento estão os grupos que buscam socializar com os eventos que acontecem próximo ao monumento e no chafariz central aqueles que não querem sentar nos bancos e nem no gramado, sentam no alicerce do chafariz.

### 4.3 DESVELANDO OS MAPAS MENTAIS

#### Grupo Militar

Figura 31 – Mapa Mental 7 – Grupo Militar.



Fonte: Arquivo de pesquisa

Aqui evidencia-se, no mapa, o eixo central do Parque. Nessa imagem é possível identificar o local onde acontece o acampamento da “Comemoração da Semana da Independência”. Esse é um dos espaços mais frequentados pelos usuários sendo considerado o lugar mais movimentado do parque, onde ambos os lados possuem muitas árvores, bancos e um belo gramado. Entretanto, nesse mapa mental podemos perceber que apenas um dos lados está representado pelas árvores. No outro lado aparecem palavras como: Cultura, Criatividade, Inspiração e Tradição. Para os militares, o Monumento ao Expedicionário, é um símbolo muito significativo e está bem representado nesse mapa. Esse monumento é uma importante representação desse grupo “Militar”, pois é em seu entorno que todas as homenagens aos “pracinhas” são prestadas.

Esse mapa é interessante e muito revelador no sentido de estar evidenciando a percepção desse sujeito, (foi um militar, que o construiu). Na ocasião, o participante não desenhou aquilo que no momento estava exposto no local, pois foi em meio a comemoração da semana da Pátria quando o acampamento militar estava montado. Havia vários militares, canhões, fogo simbólico, e todos os “apetrechos” que ficam expostos durante toda aquela semana comemorativa. Aqui, o autor do mapa mental, expressou o que para ele tem sentido no parque, aquilo que desperta a sua afetividade.

Em relação aos elementos de análise pode-se avaliar, nessa imagem, através das árvores representadas, o elemento Déficit de Natureza aparecendo como um ícone bastante revelador. Entendendo o sentido de existência deste grupo, que possui como referências todos os símbolos que remetem às forças armadas, possibilita evidenciar a importância que é dada pelo autor à natureza. Bem como à sociabilidade que está salientada através das palavras descritas na arte.

Figura 32 – Mapa Mental 8 – Grupo Militar.



Fonte: arquivo de pesquisa

O mapa mental 8 também representa o Grupo Militar. O mapa expressa o local do acampamento, no eixo central do Parque. O autor enfatizou em sua representação o Monumento ao Expedicionário, que representa as forças armadas. Também aparece um sujeito ocupando o seu lugar no parque, exatamente como é percebido pelo autor. Na imagem, o sujeito está em uma posição que representa estar relaxado, feliz, sorridente e segurando uma cuia de chimarrão, bebida regional e culturalmente conhecida em nosso estado. O personagem está sentado no gramado, e não nos bancos próprios para esse fim. Esta cena é muito comum de se ver no parque. Seguindo com a análise, percebe-se os caminhos que aparecem bem marcados, mostrando especificamente o lugar de preferência desse sujeito. Aqui cabe ressaltar que não existia esse indivíduo sentado no gramado, no momento em que o entrevistado construiu o seu mapa mental. Quando o participante desenvolveu o desenho, ele representou o que sente, o que percebe no parque, e isso, demonstra nitidamente o sentido de percepção, o ato de sentir, de já ter vivenciado essa experiência, ficando na sua tela mental por haver significado e sentimento nessa experiência vivida.

Neste mapa também fica evidenciado a questão da natureza como um elemento diferencial para esse grupo, remetendo ao importante papel que as árvores desempenham como um ícone revelador para caracterizar o parque como lugar. Também podemos referenciar Flaneur, outro elemento de análise, quando verificamos um único indivíduo representado na tela, no sentido da observação do lugar, do cotidiano, mesmo ele representado pelo sujeito sentado imóvel, pode-se trazer a questão daquele que observa e desta forma que leva o "movimento" ao lugar.

## Grupo Poder Público

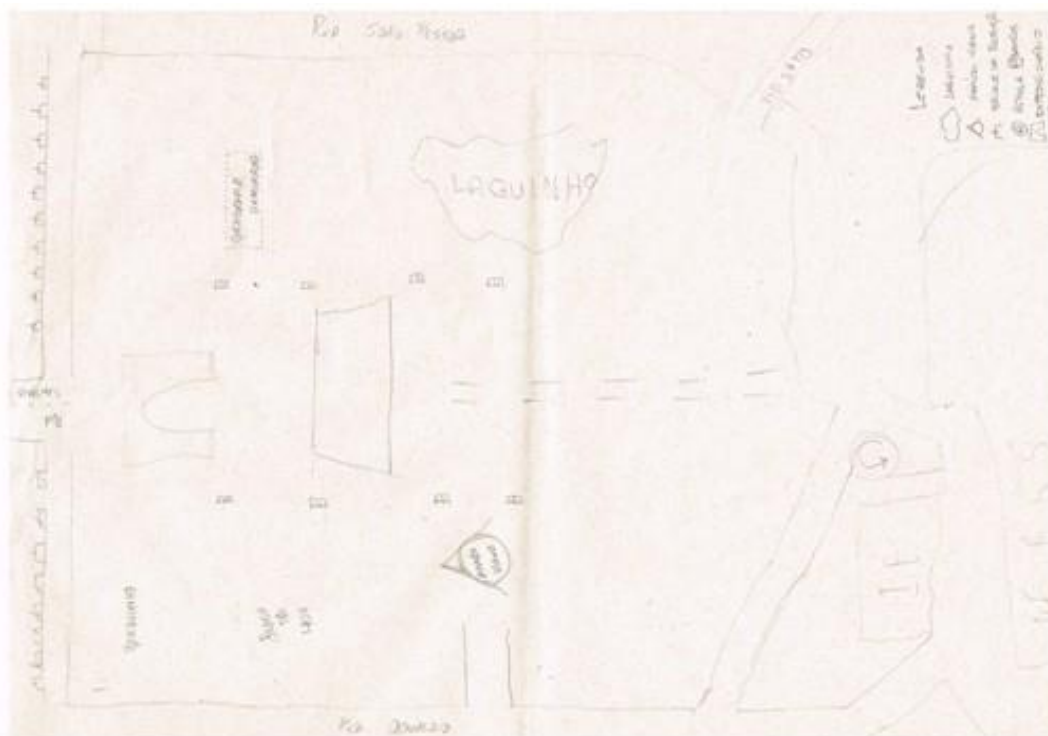
Figura 33 – Mapa Mental 9 – Grupo Poder Público



Fonte: Arquivo de pesquisa

Os mapas que representam o poder público onde foram realizadas as trilhas, observa-se os trajetos bem identificados, como podemos perceber na figura 33. Os traçados e os lugares por onde passamos durante a trilha, os pontos que chamam a atenção. Interessante observar o *slackline* em duas representações entre árvores. Aqui o ser humano não está representado. Porém mais uma vez aparece o elemento “árvore” remetendo à categoria de análise Déficit de Natureza. Cabe ressaltar que durante as trilhas se fazia bastante menção a flora e fauna local. Nesse mapa mental fica claro que ele nos traz uma representação da trilha. Podemos perceber nesse mapa mental uma certa racionalidade na sua expressão, até pelo fato de que o elemento humano não está fazendo parte, sendo que ele é, nesse sentido, o que traz o movimento a esse lugar. Durante as trilhas, algumas dinâmicas são realizadas com a intenção de trabalhar um pouco mais sobre a percepção em relação ao parque. Porém, podemos identificar que essa não é uma mudança rápida de acontecer. Podemos atribuir aqui o vínculo como um componente importante para a construção do afeto e consequentemente do lugar para o sujeito.

Figura 34 – Mapa Mental 10 – Grupo Poder Público



Fonte: Arquivo de pesquisa

Da mesma forma analisada no mapa anterior, chama a atenção o espaço bem delimitado, no mapa da figura 34. Inclusive, aparecendo nessa representação, com legenda. Entretanto, aqui nenhum dos elementos de análise estão representados claramente. Percebemos um trajeto sem muitos detalhes, trazendo para a reflexão que esse mapa não representa as muitas possibilidades de expressão de tudo que o parque pode oferecer. É um desenho com traçados definidos, onde aparecem os caminhos, o lago, o Monumento ao Expedicionário e o eixo central, possivelmente caracterizando aquilo que já era conhecido pelo sujeito pois esses elementos são pouco comentados durante o trajeto nas trilhas. Esse percurso tem como objetivo “adentrar” o parque enfatizando os espaços, que na grande maioria, são pouco conhecidos dos participantes. As árvores, os recantos, a história do parque são alguns elementos que são trazidos durante as trilhas, com a intenção de trazer uma sensibilização, e assim, uma percepção do lugar. Pela interpretação do mapa, não foi possível alcançar esse objetivo.

Figura 35 – Mapa Mental 11 – Grupo Poder Público



Fonte: Arquivo de pesquisa

Este mapa mental reflete bem uma das mais importantes buscas do sujeito no parque. O desenho remete a um lugar de aconchego, um lugar acolhedor e também de afetividade. A demarcação do círculo e as cores que nele estão demonstradas demonstram o refúgio, expressão descrita no trabalho desenvolvido. Neste mapa fica claro identificar a cidade de forma opressora, cinza sem cor e totalmente sem vida. O elemento humano no centro, trazendo como referência o “ator” que apresenta o movimento ao parque sentado no chão sobre uma “canga”. Esse cenário é muito identificado, pois é bastante comum no parque. Temos a representação de um ambiente verde, como se fosse uma ilha, na verdade um abrigo acolhedor, dentro de um grande centro urbano opressor.

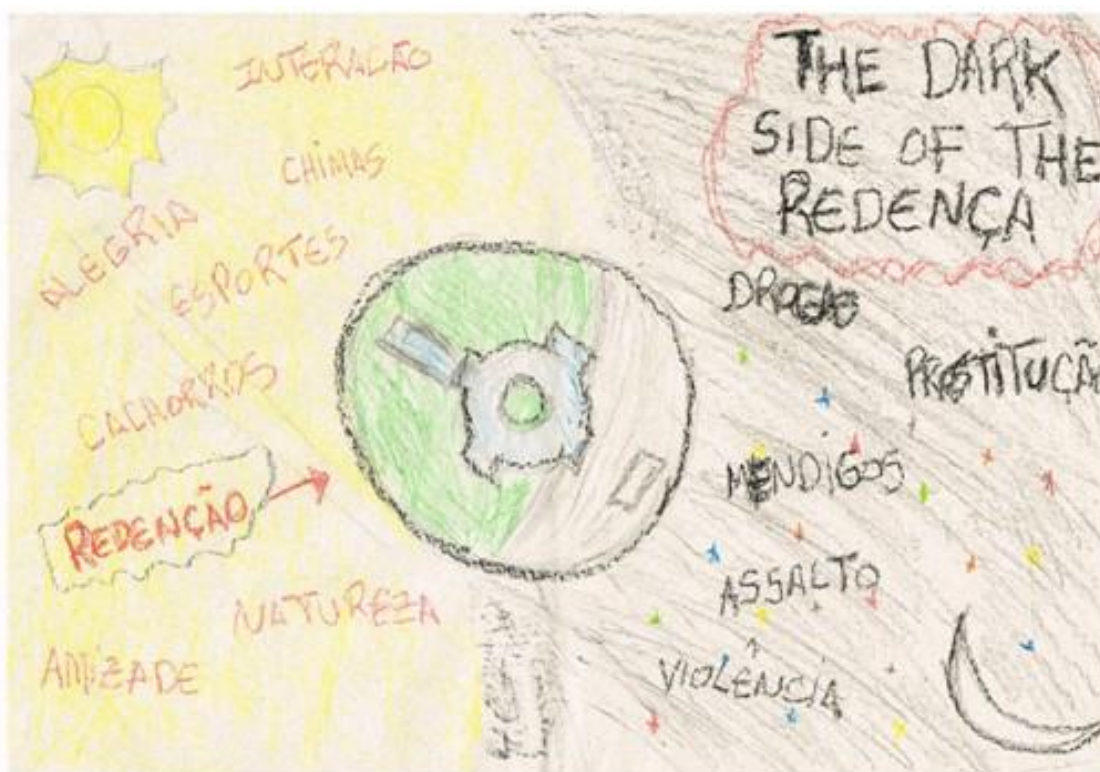
Nessa representação, apesar do autor do mapa ter participado previamente da trilha, que possui trajetos bem identificados, com ênfase em cada recanto, o participante não expressou em sua arte, esses aspectos. Ficou evidenciado o que



nele era conhecido previamente, o que nele é trazido de memória afetiva, o que faz parte dele.

Esse mapa representa claramente que através da sua percepção ele consegue sentir o parque como um lugar. Em relação aos elementos de análise podemos caracterizar o elemento Déficit de Natureza bem representado pelo indivíduo sentado no gramado em uma canga assim como a cor verde, as flores e toda a gama de informações que estão contidas nesse círculo. A palavra “refúgio” remete a um lugar que traz tranquilidade e paz. Aqui fica possível evidenciar que é um mapa mental com elementos que remetem à percepção.

Figura 36 – Mapa Mental 12 – Grupo Poder Público



Fonte: Arquivo de pesquisa

Neste mapa fica evidenciado que o sujeito identificou “os dois lados” da Redenção. Sobre um aspecto positivo, temos a natureza, a alegria, os esportes, a amizade, os animais de estimação a confraternização. Esse lado, surge com o brilho do sol, sugerindo essa possibilidade na luz do dia. Sobre um aspecto negativo, representado pela noite, mostrando que o parque possui nitidamente outro aspecto,

o da violência, escuridão, drogas e prostituição. Essas duas realidades podem ser percebidas pelo desenho apresentado, e mesmo que o sujeito tenha esse espaço como lugar ele não deixa de acolher essa dualidade. O mapa foi realizado durante o dia, porém a noite está ali de forma perceptível. A noite se caracteriza pela cor cinza, mostrando um outro lado do parque e que também é compreendido. Eles estão representados do mesmo tamanho, mostrando que essa realidade envolve sujeitos com diferentes interesses por esse lugar.

Em relação aos elementos de análise podemos perceber que Déficit e Natureza e Sociabilidade estão evidenciados no mapa com as palavras natureza, cachorro, esportes, amizade, interação, consecutivamente. O Chafariz também aparece bem representado no centro do mapa, como uma importante referência do Parque da Redenção.

## Grupo Geral

Figura 37 – Mapa Mental 13 – Grupo Geral



Fonte: Arquivo de pesquisa

Esse mapa, representado na figura 37, foi elaborado por um dos usuários frequentadores de dias de semana. Ele “recorta” o mapa demonstrando o mesmo lugar de diferentes formas. O Monumento ao Expedicionário aparece muito nítido, e a partir dele, aparece também de forma explícita, a relação afetiva com o parque, através dos corações, do verde bastante presente e das outras cores vivas. Aparece um arco íris representando a diversidade e alguns fios que se ligam como uma teia,

trazendo uma ideia de ligação. Ainda, acima, novamente outro arco íris trazendo a diversidade para o parque como um todo.

Nesse mapa fica claro a percepção desse sujeito por esse lugar. As cores são elementos importantes nesta análise, trazendo uma expressão de vida e sentimento. Os fios que ligam as representações, sem cor, trazem um olhar sutil de que tudo está interligado, através de uma teia. O Déficit de Natureza aparece mais uma vez assim como nos grupos dos mapas mentais anteriores.

Figura 38 – Mapa Mental 14 – Grupo Geral



Fonte: Arquivo de pesquisa

Esse mapa, da figura 38, traz uma riqueza de informações, evidenciando a importância em morar no entorno do parque. Os diferentes atores que fazem parte desse espaço, bloco da laje (bloco de pessoas com diferentes idades, e de ambos os sexos que ocuparam um papel de destaque em Porto Alegre, pois enfatizam de forma muito clara, através da música e da expressão corporal uma certa liberdade) os ensaios do bloco muitas vezes acontecem no parque.

A parada Livre, que também se consolidou no parque. O Chafariz, o Buda representando o Recanto Oriental, assim como a prática de meditação, atividade física. O verde, os lugares mais obscuros “trasch“, que trazem perigo. A prática do *slackline*, dessa vez com o elemento humano representado.

A imagem desse mapa demonstra muito claramente o “movimento” do parque através das diferentes culturas dos sujeitos que usufruem desse espaço. As categorias de análise estão representadas ali no quesito Déficit de Natureza e Sociabilidade.

Figura 39 – Mapa Mental 15 – Grupo Geral



Fonte: Arquivo de pesquisa

Esse mapa da figura 39, retrata um dos lugares mais frequentados e disputados do parque, ele fica a direita de quem está de costas para o Monumento ao Expedicionário, como mostra a figura 2. Essas espécies de plantas caracterizam bem esse lugar pois, apesar de existirem vários exemplares, estão concentradas no mesmo local dentro do parque. A parte escrita também evidencia o que muitos

sujeitos buscam encontrar no parque, amigos, o verde, a poesia, o chimarrão, além de tudo o que também é possível encontrar no parque. Fica caracterizado, desta maneira, que este mapa está relacionado a percepção. Nos finais de semana esse lugar fica lotado, onde muitas vezes não conseguimos diferenciar um grupo do outro, é como se fosse um grande grupo interagindo entre si, e na verdade, sabemos que não é, pois são diversos grupos independentes. A sociabilidade, como um dos elementos de análise, está representada pelas palavras, quando aparece, por exemplo, a serenata iluminada, que é um evento que acontece em algumas épocas do ano, reunindo muitas pessoas de diferentes faixas etárias e talvez um único desejo em comum que é poder estar no parque a noite com mais “segurança”. Desta forma, em relação as categorias de análise podemos perceber que déficit de natureza e sociabilidade estão mais uma vez evidenciados.

Figura 40 – Mapa Mental 16 – Grupo Geral



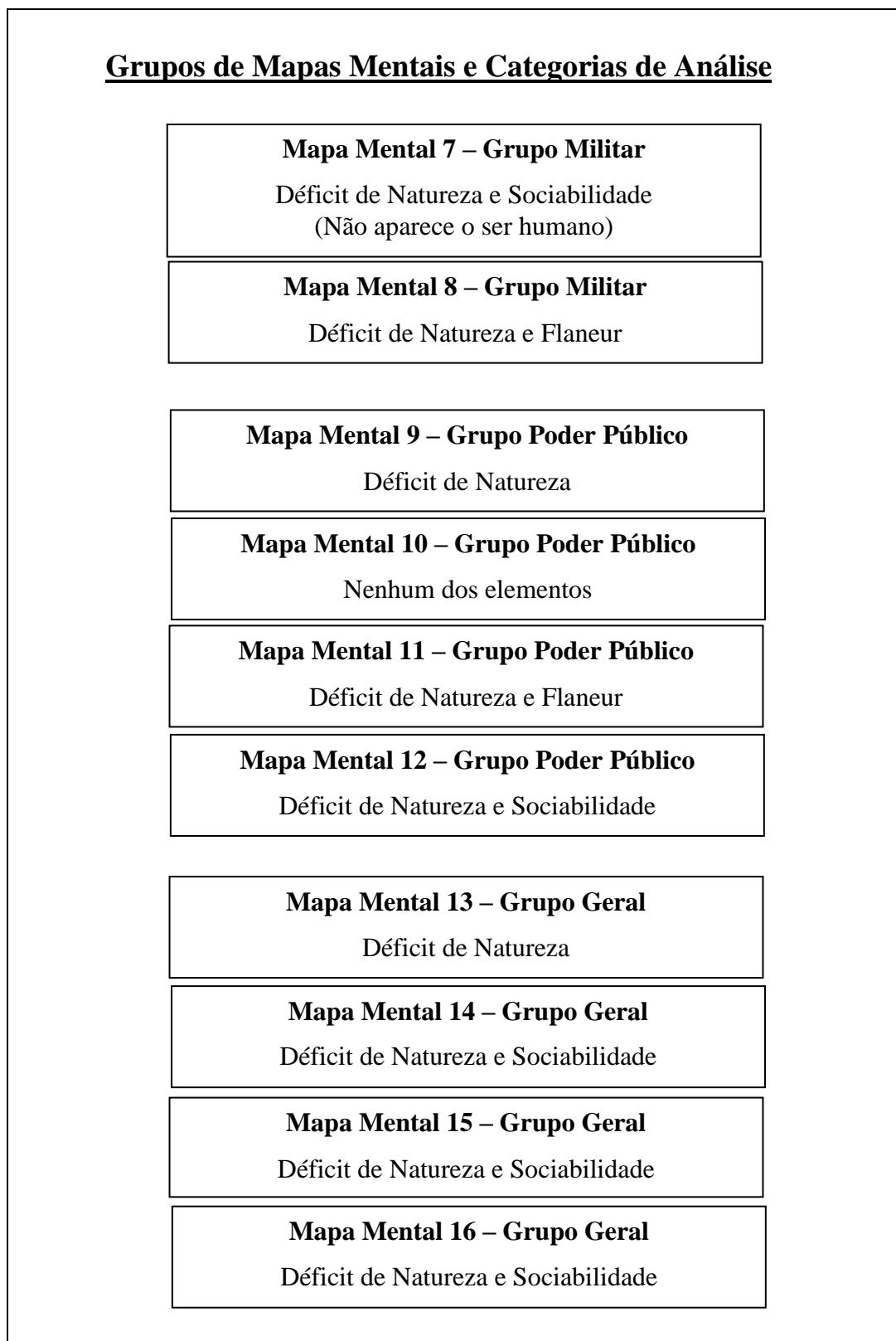
Fonte: Arquivo de pesquisa

Esse mapa elaborado no sábado à tarde retrata uma paisagem comum de se ver no parque, as pessoas sentadas no gramado próximo às árvores e os bancos vazios, isso é muito característico do parque. O contato com a terra, as rodas de conversa e a interação dos sujeitos com outros sujeitos, dos grupos com outros grupos. Esse mapa identifica um lugar único no parque, um lugar muito frequentado, um lugar que é possível identificar que já está no sujeito, o que é nítido perceber que o mapa foi realizado a partir da percepção que o sujeito tem do lugar.

Aqui podemos evidenciar os elementos e análise discutidos nesta tese. Déficit de natureza com a imagem das árvores e dos sujeitos sentados no chão e não nos bancos. Sujeitos em duplas usufruindo do lugar, trazendo o ícone sociabilidade. Ao mesmo tempo que temos indivíduos sozinhos, “solitários” que também é comum ver no parque, pessoas solitárias que observam e contemplam o lugar, caracterizando os aspectos de Flaneur.

Desta forma, podemos perceber que na interpretação dos mapas mentais surgem as três categorias de análise nos diferentes grupos, concebidas nesse projeto de pesquisa. Na figura 41, logo abaixo, temos um esquema que apresenta em forma resumida o aparecimento desses ícones nos grupos analisados.

Figura 41 – Esquema Grupos de Mapas Mentais relacionados às Categorias de Análise.



Fonte: A Autora



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma, a pesquisa identificou as especificidades do Parque da Redenção através dos diferentes grupos e sujeitos frequentadores, suas percepções e suas representações sobre o lugar. As representações sobre informação e conhecimento expressam as opiniões, os valores e as crenças que as pessoas adotam na composição desses conceitos. Essas representações são construídas a partir dos elementos culturais, sociais e históricos que permeiam o espaço social desses sujeitos. Em relação à percepção, podemos entender a relação subjetiva que os usuários possuem com o lugar. Através do uso dos sentidos podem ser obtidas informações que caracterizam e qualificam esse sentimento. Com esses sinais o indivíduo é capaz de ter estímulos e sensações conscientes e transformadoras.

Estes grupos estão justapostos neste espaço devido ele representar um significado territorial comum a todos. Ou seja, o parque se define como espaço público de possibilidade de expressão de diferentes éticas e estéticas, cujos recantos de tranquilidade, e de reprodução de aspectos da natureza, possibilitam a autenticidade comportamental. O mesmo está separado, como uma ruptura no espaço urbano, de espaços apropriados e de maneira informal, e em alguns casos demarcados por formas de regramento, porém alterado pelo seu uso através das diferentes convivências sociais.

O Parque da Redenção é um parque que se caracteriza pela diversidade de ofertas de usos, contempla pessoas que buscam o parque para usufruírem desde o esporte individual ou em equipe, de ambientes de contemplação, de recantos infantis e outros. Porém o que realmente caracteriza a Redenção são as manifestações culturais, artísticas e os diferentes públicos que ali frequentam.

É um parque que acolhe todas as faixas etárias e classes sociais. Em função disso, essa pesquisa se propôs a conhecer um pouco mais desse ambiente. Nesse sentido, foi percebido a necessidade, de entender que espaço seria esse? Relacionado a esta pergunta, o objetivo principal deste trabalho foi entender como os sujeitos frequentadores do Parque da Redenção estabelecem relações de afetividade com o mesmo e o percebem como lugar. O Parque da Redenção faz parte dos oito parques urbanos de Porto Alegre. Compreender o seu papel dentro do sistema urbano, considerando o contexto em que ele está inserido, sua forma, seu uso e a sua apropriação, foi o que motivou essa pesquisa.

Tendo em vista que o objetivo principal desse trabalho foi entender que espaço seria esse, podemos concluir que o Parque da Redenção remete a um lugar para a grande maioria dos frequentadores. Analisando a importância atual dos parques nos grandes centros urbanos e observando a história da criação desses parques, percebemos que eles foram construídos para uma camada mais nobre da sociedade, entretanto eles se tornaram, com o passar do tempo, um local democrático e recheado de diversidade. A Redenção, possui também essa característica, o que apoia fortemente a procura dos sujeitos, das mais diferentes classes sociais, por esse local. Também favorece a procura por esse lugar a sua localização central facilitando o seu acesso. Temos, além disso, a diversidade de elementos naturais como flora e fauna, que participam fortemente dessa gama de fatores influenciadores que geram esse cenário. Outro fator relevante reside no fato do Parque da Redenção ser um espaço aberto, sem cercamentos, possibilitando o livre fluxo dos frequentadores desde o seu entorno até os mais recônditos ambientes. Mesmo o parque possuindo 37,5 hectares onde se inserem muitos recantos de diferentes paisagens, é no eixo central, partindo do Monumento ao Expedicionário, passando pelo chafariz central até o espelho D'água, onde encontra-se a grande maioria dos usuários. Nesse cenário, pode-se observar a profunda interação dos sujeitos com esse lugar, onde estão representados os elementos de análise que foram previamente definidos, que são: Déficit de Natureza, Sociabilidade e Flaneur.

Podemos citar, inicialmente o elemento Déficit de Natureza evidenciado na figura 31, através do grande número de árvores que aparecem nesse mapa. Da mesma forma, na figura 32 onde o elemento humano aparecendo sentado no gramado, desfrutando a natureza, evidenciado algo de importante a ser considerado por esse sujeito, criador desse mapa. Na figura 33, que representa o grupo Poder Público, aparece com alguns traçados indicando caminhos bem definidos, e temos ali também o elemento Déficit de Natureza, mais uma vez sendo revelado através do número de árvores que ocupa uma parte importante deste mapa. Na figura 34 aparecem caminhos bem definidos, além de legendas com os principais pontos do parque, porém não foram evidenciados elementos de análise nesta representação. Na figura 35, embora o mapa esteja mais cinza do que verde, o centro dele indica algo de muito profundo, inclusive trazendo a representação escrita: "Refúgio", evidenciando mais uma vez a natureza como algo muito relevante para esse estudo.

Na figura 36, a natureza está pouco desenhada, porém ela se revela através de palavras como: “Redenção” e “Natureza”. Na figura 37 mais uma vez a natureza está identificada com o verde e com fios que se ligam a corações, indicando algo de muita afetividade. Na figura 38, temos uma mistura de cores e muitas informações, porém, mais uma vez a natureza aparece de forma diversificada estando representada por árvores e arbustos, de forma bem definida, trazendo importante relevância para o elemento de análise Déficit de Natureza. Igualmente na figura 39, o cenário é o mesmo e revela um lugar que é caracterizado por arbustos que atraem os sujeitos e que fazem desse local, um dos mais frequentados no parque. Na figura 40, as árvores também se revelam de forma superior a qualquer outro elemento que está nesse mapa.

Em relação ao elemento de análise Sociabilidade, trazemos inicialmente a figura 31, onde esse elemento aparece descrito em palavras: “cultura”, “criatividade”, “Inspiração” e “tradição”, como já referenciado anteriormente. Bem como na figura 33 onde a prática esportiva e a interação dos sujeitos trazem esse elemento evidenciado. Na figura 36, a sociabilidade aparece em formas distintas, no período do dia e outro da noite, com diferentes grupos representados, ficando evidenciado de forma bastante clara. Na figura 38 percebemos no centro do mapa a sociabilidade, com a representação do Bloco da Laje, que se caracteriza por reunir diferentes pessoas. Assim como outros grupos: “Parada Gay, CUT e outros. Na figura 39 a sociabilidade está representada também através de palavras: “amigos”, “famílias”, “crianças” e “serenata iluminada”, comprovando esse elemento de sociabilidade.

O elemento de análise Flaneur, aparece nas figuras 32 e 40, quando temos representado sujeitos que não aparecem como caminhantes, e sim como indivíduos solitários contemplando o lugar. O que demonstra que o sujeito caracterizado como “Flaneur” não foi identificado durante a pesquisa, o ser que perambula com o olhar vago e talvez contemplativo não foi evidenciado no decorrer deste projeto. Existem seres solitários porém com a intenção de buscar a contemplação e possivelmente a ampliação da sua percepção.

Dessa forma, concluímos que o elemento de análise mais evidenciado é o Déficit de Natureza, em razão da quantidade de vezes que esse elemento está presente nos mapas mentais.

Esse trabalho de pesquisa teve início através de muitos outros questionamentos onde a partir deles começaram as observações de campo. Essas observações iniciaram a partir do espaço total. A pergunta que nos acompanhou durante todo o processo sempre foi:

Parque da Redenção, que lugar é esse?

Durante a pesquisa, foi percebido que existem lugares no parque que são mais frequentados, como por exemplo, os lugares ao longo do eixo central que abrangem o chafariz, o cachorródromo e o Monumento ao Expedicionário, assim como o recanto oriental que é frequentado por um grupo bem mais restrito que são os yogues, professores de tai chi chuan, entre outros.

Essas observações mais criteriosas já começaram a partir do início do projeto de pesquisa, em 2015. A partir das observações iniciamos a identificação das pessoas, grupos e os dias e horários que os mesmos estavam no parque. Foi então, nesse momento, que se iniciou o contato mais direto com esses usuários, através de conversas informais, com a intenção de saber quem seriam esses sujeitos, moradores do entorno, pessoas que estudavam próximo ao parque e o que para eles fazia sentido por estar ali. Foi percebido nas conversas informais com os usuários, um vínculo muito forte com o parque, uma sensação de pertencimento de “donos”, do parque e principalmente do lugar, que escolhiam ficar. Foi a partir desse momento que nos sentimos instigada a confirmar se para os sujeitos que frequentam o parque aquele espaço era realmente um lugar. Diante dessa “motivação”, foi decidido começar a aplicar os mapas mentais com a intenção de ver através dos mesmos quais os ícones que mais apareceriam, pois percebíamos que esses ícones trariam a resposta para compreender essa ligação entre o sujeito e o parque. E foi a partir desse questionamento, com alguns mapas em mãos que se começou a investigação sobre o que estava sendo descrito ali. Era uma representação a partir da percepção traduzindo um significado para o ser humano. A percepção em um espaço aberto pode envolver diversos aspectos que precisam ser analisados individualmente.

Foi possível observar que os sujeitos possuem uma percepção relevante sobre o lugar que frequentam, pois praticamente todos os mapas mentais apresentados, formavam uma análise a respeito de um lugar visto através de olhares dos sujeitos e da sua experiência previa no parque.

Os mapas mentais marcam um caminho para diversas interpretações, proporcionando uma observação sensível do lugar carregado de elementos subjetivos. Assim estas interpretações são de grande importância pois através delas é possível implantar diversas ações que valorizem o lado humano nos parques.

Para cada grupo que realizou os mapas mentais, foram identificados ícones que se repetem e que acabam respondendo à pergunta chave da pesquisa na aplicação dos mapas.

Parque da Redenção que lugar é esse?

Foram identificados ícones considerados chave, como: Árvores, Monumento ao expedicionário, cores LGBT, pessoas, diversidade, animais de estimação, espelho d'água, chimarrão, esportes chafariz. Através do cruzamento das informações fornecidas pelos diferentes grupos que criaram os mapas mentais, baseado no método fenomenológico, as análises foram feitas pelo olhar da pesquisadora sobre as relações existentes entre os ícones que apareceram durante a pesquisa.

Assim a estratégia metodológica utilizada foi realizada a partir de um trabalho de observação de como o parque se movimenta através dos sujeitos que em diferentes dias horários e atividades estão desfrutando desse lugar.

Foram várias visitas, muitas vezes até com conversas informais, trocas de informações e de uma atenção plena em relação ao comportamento desses sujeitos, buscando sempre o foco na interpretação do significado da redenção para cada um.

É possível observar no mapa mental do grupo: poder público (trilhas) que o desenho foi representado através do percurso que o sujeito fez na proposta da trilha, o que remete a observação que o mesmo fez durante a trilha, (Figura 35) diferente do mapa logo abaixo (Figura 36) onde o sujeito representa um sentimento de bem estar de conexão, de um refúgio dentro da cidade.

Neste sentido fica possível evidenciar que os mapas mentais são representações advindas da percepção, e quando o sujeito reconhece o espaço ele manifesta através do mapa mental com a representação do lugar.

Entendemos que a interação com o lugar ganha um modo de inter-relação na qual aquele local recebe um significado através do vínculo construído pelos sujeitos frequentadores com tudo o que circunda aquele ambiente. Esses sujeitos, dotados de uma capacidade sensorial produz recortes dessa realidade, construindo assim percepções e interpretações de tudo que para ele passa a ter sentido.

O conforto na presença da natureza, a existência dos diferentes ambientes que o parque oferece, a biodiversidade, o contato visual, sensorial, olfativo entre todos os elementos que estão dispostos no parque, trazem uma sensação de relaxamento, aumentando assim o interesse em “fazer parte” do lugar. Ficou evidenciado, ao término desse trabalho, que o Parque da Redenção traz uma memória muito afetiva por quem frequenta o mesmo. Os lugares preferidos foram claramente demonstrados, nesse processo, através das construções dos mapas mentais.

Para um ambiente poder ser definido como lugar deve remeter a afetividade e para se ter afeto é necessário criar vínculos. Entretanto o que nos traz revelações são as percepções que vão fornecer as qualidades do mundo externo transformando em sentimento para o mundo interior.

Por fim, entendemos que o Parque da Redenção possui um caráter diferenciado em relação aos demais parques da cidade, pois é um lugar que agrega diferentes públicos, com diferentes faixas etárias e que buscam uma relação com os aspectos físicos, sociais, culturais e ambientais. Isso foi evidenciado pela interpretação dos mapas mentais através dos elementos de análise utilizados nessa pesquisa, sugerindo que o Parque da Redenção é um lugar na cidade de Porto Alegre.

No que se refere as questões relacionadas a percepção e a sua representação, nos mapas mentais, podemos dizer que aquele sujeito que vive e que se relaciona com o lugar, desenvolvendo afeto com o mesmo, ao expressar-se, através do mapa mental, coloca ali algo que esta já materializado em seu interior. Algo que foi construído através dos sentidos, pelas experiências vividas anteriormente, ampliando desta forma a sua percepção. Diferente daquele sujeito que ao desenhar o seu mapa precisa refletir ou buscar imagens ao alcance do seu olhar presente, para então conseguir se expressar. O convívio com o lugar, o sentido de pertencimento, o convívio social, as trocas e os contatos, enfim, todas vivências prévias fazem a diferença no momento da construção de seu mapa mental.

## 6 REFERÊNCIAS

- ABRIC, J. C. **Méthodes D' Étude Des Representations Sociales**. Edição ERES, maio 2003.
- AGUIAR, P. C. B.; MOREAU, A. M. S. S.; FONTES, E. O.; *et. Al.* **Áreas naturais protegidas: um breve histórico do surgimento dos parques nacionais e das reservas extrativistas**. Revista Geográfica de América Central. N. 50 – p. 195 – 213. 2013.
- ALTMAN, I.; ROGOFF, B. **World views in psychology: trait, interactional, organismic and transactional perspectives**. In D. Stokols & I. Altman (Eds.), Handbook of environmental psychology (p. 7 - 40). New York: Wiley, 1987.
- ARIOLI, M. S., RIZZOTTO, R. S. **Cenas da arborização de ontem e de hoje**. In: Atlas Ambiental de Porto Alegre. Porto Alegre, UFRGS – PMPA – INPE, editora da Universidade, 1998.
- AZEVEDO, J. **Manual de boas práticas em espaços verdes**. São Paulo. Câmara Municipal de Bragança. 2010
- BOFF, L. **Ecologia, mundialização, espiritualidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BOFF, L. **Saber Cuidar - Ética do Humano - Compaixão pela Terra**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.
- BRANDÃO, C. R. **A Educação como cultura**. Campinas-SP: Mercado das Letras, 2002.
- CARVALHO, I. C. M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2008.
- CASTELLO, L. **A Percepção do Lugar: Repensando o conceito de lugar em arquitetura e urbanismo**. Porto Alegre: PROPARG/UFRGS, 2007.
- CASTROGIOVANNI, A. C. (Org.); CALLAI, H. C.; KAERCHER, N. A. **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 4 ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- CAVALCANTE, S.; ELIAS, T. F. Apropriação. In.: CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (orgs.). **Temas Básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica / Eric Dardel; tradução Werther Holzer**. – São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIEGUES, C. S.; ETGES, M. F.; SANTOS, F. L. dos. (). **Vegetação em áreas verdes urbanas: Estudo de caso no campus do vale da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**. São Leopoldo: Instituto de pesquisas, Botânica, n. 68: 319 – 334, 2015.

GAÚCHAZH/CLICRBS. Fotos e Vídeos: **Os estragos em Porto Alegre, Registrados em Imagens**. 2016. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/noticia/2016/01/fotos-e-videos-os-estragos-em-porto-alegre-registrados-em-imagens-4964385.html>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

GERMANI, A. M. **O Parque Farroupilha: Ensaio Sobre a Evolução do Projeto Paisagístico**. UFRGS – Faculdade de Arquitetura, 2002.

GIBSON, J. J. **La percepción del mundo visual**. Buenos Aires: Ediciones Infinito. 1974.

GIFFORD, R. **Environmental Psychology – Principles and Practice**. 2º Edition. Ed. Allyn and Bacon, Boston, 1997.

GIL, F.; SYLVIO F. **Geografia cultural: estrutura e primado das representações**. In: Espaço e Cultura, Rio de Janeiro: UERJ, n. 19-20, p. 51-59, 2015.

GRÜN, M. **Ética e educação ambiental: a conexão necessária**. Campinas: Papirus, 1996.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

HERRMANN, J. **Confluências, uma crônica visual do Parque Farroupilha**. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2013.

HOLLAND, R. **Eu e o contexto social**. Inglaterra: Zahar, 1979.

HOLZER, W. **O lugar na geografia humanista**. Revista Território, Rio de Janeiro: v. 4, n. 7, p. 67-78, jul.-dez., 1999.

HUSSERL, E. **Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Idéias & Letras, 2006.

JOVCHELOVITCH, S. **“Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais”**, In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Orgs.). Textos em representações sociais. Petrópolis, Vozes, 2009, p. 63-88.

KELLY G. A. **The Psychology of Personal Costructs**. Nova York: Norton, 1995.

KLIASS, R. G. **Parques Urbanos de São Paulo**. São Paulo: Pini, 1993.

KOZEL, S. **Mapas mentais - uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas**. In: KOZEL, S. [et al] (orgs.). Da percepção e cognição a



representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem; Curitiba: NEER, 2007.

KOZEL, S. **Mapas mentais – Dialogismo e representações**. Appris editora. Curitiba: 2018.

LEITE, A. F. **O Lugar: Duas Acepções Geográficas**. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ. Volume 21 / 1998.

LEFEBVRE, H. **Lógica formal lógica dialética**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1990.

LEFEBVRE, H. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. São Paulo: Ática, 1990.

LEFEBVRE, H. **La production de l' espace**. 4 ed. Paris: Anthropos, 2000.

LIMA, A. M. L.; KOZEL, S. **Lugar e mapa mental: uma análise possível**. P.207-231. Geografia – Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Geociências - v 18, n.1, jan./jun, 2009.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 51-87.

LOUV, R. **A última criança na natureza: Resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. 1 ed. São Paulo. Aquariana, 2016.

MACEDO, S. S.; SAKATA, F. **Parques Urbanos no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2002.

MACEDO, S. S. **Parques Urbanos no Brasil = Brazilian Urban Parks** / Silvio Soares Macedo e Francine Gramacho Sakata – 2.ed.- São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Imprensa Oficial da Universidade de São Paulo, 2003 – [Coleção Quapá]

MACEDO, S. S. **Paisagismo Brasileiro na Virada do Século – 1990-2010**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da UNICAMP, 2012.

MACIEL, L. J. (org.). **Trilhando os parques de Porto Alegre – Educação Ambiental: Interpretar e sensibilizar para transformar**. Porto Alegre: Secretaria Municipal do Meio Ambiente, 2014.

MAGNOLI, M. M. **O parque no desenho urbano. Paisagem Ambiente: ensaios**. n. 21, p. 199 – 214, São Paulo, 2006.

MARANGONI, P. H. S. D; VERÍSSIMO, d. s. **Intencionalidade e Comportamento: a Percepção Vivente em Merleau-Ponty**. Phenomenological Studies - Revista da Abordagem Gestáltica - XXIV(1): 75-83, jan-abr, 2018.

MASSAGLI, S. R. **Terra roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários Volume 12. 2008, p. 55-65.

MAZZOTTI, A. J. A. **A Abordagem estrutural das representações sociais**. Psicologia da Educação, São Paulo, PUC/SP, n. 14/15, 2002.

MENDONÇA, R. **Conservar e Criar - Natureza, cultura e complexidade**. São Paulo: Editora Senac. 2005.

MENEGAT, R. (coordenador Geral). **Atlas Ambiental de Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. da Universidade - UFRGS. 1998.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia de percepção**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Vigilância de Doenças Crônicas Não Transmissíveis (DCNT)**. Disponível em: <<http://portalms.saude.gov.br/vigilancia-em-saude/vigilancia-de-doencas-cronicas-nao-transmissiveis-dcnt>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2018.

MONTEIRO C. A. F. **Teoria e clima urbano**. Série Teses e Monografias, São Paulo:USP/Igeog, n 25. 1976.

MOSCOVICI, S. **A representações social da psicanálise**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

NOGUEIRA, R. B. A. **Percepção e Representação Gráfica: A “Geograficidade” nos Mapas Mentais dos Comandantes de Embarcações no Amazonas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2014.

OLIVEIRA, L. **A percepção da qualidade ambiental, a ação do homem e a qualidade ambiental**, argeo e câmara municipal de rio claro, p. 1. 1983.

OLIVEIRA, L. **Contribuição dos estudos cognitivos à percepção geográfica**. Geografia, 2(3): 61-72, 1977.

RELPH, E. 1981. **Rational landscapes and humanistic geography**, London: Croom Helm. Relph, E., 1979.

ROSZAK, T. **The Voice of the Earth: An Essay of Ecopsychology**. 2. Ed. Grand Rapids, Phane Press, 1992.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2004.

SEGAWA, H. **Ao amor do Público**. Jardins do Brasil. São Paulo: Studio Nobel, Fapesp, 1996, p. 69.

SILVA, A. **Imaginários Urbanos**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

SIMMEL, G. **Sociologia**. Organizador [da coletânea] Evaristo de Moraes Filho. São Paulo: Ática, 1983.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo, 2007.

SERPA, A. **Por uma geografia das representações sociais**. OLAN – Ciência e tecnologia, Rio claro – SP. Vol. 5, N. 1, pag. 220 – 232, 2005.

SECRETARIA MUNICIPAL DO MEIO AMBIENTE (SMAM) de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www2.portoalegre.rs.gov.br/smam>>. Acesso em: 09 de outubro 2017.

SOUZA, C. B. G.; **A contribuição de Henri Lefebvre para reflexão do espaço urbano da Amazônia**. Confins[Online], 5, 2009. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/5633?lang=pt#quotation>. Acesso em 19 janeiro 2019.

SOUZA, C. F, MÜLLER, D. M. **Porto Alegre e sua evolução urbana**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2007.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPALDING, W. FORNARI, E. **Estudos**. Revista Brasileira de Filosofia e Cultura, Porto Alegre, v. 105, p. 45-63, jul./set. 1967.

TASSARA, E. T. O, DAMERGIAN S. **Para um Novo Humanismo: Contribuição da Psicologia Social**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 10, N. 28, 1996.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

YÁZIGI, E. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.